

VALQUÍRIA PEZZI PARODE

ESTÉTICA VIBRACIONAL:
UM PROCESSO MULTIDIMENSIONAL DE
AMPLIAÇÃO DE CONSCIÊNCIA

Porto Alegre
2004

Valquíria Pezzi Parode

Estética Vibracional:
Um Processo Multidimensional de Ampliação de Consciência

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Dinorá Fraga da Silva

Porto Alegre

2004

489186

T
7.01
P257e
2004

D.: PPGEDU
R# 30,00
6.10.05

LEG.: 42850
OBMA: 21999
07.10.05

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

P257e Parode, Valquíria Pezzi

Estética Vibracional : um processo multidimensional de ampliação de consciência / Valquíria Pezzi Parode. – Porto Alegre : UFRGS, 2004. f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2004, Porto Alegre, BR-RS. Orientadora : Dinorá Fraga da Silva.

1. Estética vibracional – Arte. 2. Educação transdisciplinar. 3. Imaginação simbólica. 4. Ampliação da consciência. I. Silva, Dinorá Fraga da. II. Título.

CDU – 7:37

Bibliotecária Maria Amália Penna de Moraes Ferlini – CRB 10/449

VIDA É ARTE...ARTE É VIDA

*A alma...pode até ser maltratada
Maltratada, chora
Mas ainda assim é feliz*

*O espírito...não se abala
Não se corrompe
Quer viver...expressando vida*

*O corpo...segue em frente
Viver como? O corpo fala
Amorosa, louca, intensamente*

*Vida é arte...Arte é vida
Êxtase, desejo sem fim
Eu no universo, o universo em mim*

*Não sei quando termino
E ele começa...permeando todos os caminhos,
Todos os espaços*

*E na interação dos campos,
Consciência em expansão,
Materializando...harmonizando...*

*Transmutando o instante expresso
Eis a obra...
E segue o processo..
Arte viva...arte é vida,
Teia da vida
Emaranhando...tecendo
Conectando todos os seres,
Todos os caminhos...
Espaços e instantes*

*Vivendo a arte do bem viver
Viver como? Criando...
Acreditando...Na luz...
Na energia que se faz presente...
No coração, no corpo e na mente*

*Criando um mundo diferente
Eis a obra...consegui
E agora, o aqui e o agora*

*Ou quem sabe,
O agora, que se faz futuro
Eis ele...é só o presente
E o futuro, o que expressa?
A conexão dessa...ou quem sabe da outra...
Vida...Arte, Arte...Vida*

*Eis-me aqui,
Corpo...Alma...Espírito...
Diluídos no universo da criação*

*Sem nenhuma pretensão
Seguindo a via...somente entregue
entregue a qualquer dimensão*

Valquíria Pezzi Parode

AGRADECIMENTOS

À consciência cósmica, a energia do amor e da sabedoria que se fizeram presente trazendo muita luz e inspiração no processo de desenvolvimento desse trabalho.

A minha orientadora Dinorá Fraga da Silva, pela amizade, carinho, paciência, empenho e competência na orientação dessa dissertação.

Ao meu marido Aristóteles, que esteve presente o tempo todo, colaborando na execução deste trabalho. Obrigado pelo apoio, paciência, compreensão e carinho dedicados.

A minha filha Gabriela, pela presença, compreensão e paciência mesmo nos muitos momentos de ausência voltados à elaboração desse trabalho.

Aos pais Gentil e Adelina, a Daiane, Mariana, Ligia, Fábio, demais irmãos e familiares, pelo incentivo e presença nessa caminhada.

Ao Roni, à Beatriz, à Márcia, à Júlia, que colaboraram neste trabalho, apoiaram e estiveram presentes com sua amizade nesta jornada.

Às professoras que participaram do Seminário Vivencial I, em especial a Lúcia Moraes e a Maria Lúcia, obrigado pelo carinho, paciência e atenção.

Às colegas de linha de pesquisa e companheiras do Seminário Vivencial I, Míriam e Mânika e a todos do NIETE, pelo carinho, incentivo e trocas durante esse processo.

Às professoras, Analice Pillar, Rosa Martini, Malvina Dorneles, Umbelina Barreto, Marly Meira, pela dedicação, apoio e trocas que geraram aprendizagens e conhecimentos contribuindo significativamente com essa dissertação.

Aos funcionários dessa Universidade, pela atenção e colaboração.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	6
RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
1 CONSTRUINDO A ESTÉTICA VIBRACIONAL.....	17
1.1 CAMPOS VIBRACIONAIS.....	39
1.2 CAMPOS HÍBRIDOS COMO SIGNIFICAÇÃO.....	47
2 O SENTIDO MULTIDIMENSIONAL DAS VIVÊNCIAS ESTÉTICAS.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	105
ANEXOS.....	109

LISTA DE FIGURAS

FIG. 1: Configuração Mandálica da Educação Transdisciplinar.....	11
FIG. 2: Imagem do Diagrama de Feynman.....	36
FIG. 3: Diagrama de Feynman de uma interação de três partículas.....	43
FIG. 4: Diagrama que representa uma dança do vazio tornando-se forma e a forma tornando-se vazio.....	44
FIG. 5: Configuração do Campo de Energia Humana.....	45
FIG. 6: Configuração da Fratura.....	47
FIG. 7: Configuração do Corpo Vibracional.....	49
FIG. 8: Configuração da interação do Campo de Energia Humana com o Campo de Energia Cósmico.....	51
FIG. 9: Configuração de Imagens Simbólicas.....	55
FIG. 10: Configuração Mandálica da Cosmoenergia.....	57
FIG. 11: Foto Mandala 1.....	73
FIG. 12: Foto Mandala 2.....	76
FIG. 13: Foto Mandala 3.....	78
FIG. 14: Foto de desenhos e dois pares de pessoas abraçadas.....	79
FIG. 15: Foto de um círculo formado por cinco pessoas e uma no centro.....	83
FIG. 16: Foto de pessoas circulando pela sala de olhos fechados.....	85
FIG. 17: Foto de três pessoas: duas sentadas e uma no centro com as mãos para cima.....	86
FIG. 18: Foto de três pessoas: duas sentadas e uma na frente de máscara verde.....	89
FIG. 19: Foto de pessoas caminhando pela sala.....	90
FIG. 20: Foto de uma Mandala com duas pessoas meditando.....	91
FIG. 21: Foto da Instauração de um Campo Ritual: Configuração, Matéria e Energia.....	93
FIG. 22: Foto de um Efeito Kirlian.....	94

RESUMO

O processo de busca de entendimento do mundo, do universo visível e invisível é assumido neste trabalho pela fenomenologia-hermenêutica. O que exige propor a relação entre o pensamento e a experiência através de um movimento que envolve reversibilidade entre o sensível e o inteligível.

O trabalho surge da preocupação com questões do existir através do que chamo Estética do Acontecimento. A tentativa é de compreender essa existência, entendida como significações constituídas no campo do sensível pela imaginação simbólica.

A Estética Vibracional, objeto dessa dissertação, movimenta-se no campo das teorias do conhecimento das artes, sendo construída pelo princípio da Religação dos Saberes, envolvendo filosofia (fenomenologia), filosofia da física e semiótica.

A Estética Vibracional se fundamenta a partir dos seguintes conceitos: Consciência, Contínuo e Descontínuo, Experiência Estética e Imaginação Simbólica e se constitui a partir da compreensão dos Campos Vibracionais e dos Campos Híbridos como significação.

A idéia é buscar o que chamo de Estética Biocósmica, através da Educação Transdisciplinar, onde o Sujeito Estésico a partir da Experiência Estética, experimentada em Vivência Consciencial, ultrapasse toda dualidade tornando-se um Ser Cósmico.

As instituições educacionais-culturais: universidades, escolas e centros culturais interrelacionados como espaço de vivências, e as múltiplas Experiências Estéticas permeiam o processo multidimensional de ampliação da consciência.

O objetivo da pesquisa Estética Vibracional é, portanto, proporcionar Experiências Estéticas em Vivências Conscienciais no espaço educacional, de forma que as vivências estejam baseadas numa abordagem inter e transdisciplinar, visando um ser humano multidimensional, social e cósmico, e uma ética biocósmica.

O trabalho se encaminha à formação de professores e parte da Experiência Estética de dez pessoas no Seminário Vivencial I, realizado num período de três meses, na Faculdade de Educação da UFRGS, no qual eu participo com outras duas colegas do grupo - Movimento pela Transcendência através do Sensível, do NIETE (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Transdisciplinares sobre Espiritualidade). Núcleo vinculado a PROEXT - Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

The search process of understanding the world, the visible and invisible universe, is assumed on this paper by the phenomenology-hermeneutic. It demands to propose a relationship between the thought and the experience through a movement that involves reversibility among the sensitive and the intelligible.

This paper emerges from questions about the being (existence), which I denominate Aesthetic of Happening. The attempt is to comprehend this existence as significations composed on the field of sensitiveness by the symbolic imagination.

The object of this dissertation, Vibrational Aesthetic, moves itself in a field of theories of understanding arts, and have been built by the principle of Re-link Knowledge, and involves philosophy (phenomenology), physic's philosophy and semiotics.

The Vibrational Aesthetic establishes itself from the following concepts: conscientiousness, Continuous-Discontinuous, Aesthetic Experiences and Symbolic Imagination. It composes itself based on the Vibrational Fields comprehension and Hybrids Fields as meaning.

The idea is to search what I denominate Biocosmic Aesthetic, through a Transdisciplinary Education, where the sensible Individual, experiencing the Conscientiousness Existence, transcends all the duality to become one Cosmic Being.

The educational-cultural institutions such as universities, schools and cultural centers, are related to each other as existence spaces, and the multiples Aesthetic Experiences that take place in those spaces, permeate the multidimensional process of enlargement the conscientiousness.

The purpose of the Vibrational Aesthetic research is, therefore, to provide Aesthetic Experiences in Conscientiousness Existences at the educational space, in order to base the existences on an approach inter and transdisciplinary, aiming a human being multidimensional, social and cosmic, and a biocosmic ethics.

This paper sets out for a teachers' development and proceeds from the Aesthetic Experience of ten individuals at the 1st. Existence Seminar, that took place in a three months period, at Education Faculty – UFRGS, being myself a participant of those existences with two colleagues from the group – Movement for a Transcendence Through the Sensitive of the Interdisciplinary Studies Nucleus about Spirituality, linked to the Extension Pro-Rector of the Federal University of Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

O processo de busca de entendimento do mundo, do universo visível e invisível é assumido neste trabalho pela fenomenologia-hermenêutica. Isso exige propor a relação entre o pensamento e a experiência através de um movimento que envolve reversibilidade entre o sensível e o inteligível.

Esta dissertação é o resultado de um percurso por várias vias de conhecimento, que constituíram minha formação. Na graduação em Ciências Sociais e Artes Visuais, Especialização em Educação de Jovens e Adultos, cursos de Energia Vibracional, estudo da Aura, Tarô, Florais, Cultivo de Plantas, Cromoterapia, Astrologia, Radiestesia e Reiki.

O trabalho surge da preocupação com questões do existir, através do que chamo de Estética do Acontecimento¹. A tentativa será de compreender essa existência, entendida como significações constituídas no campo do sensível pela imaginação simbólica. A Estética Vibracional², objeto dessa dissertação, movimenta-se no campo das teorias do conhecimento das artes e será construída pelo princípio da Religação dos Saberes³ envolvendo filosofia (fenomenologia), filosofia da física e semiótica.

¹ Estética do Acontecimento - A partir da idéia de acontecimento em Morin (1998) e relacionando com a construção do objeto da dissertação - Estética Vibracional, proponho o termo Estética do Acontecimento, onde a arte penetra a vida e a vida penetra a arte num caráter singular e fenomenal, mas também descontínuo, eventual, indeterminável, improvável, uma atualização, sendo que o traço fenomenal é, simultaneamente, elemento constitutivo e acontecimento. Na dissertação Estética Vibracional, a Estética do Acontecimento se dá a partir da dimensão vibracional e simbólica.

² Estética Vibracional - Estética fundamentada a partir dos seguintes conceitos; Consciência, Contínuo e Descontínuo, Experiência Estética e Imaginação Simbólica (ver cap. Construindo a Estética Vibracional - Ver pág. 17).

³ Religação dos Saberes - (sobre esse assunto, ver o livro; Morin, E. A Religação dos Saberes - o desafio do séc. XXI. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002).

O trabalho pretende ser uma contribuição ao campo da estética e da educação. A idéia é buscar o que chamo de Estética Biocósmica⁴ através da Educação Transdisciplinar,⁵ onde o Sujeito Estésico⁶ a partir da Experiência Estética⁷, experimentada em Vivência Consciencial⁸, ultrapasse toda dualidade tornando-se um Ser Cósmico⁹. Para isso a perspectiva de Religação dos Saberes é indispensável.

Nesta dissertação a Religação dos Saberes vai se dar da seguinte forma: da física trabalho com o conceito de energia e campo dialogando, por sua vez, com a concepção da neurociência sobre a indissociabilidade cérebro-mente-corpo, fundamentada por Damásio (1999). A partir dessa indissociabilidade proponho Wilber (1998) e Goswami (1998) como autores que trabalham com o conceito de consciência pressupondo, em suas formulações teóricas, a junção dos conhecimentos da física e da neurociência. Em Capra (1988) encontro respaldo teórico para entender a consciência no enfoque da Ecologia Profunda¹⁰, e poder assumir o Princípio Biocósmico¹¹. De Wilber assumo o entendimento de Corpo Vibracional¹² também que os significados do corpo são simbólicos¹³. De Greimas (1997) a compreensão da estética como Estesia¹⁴. Finalmente, as significações constituídas em vivências; gravadas, transcritas, fotografadas e escritas (em anexo) serão interpretadas na perspectiva da semiótica.

⁴ Estética Biocósmica - A Estética Biocósmica está fundamentada nos seguintes aspectos; A unidade básica do cosmos manifestando-se no microcosmo (tudo que se refere ao subatômico, as partículas, os átomos, enfim, tudo que é invisível) e no macrocosmos (o universo maior estudado pela teoria da relatividade, tudo que se manifesta como matéria). A vida no universo em permanente movimento e expansão, onde todas as coisas estão em interação e interinfluência. O ser humano permanece em movimento com o fluxo da vida e celebra a vida em sintonia com o universo.

⁵ Educação Transdisciplinar – Educação que trabalha o ser em todas suas dimensões; corpo, alma, mente. (Ver em NICOLESCU, B. O Manifesto da Transdisciplinaridade. São Paulo, Trion.2001).

⁶ Sujeito Estésico – Sujeito sensível, que sente, que afeta e se deixa afetar. (Ver Cap. Construindo a Estética Vibracional e O Sentido Multidimensional das Vivências Estéticas).

⁷ Experiência Estética - (ver Cap. Construindo a Estética Vibracional).

⁸ Vivência Consciencial – Vivência em que os fenômenos se manifestam à consciência através do corpo em suas multidimensões, possibilitando novas significações ao sujeito. (Ver Cap. O Sentido Multidimensional das Vivências Estéticas – ver pág. 58).

⁹ Ser Cósmico – Ser que em movimento com o fluxo da vida e em interação com a natureza e a cultura, celebra a sintonia com o universo.

¹⁰ Ecologia Profunda - Conforme Capra (1997) é o reconhecimento da interdependência fundamental de todos os fenômenos, de maneira que o observador percebe a conexão com o observado e com todo o cosmos. Percepção espiritual na sua essência mais profunda.

¹¹ Princípio Biocósmico – Visão de mundo que reconhece e valoriza toda vida no Cosmos.

¹² Corpo Vibracional - O Campo de Energia sutil ou vibracional de diversas frequências e amplitudes que envolve e permeia o corpo físico. É constituído por campos energéticos sutis e por energias magnéticas e eletromagnéticas geradas por células vivas.

¹³ Simbólicos – os símbolos se referem ao dinâmico, ao energético, é algo que tem força, vida. (ver Cap. Construindo a Estética Vibracional – ver pág. 17).

¹⁴ Estesia - Sensibilidade, faculdade de sentir, saber sensível relacionado a estética. (Ver em OLIVEIRA, A.C. A estesia como condição do Estético. IN: OLIVEIRA, A.C.; LANDOWSKI, E.(eds). Do inteligível ao sensível: em torno da obra de A. J. Greimas. São Paulo: EDUC, 1995.p.227-236.

A relevância dada à razão em detrimento da emoção produziu um racionalismo científico que dissociou o homem da natureza, gerou uma abordagem de fragmentação e crise de identidade. A ênfase no empirismo e no controle da natureza através do desenvolvimento e progresso tecnológico assim como, em modelos rígidos de estruturas sociais e padrões de comportamento, incapacitaram e impediram o processo criativo de evolução cultural.

O modelo educacional moderno se distancia do sujeito na medida em que impõe uma unidade de método, propõe acumulação de conhecimentos fragmentados, usando uma linguagem que procura a formalização e o enquadramento, unidimensionalizando assim, diferentes dimensões da realidade. A educação voltada para o campo do sensível com um enfoque transdisciplinar, pelo contrário, visa trabalhar o ser em todas suas dimensões; corpo, alma¹⁵, mente.

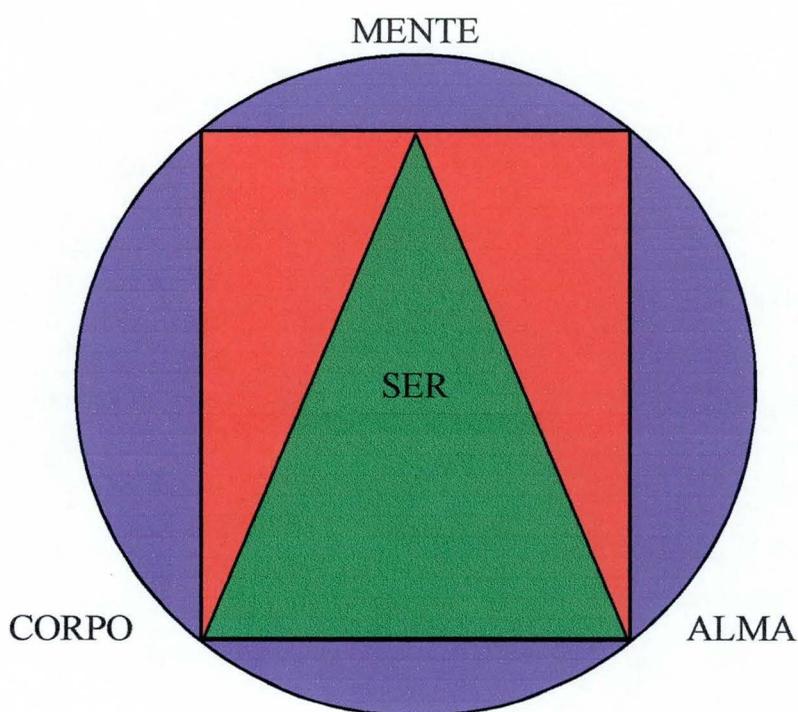


FIG. 1 – CONFIGURAÇÃO DA EDUCAÇÃO TRANSDISCIPLINAR

¹⁵ Alma – Anima mundi, fator sensível na própria substância, energia atrativa, coesão, sensibilidade, vivacidade, conscientização, ou consciência, qualidade que toda forma manifesta. A alma, macroscópica e microscópica, universal e humana, é aquela entidade que é trazida à existência quando o aspecto espírito e o aspecto matéria se relacionam reciprocamente. A alma é a relação entre o espírito e a matéria. É o mediador entre essa dualidade; é o princípio médio, o elo entre Deus e sua forma. A alma é o aspecto construtor da forma e é fator atrativo em toda forma no universo.

A abordagem multidimensional coloca que somos capazes de transcendência e flexibilidade, que são poderes latentes. A palavra chave nessa abordagem, dentro da concepção pedagógica, é “autoconhecimento” enquanto crença no potencial humano, onde a evolução é constante e permanente na busca da ampliação da consciência que começa com o processo de autotransformação, trabalho sobre si, para expressão fora de si, de maneira que o amor seja a mola mestra da vida, pois amar é conhecer, não sendo possível conhecer sem amar.

A aprendizagem e a educação ocorrem o tempo todo nas interações, na dialógica, na amorosidade das relações, na compreensão mútua, na solidariedade, nas atitudes de afetar e deixar-se afetar.

De acordo com Maturana (1999 - p. 29)

a educação vai ocorrer o todo tempo no convívio com o outro; de maneira recíproca, ocorre uma transformação estrutural, contingente com uma história no conviver e na troca afetiva.

A educação no momento contemporâneo pressupõe portanto, consciência em expansão, consciência em que o cérebro atuaria como afloração dessa consciência, onde a consciência de estar consciente é que torne o homem fenomenologicamente um criador. A educação tem então prioridade de fazer com que se tenha sempre presente não apenas o “que” das coisas, mas, principalmente, o seu “para que” existencial.

Maturana (1999, pág. 46) diz que:

Existe uma realidade transcendente que valida nosso conhecer e nosso explicar, e que a universalidade do conhecimento se funda em tal objetividade.

O projeto Estética Vibracional, desenvolvido como campo vivencial para construção do corpo empírico desta pesquisa, pressupõe uma concepção de educação com um enfoque epistemológico em função da indissociabilidade existência–conhecimento, e outro existencial, enquanto uma das dimensões do sensível.

Algumas idéias como a consciência em expansão, a multidimensionalidade, e a ecologia profunda fundamentam esta concepção de educação; a consciência em expansão – significa que, os fatos da mente são de natureza energética, envolvendo intuição, sensações, percepção, sentimentos e pensamento em interconexão com o universo. A perspectiva social e cultural

surge como responsabilidade pelo ambiente do qual fazemos parte junto com os demais seres do universo, em permanente processo de interinfluência. A multidimensionalidade – nos remete a uma dimensão energética de ordem vibracional, de natureza contínua e sutil, enquanto que sua manifestação é da ordem do plano das formas materiais, logo descontínua e fragmentada, mas junto a esse descontínuo está o contínuo, por isso, holográfico ou multidimensional. Manifesta-se como descontínuo mas a apreensão dele é através do resgate da onda que todo descontínuo manifesta, logo envolve, ainda, instâncias de realidade que vão dos níveis mais sutis, como a mente, espírito, consciência. A criação da mente com os elementos do entorno vibratório onde se coloca, a partir de diferentes estados de ser, como é o caso dos chás, até o corpo mais denso, como o corpo físico. A Ecologia Profunda, a que se refere Capra e outros autores, é desdobrada em ecologia interior, social e planetária. O enfoque aí se desloca de uma concepção antropocêntrica, para uma concepção cósmica.

Merleau-Ponty (1971) diz que o mundo não é uma soma de objetos determinados, mas horizonte latente de nossas experiências. Sendo o corpo, meio de comunicação com o mundo, assim como mediador do processo de conhecimento. A pesquisa tem como referência a fenomenologia-hermenêutica que permite a composição teórica que faço com o processo empírico entendido aqui como vivência. A idéia é possibilitar Experiências Estéticas no espaço educacional de maneira que a estética, a educação e a espiritualidade permeiem a transcendência pelo sensível, onde a emergência do sagrado passa a ser experimentada nas vivências estéticas, corporais e simbólicas (mitos e ritos). As vivências calcadas numa abordagem holística e por procedimentos multidimensionais de ampliação de consciência, visam a construção de um ser humano integral, social e cósmico.

A Estética Vibracional busca, portanto, um método que viabiliza os campos da estética e da educação onde o conhecimento é um acontecimento dado na conexão do campo sensível com o inteligível, sendo o corpo, em interação com o universo biocósmico, o mediador do processo. A metodologia tenta assim, viabilizar uma educação transdisciplinar capaz de desenvolver reflexões profundas não somente a respeito do ser, enquanto ser que "deve ser" e "saber fazer", mas um ser "que é", ser pertencente e em permanente interação com seu meio. A metodologia pressupõe ainda, uma educação que procura constantemente ampliar a compreensão da realidade no sentido de apreendê-la na sua totalidade, na sua complexidade.

Segundo Morin (2001) para conhecer a realidade, é necessário conhecer a complexidade das coisas, ver a realidade de outra forma, de forma complexa. Por outro lado, "não basta saber, conhecer, tem que ser", isso nos remete a idéia de que para conhecermos a realidade

não basta pensar complexo, mas viver a complexidade na inteireza de nosso ser, em nossa existência.

Dilthey (1890) em sua obra, questionou a vida psíquica e criou o princípio de “totalidade da vida psíquica”. Esse princípio unifica intuição e razão dando ao ser e suas manifestações psíquicas a unidade, negada e dissociada pela filosofia clássica de consciência. O autor substitui o conceito de representação da vida psíquica pelo conceito de vivência, que segundo ele, vem da expressão vida e vida, significa o que há de mais conhecido e íntimo em cada um e que, ao mesmo tempo, é obscuro e impenetrável.

Diz Dilthey, que os pressupostos fundamentais do conhecimento estão dados na vida e o pensamento, não pode conceber por trás deles. Podemos entender então que, a vivência deve expressar a totalidade da relação com a realidade onde os fatos de nossa consciência são dados em nossas vivências. A vivência é o instante vivido, pleno de sentido, é a experiência de integração e unidade biológica, psicológica, histórica-social, cosmológica, que dá significado à existência humana. Afinal, para Dilthey, existe uma continuidade entre natureza e história, homem e mundo, experiência humana e vida.

Afirma ele, que na “filosofia da vida” ou “filosofia da experiência” ou “filosofia da realidade”, os fatos da consciência não resultam de operações intelectuais, de representações que não podem nunca nos oferecer a realidade plena e total, procedente apenas do cumprimento das exigências vitais, impostas ao nosso conhecimento por nosso psiquismo. Mais ainda, fatos da consciência não se reduzem a uma esfera de imagens desconectadas das relações concretas com o mundo exterior. E é dentro dessa linha de pensamento que a vivência é categoria epistemológica fundamental que se contrapõe ao conceito de representação. O que significa dizer que para Dilthey, a vivência contém em si categorias teóricas do conhecimento, enquanto formas de realidade objetiva.

Afirma ainda, que o valor do conhecimento da oposição do eu e do objeto não é também o de um fato transcendente, senão que o eu e o outro ou exterior são precisamente nada além do que é contido e dado nas experiências da própria vida. Assim, esta é toda a realidade. O que podemos perceber então, é que a realidade vai confundir-se, com a vivência pois o que é real é vivenciado, assim como o que é vivenciado é realidade. Dilthey nos fala também, que a vivência é o “instante vivido de um mundo vivido”, que tem qualidades imanentes-transcendentes; é corporal e limitada mas também é fenômeno de totalização. Assim, o que se vive no momento, é único, algo individual-universal que junta sagrado e profano.

A metodologia empregada para execução da pesquisa Estética Vibracional é apenas um “olhar” em meio a outros tantos. Visa ressaltar a importância do método, na construção de

uma estética e uma educação enquanto formas primordiais de conhecimento. Aprofunda nossa relação com a vida, de forma que permeia o imaginário e o mundo real, possibilitando através do processo multidimensional, a ampliação da consciência para uma nova visão e abordagem da realidade.

As instituições educacionais-culturais: universidades, escolas e centros culturais interrelacionados como espaço de vivências, e as múltiplas Experiências Estéticas permeiam o processo multidimensional de ampliação de consciência.

O objetivo da dissertação Estética Vibracional é, portanto, proporcionar Experiências Estéticas em vivências conscienciais no espaço educacional, de forma que as vivências estejam baseadas numa abordagem inter e transdisciplinar, visando um ser humano multidimensional, social e cósmico, e uma ética biocósmica.

O trabalho se encaminha à formação de professores e parte da Experiência Estética de dez pessoas no seminário vivencial I, realizado num período de três meses na Faculdade de Educação da UFRGS, no qual eu participo com outras duas colegas do grupo - Movimento pela Transcendência através do Sensível, do NIETE (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Transdisciplinares sobre Espiritualidade). Núcleo vinculado a PROEXT - Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A pesquisa passa a operar a partir de certas instruções relativas as questões identificadas na situação e relativas ao modo de ação, para suposta interpretação dos fatos observados e dos dados colhidos acatando entendimento e sugestão dos membros do grupo implicado. Os dados são produzidos pela interação do dispositivo da pesquisa com a situação que se quer compreender. Através de registros, imagens, reflexões, auto-avaliações, onde os participantes trazem a informação viva (tanto de forma fatural como opinativa). Nesta dissertação, por questões éticas, as falas dos sujeitos não serão identificadas, nem as imagens registradas referentes aos mesmos e a seus trabalhos. Apenas emprego nomes às figuras para efeito de situar o leitor a respeito dos textos verbais e visuais tratados no trabalho.

No primeiro capítulo, trabalho os pressupostos teóricos que fundamentam a Estética Vibracional; assim, parto de uma síntese a respeito da história da Estética, para chegar na importância de uma Estética Fenomenológica. A partir daí me remeto aos conceitos de Consciência, Contínuo e Descontínuo, Experiência Estética e Imaginação Simbólica, que constituem a Estética Vibracional. Esses conceitos são sintetizados como significações constituídas como Campos Vibracionais e Campos Híbridos; conceitos que dão sentido à Estética Vibracional.

No segundo capítulo, busco entendimento a respeito do processo de significação das vivências estéticas, corporais e simbólicas, através da interpretação das falas dos sujeitos, assim como das imagens registradas nas vivências. Isso, para compreender de que maneira as vivências estéticas possibilitam a sensibilização. Assim como, o que resulta como sentido para os sujeitos e como tais vivências podem significar aprendizagens ético-estético-sociais.

CONSTRUINDO A ESTÉTICA VIBRACIONAL

O momento planetário que se apresenta nos dá oportunidade de entrarmos em contato com todo universo de informações, oriundas de diversas fontes indicando caminhos, fazendo aflorar significados muitas vezes não produzidos ainda pela consciência, ou quem sabe anestesiados pela cotidianidade. O processo de transformação pelo qual passa nossa civilização, tem sua complexidade compreendida também pela globalização¹⁶. Nesse momento é importante o resgate da multidimensionalidade do ser humano, assim como, estabelecer novos parâmetros, criar novas perspectivas de vida, perceber de modo mais amplo a realidade¹⁷, partindo da compreensão da complexidade¹⁸ que cerca o universo biocósmico.

Essa visão mais complexa de realidade consiste em ultrapassar toda dualidade mediante uma vivência multidimensional. Para tanto, pressupõe-se uma perspectiva holográfica entre o local e o universal, perspectiva fundamentada na expressão – o todo está nas partes e as partes estão no todo. Isso implica que todos os seres estejam em estado de interconexão, interinfluência, concepção que certamente não se confunde com o processo desagregador de globalização pelo qual passa nossa civilização.

A realidade dada por uma abordagem multidimensional¹⁹ de ser humano, de natureza, de cultura e de ciência, é dinâmica, compreendida como um sistema onde a relação, do sujeito com o mundo é de totalidade. Nesta perspectiva, o indivíduo existe num inter-relacionamento e interdependência dentre todos os componentes do sistema, porém a propriedade de tal sistema não é igual à soma de seus componentes. O observador vai influenciar o objeto observado, e o objeto influenciar o observador, vai existir portanto uma inter-relação e interdependência de todos os fenômenos: físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais.

¹⁶ Globalização - Aqui me refiro à globalização técnica econômica enquanto prática desigual e segregacionista e não à globalização na qual se esboça uma consciência de pertença a uma pátria terrestre, que prepara uma cidadania planetária.

¹⁷ Realidade - Tudo o que existe, incluindo o local e o não local, o imanente e o transcendente; em contraste, o universo do espaço-tempo refere-se ao aspecto local imanente de realidade.

¹⁸ Complexidade - (Ver em MORIN, E. – Ciência com Consciência, Bertrand, R.J. Brasil, 1998, e outros)

¹⁹ Multidimensional – termo referente ao aspecto total das energias humanas, ou seja; o nível físico, etérico, astral, mental, causal e espirituais superiores.

Capra (1983), diz que a física passa das limitações de uma ótica de mundo absoluta, mecanicista e revela-se com uma nova visão, onde o universo deixa de ser visto como uma máquina e se adota uma visão orgânica, ecológica. A matéria-base para toda existência, o mundo material dado por objetos separados, ganha um novo conceito não reducionista que se apresenta como um todo harmonioso e indivisível como uma rede, um complexo interado, uma teia de relações dinâmicas, no qual o observador e sua consciência são incluídos de um modo indissociável. Assim, a física quântica e a teoria da relatividade revelam à física moderna que não existe e nem pode existir a objetividade “pura”, que o pensamento científico não tem que ser necessariamente reducionista e mecanicista e que as concepções multidimensionais e multirelacionais, logo ecológicas são também, cientificamente válidas.

É importante que se perceba que a concepção de mundo aqui tratada, não desconsidera outras formas de abordagens e realidades, assim como não pretende esgotar-se em si, até porque traz uma visão de mundo que ainda está se estabelecendo. A teoria da relatividade, com a introdução de novas concepções de realidade traz também a idéia de que um corpo, enquanto matéria densa²⁰, não pode continuar desempenhando o papel determinante na ciência, já que existem conexões.

O corpo é a mediação do ser no mundo, ou seja, o ser se manifesta no mundo através do corpo; há que se considerar, portanto, a manifestação deste como energia que pulsa, se manifesta, surge como presença, expressão, num universo de relações. Esta maneira de perceber e sentir o corpo determina o grau de consciência que cada um consegue imprimir nas atividades que desempenha, interligando-se com o micro e o macrocosmo. O corpo não é somente uma construção social resultante de um processo histórico, de condicionamentos pessoais, sociais e culturais aos quais está imerso, mas revela a unidade complexa que é o humano, o qual sofre influências de todas instâncias e dimensões.

O olhar aqui proposto é certamente o de pensarmos o corpo para além de um amontoado de átomos, de uma matéria densa, pois é massa que tal como a luz, vibra numa determinada frequência²¹, ou frequências, porque também é energia que se manifesta como um campo em interação com outros campos. É esse corpo que se manifesta como presença, como expressão na Experiência Estética, que chamo de Corpo Vibracional neste trabalho.

²⁰ Matéria Densa – Massa

²¹ Frequência – nos diz quantas cristas de ondas passam por um determinado ponto.

A Experiência Estética assume um significado cultural, na medida em que ultrapassa a idéia de arte enquanto disciplina, calcada na mera manipulação de materiais. A arte, nesta ótica, não é uma epistemologia, nem uma linguagem que procura a formalização e o enquadramento unidimensionalizando as diferentes dimensões da realidade. Pelo contrário, se distancia de uma arte vazia de sentido, enquanto espaço fechado em si mesmo e engajada com a reprodutibilidade técnica²². Neste patamar, a arte já não assume o papel de signo de distinção social aceita e consagrada pelas instâncias hegemônicas do sistema globalizante, que a considera como um valor mercantil, midiático e destinado a promover um consenso no nível simbólico.

À educação cabe transcender as atuais fronteiras disciplinares e conceituais de forma que nenhuma teoria ou modelo seja mais fundamental do que outro, na medida que cada situação pode requerer um método diferenciado, mas ainda assim, todos eles possam ser compatíveis. O importante é ir além das distinções disciplinares convencionais qualquer que seja a linguagem adequada para descrever diferentes aspectos das múltiplas realidades inter-relacionadas.

A espiritualidade nos remete à ampliação de consciência para uma abordagem da realidade, onde se passa de uma visão antropocêntrica à uma visão biocósmica, o que requer mudanças do ser interno (auto-transformação) ao mundo externo. Da ótica de uma ecologia Rasa²³ passa-se a uma “Ecologia Profunda”. Conforme Capra (1997), reconhecendo a interdependência fundamental de todos os fenômenos, o observador percebe a conexão com o observado e com todo o cosmos, torna-se evidente que esta percepção é espiritual na sua essência mais profunda.

As artes enquanto produtoras de conhecimento e estéticas atravessadas por essa dinâmica e inseridas dentro desse contexto histórico-cultural complexo procuram formas de expressão que potencializem humanamente o processo. A estética, a educação e a espiritualidade tornam-se possibilidades de transcendência pelo sensível, onde a emergência do sagrado pelo reencantamento do viver passa a ser experimentado pelas vivências estéticas, o que equivale a dizer, corporais e simbólicas (mitos e ritos).

²² Reprodutibilidade Técnica - ver em Walter Benjamin - Magia e Técnica, Arte e Política - São Paulo: Ed. Brasiliense - 1996. Pág. 165 a 196.

²³ Ecologia Rasa – Visão de mundo alicerçada em valores antropocêntricos. (ver em CAPRA, F. – A Teia da Vida – Uma nova compreensão dos Sistemas Vivos. S.P. Cultrix).

A arte nesse processo histórico cultural que faz e refaz sua própria história, através de suas múltiplas expressões e linguagens artísticas, encontra na estética sua manifestação mais adequada. Assim, para chegar na importância de uma estética fenomenológica que possibilita a relação entre pensamento e experiência, através de um percurso do inteligível no sensível passo a uma síntese a respeito da história da estética, em seguida, aos conceitos que fundamentam a Estética Vibracional.

A modernidade segundo Coelho (1985), recobriria os últimos séculos da cultura ocidental de extração européia com a distinção clara de três domínios anteriormente imbricados num único: ciência, arte e moral, com o posterior aparecimento de outros campos autônomos, como o da lei e o da política. Na base dessa divisão está a fragmentação da religião em domínios distintos do conhecimento, que dela gradativamente se afastam. Ainda no início do século XVII, ciência e religião formavam um par cuja separação poderia significar a fogueira para seu proponente em praça pública.

O projeto dos iluministas consistiu em firmar os campos distintos em que o pensamento e a ação poderiam exercitar-se: a fé de um lado, a verdade (da ciência) de outro, o comportamento em seus circuitos próprios e a arte por sua conta. Ainda em Coelho, no momento em que se começa a falar na “autonomia da arte” a arte não está mais no projeto da religião, mas em seu próprio projeto – é a arte pela arte que, simplesmente, deixa de se atrelar a decisões exteriores e, no caso, especificamente religiosas. É o momento, ainda, em que o conhecimento e a expressão se especializam.

No século XVI um mesmo homem podia avançar pelos caminhos da ciência, da técnica, da estética, da arte e outros tantos. À medida que se avança na direção do século XIX, essa diversidade num só homem, essa uni-versidade torna-se cada vez mais árdua. É a partir daí que a arte – mas não só ela, também a ciência, a filosofia – tornam-se elitistas, afastando-se do povo e passando a circular apenas no circuito dos iniciados; artistas legitimados pelas instituições que os consagram, críticos e pensadores.

Mudanças travadas no século XVIII firmam-se ao longo do século XIX – este último marcado por processos como o da Revolução Industrial, de um novo pensamento sobre o social (como o de Karl Marx) e o dos passos iniciais da psicanálise, para ficar nos mais evidentes. Mas é no século XX a partir da primeira revolução russa que ocorreriam alterações das relações sociais, após as quais a humanidade não voltaria a ser mais a mesma. Conceitos fundamentais como o de espaço e tempo, são revistos de cima a baixo. Deixam de existir noções até então consideradas postuladas, princípios não demonstrados, como as de espaço em si e tempo em si, ou espaço absoluto e tempo absoluto. Tempos e espaços e velocidades e

deslocamentos e eventos inteiros não existem mais em si mesmos, mas apenas em função de um observador, o que significa que podem assumir outro aspecto, nova realidade, se outro for o observador. Tudo é relativo, o tempo não é mais um só, nem o espaço um único e mesmo espaço sempre igual a si mesmo: tempo e espaço entram numa relação indissociável que resultará na quarta dimensão.

A estética mergulhada nesse contexto histórico de mudanças que chegam a alterar as relações sociais, de maneira que a humanidade se afetaria a ponto de não ser mais a mesma, busca critérios de compreensão de diferentes manifestações e expressões artísticas relacionando-as com a trama de relações, de contextos e universos as quais se inserem.

Numa síntese muito generalizada e para melhor entendimento a respeito da questão da estética, Santaella (1994) se remete às estéticas filosóficas do ocidente afirmando que estas passaram pelo menos, por três fases diferenciais bem demarcadas: 1) O nascimento das teorias do belo e do fazer criador nas obras de Platão e Aristóteles, que se estenderam, não obstante as particularidades específicas de cada período histórico, pelo mundo latino, a Idade Média e a Renascença. 2) O distanciamento da ênfase no objeto da beleza para o sujeito que a percebe, a partir da reação de Cooper (1713), aos avanços das ciências físicas e aos desafios apresentados pelas filosofias de Descartes (1650) e Hobbes (1679). Nesta vertente mais propriamente dentro do espírito empiricista de Locke (1704), tiveram origem às teorias inglesas do gosto tendo como representantes Addison (1719), Huntcheson (1740) e Hume (1776). Exposto às questões emergentes da percepção, do desinteresse, da apreciação, do sublime, e sensível especialmente aos apelos do “paradoxo do gosto”, levantados por Hume, Kant veio fazer de sua terceira crítica, a da faculdade do juízo ou julgamento, a obra inaugural da idade de ouro da estética, que, estendendo-se pela proeminência do estético dentro do idealismo absoluto de Schelling (1854), encontrou seu apogeu na Estética de Hegel (1831). 3) A partir do século XIX, com Schopenhauer (1860), Nietzsche (1900) e, no século XX, com Heidegger (1976) e as estéticas fenomenológicas, o descentramento da secular preocupação com o belo viria produzir a explosão e atomização cada vez mais crescente da estética em versões particularizadas e diferenciais. Destacando-se as figuras exponenciais e influentes de Croce (1952) e Dewey (1952), cujas obras deslocaram a questão do belo para os conceitos de “arte como expressão” e de “arte como experiência”.

Não foi a França, mas a Alemanha que viu nascer a primeira exposição rigorosamente cartesiana da estética. Ela veio com o tratado *Aesthetica*, escrito em latim e publicado em 1750, por Baumgarten (1961). Em 1735, nas suas *Reflexões Filosóficas acerca de poesia*, Baumgarten (1954) via a estética como a equivalente sensual da lógica, quer dizer, a estética

estava para a sensualidade, conhecimento inferior, do mesmo modo que a lógica estava para o pensamento, conhecimento superior. No primeiro parágrafo da *Aesthetica*, esta era tomada como a *scientia cognitionis sensitivae*, “teoria das artes liberais, gnoseologia inferior, arte de pensar belamente, arte da razão análoga.” O que ele queria investigar não era nem o mero gosto, nem as meras sensações – o sentimento que se registra num sujeito em resposta a um estímulo - mas um modo de conhecimento. Com seus mestres racionalistas, especialmente Leibniz (1716), ele havia aprendido a dividir o conhecimento em dois tipos: aquele que nos dá idéias claras para vida prática e aquele que nos dá idéias distintas através do exame das partes elementares das coisas.

Mas Baumgarten voltou sua atenção para uma espécie de conhecimento intermediário, um modo de percepção em que o todo não é reconhecido para propósitos práticos, nem pode ser submetido aos procedimentos analíticos da ciência ou filosofia. Tomando a razão teórica por modelo, buscava dar legitimidade para a estética, invocando para isso a razão analógica, como forma de saber sobre aquilo que a esfera da arte revela e de que a razão por si mesma não pode dar conta. Nesse novo contexto, o belo ressurgiu convertido em finalidade, em objeto teórico de uma nova disciplina, a estética.

Conforme Santaella (1994), o impulso do qual resultaram os progressos subsequentes da Estética deve-se a Kant (1804), por ter sido ele quem estabeleceu firmemente, em sua *Crítica do Juízo*, a autonomia desse domínio do Belo, que Baumgarten considerou objeto de conhecimento inferior. Não foi apenas dos ingleses que Kant herdou a constelação de questões nas quais iria concentrar suas análises. Numa das passagens de crítica do julgamento, ele declarava que as questões da estética, nas críticas do gosto de seu tempo, estavam agudamente divididas, entre o racionalismo e o empiricismo (Kant 1929:215-6).

Embora Descartes não tenha escrito quase nada sobre estética, por mais de um século seu método e metafísica influenciaram profundamente as concepções sobre a natureza da arte. Assumia-se, nessas concepções, que a natureza e a razão são idênticas, de modo que as regras que governam as ciências também governam as artes.

Aristóteles era muitas vezes considerado como o grande descobridor das regras da crítica, do mesmo modo que Newton iria, depois, descobrir as leis da física. Não se negava, com isso, que a arte fosse expressiva, uma vez que o modelo cartesiano previa a descrição minuciosa das mudanças até mesmo fisiológicas da emoção. Sendo, no entanto, a verdade da representação e a perfeição os fins últimos da arte, o artista deveria passar por um treinamento das paixões que não diferia muito do treinamento do cientista (Coleman 1974: 17-8).

Dentro desse contexto racionalista, em 1746, Batteux (1780) publicou, na França, seu famoso tratado sobre As Belas Artes reduzidas a um mesmo princípio conforme Batteux (1969), no qual todas as artes se reduziam ao princípio da mímese, entendida como beleza natural. Lessing (1781), contemporâneo de Batteux, também tomava como pressuposto um fim comum e definível para as artes, mas baseava seus critérios de pureza e imitação em regras determinadas de perfeição conforme Lessing (1957). Foi enorme a influência do tratado de Batteux sobre o iluminismo francês e sobre a concepção das artes que iria dominar no Ocidente até meados do século XIX. Foi só então que, sob o impacto das tecnologias industriais, a partir do impressionismo, as vanguardas artísticas iriam colocar a mímese, concebida como imitação da natureza, numa crise para a qual não haveria mais qualquer possibilidade de retorno, especialmente porque essa crise só veio se acentuar depois que o advento das recentes tecnologias de simulação começou a colocar a própria noção de natureza e de realidade em questão.

Diz ainda Santaella (1994) que foi em Batteux que o ideal renascentista de especialização das artes necessária para o culto individual do artista e para a mercantilização dos objetos de arte, atingiu seu ápice, pois, ao criar o conceito de “belas artes”, Batteux as codificava nas cinco artes nobres, ou seja, a pintura, a escultura, a música, a poesia e a dança, além de mencionar outras duas relacionadas com elas, a arquitetura e a eloquência. Estava semeado o terreno para o nascimento da noção de artista como gênio, tematizada por Kant e dominante na estética romântica .

A codificação das cinco belas-artes se generalizou com tal rapidez que, no século XIX, o adjetivo “belas” foi dispensado e o sentido da palavra artes ficou ainda mais reduzido deixando de fora o artesanato e a ciência. No século XX, quando as vanguardas artísticas já colocavam em questão a própria noção de arte, as ideologias institucionais da arte estreitavam ainda mais o seu sentido, limitando-o apenas às artes plásticas e, mais especificamente, àquelas que podem ser expostas em museus e galerias.

Diderot (1784), outro esteta do iluminismo francês, contemporâneo de Batteux, embora imerso no ideal iluminista da universalidade do belo como uma qualidade transcendental e essencial da natureza humana, segundo Jimenez (1992), relativizou o caráter absoluto e substantivo do belo, através do sensualismo e materialismo que constituíam as diretrizes básicas de seu pensamento. Em 1752, nas suas Investigações Filosóficas sobre a Origem e Natureza do Belo, Diderot (1968 e 1981) falava do “belo fora de mim, belo real” e do “belo em relação a mim, belo percebido”. “O que constitui a dimensão universal da estética, sob o caráter variável e fluído da beleza, é a existência de um fundo cultural que conduz à

percepção de relações” (...) Situada de beleza na percepção de relações, tem-se a história de seus progressos no correr dos tempos.

Jimenez (1992, 55-6) vai afirmar que:

o caráter relativo do belo fica, assim, enlaçado no desenrolar evolutivo de uma qualidade universal da natureza humana: a capacidade de perceber relações.

A capacidade de perceber relações faz parte dos fenômenos estéticos, onde a rigor o domínio de tais fenômenos não está circunscrito pela arte, embora encontre nesta a sua manifestação mais adequada. Sob esse prisma, o domínio do estético abrange o da arte.

Ainda em busca de entendimento do processo histórico-artístico não podemos deixar de nos remeter ao esteticismo, traço marcante da sociedade contemporânea que coloca a arte por toda parte... Conforme Coelho (1985) tudo começa no final do século XIX, quando se tenta associar arte e indústria, arte e máquina, arte e técnica. À medida que o século avança, tudo – da publicidade à moda, do projeto de máquinas ao trato corporal – vai incorporando, se não o processo da arte, pelo menos as aparências formais da arte. E a vampirização não se faz apenas sobre as formas de arte, mas também sobre seus termos e conceitos, onde tudo é manipulado do exterior, num discurso sem conteúdo e sem referente. Num segundo momento, definiu-se uma estética de publicidade onde a arte ou algo parecido a isso, começou a seguir as propostas dessa outra “arte” - a publicidade.

Coelho (1985) diz que:

o projeto da modernidade implicou o afastamento entre o produtor cultural e seu público, gerou uma estética de massa, uma estética industrializada, aquilo que a modernidade chama desdenhosamente esteticismo, onde ocorre uma predominância da representação sobre o real. Cria-se toda uma ‘cultura de representação’ e apresenta-se essa cultura como se fosse a cultura. De forma que para unir a arte à vida, se toma a representação pelo real, ou seja, se cria uma cultura da representação, e não uma cultura do real, da existência.

O momento atual, certamente levanta muitos problemas quanto às ligações da arte com o real, quanto a sua neutralização pelo nivelamento de tudo e pela aceitação (aparente ao menos) de qualquer coisa. O que podemos perceber é que a arte acaba reforçando certas condições sócio-políticas, sem conduzir a nenhum mais além, “tudo se equivale” e tudo “coexiste”, produzem-se objetos que servem aos fins de uma classe social, de um regime político ou do novo sistema econômico e social supranacional da globalização (que não

aceita, senão o que serve a seus fins) esse sistema atual afeta o campo simbólico e segundo Canclini (1999, 48-49):

pensar no global exige ir mais além das duas posições seguintes: a que faz da globalização um paradigma único e irreversível e a que diz que pouco importa que ela não seja coerente nem que não integre todo mundo. Antes parece necessário, metodologicamente, face às tendências que tornam homogêneas partes dos mercados materiais e simbólicos, verificar o que representa aquilo que a globalização exclui para se constituir.(...) Se não contamos com uma teoria unitária da globalização, não é só por causa das falhas no estado atual do conhecimento, mas, antes, porque o fragmentário é um elemento estrutural dos processos de globalização. Para dizê-lo mais claramente, o que denominamos globalização se apresenta como um conjunto de processos de homogeneização e, ao mesmo tempo, de fragmentação articulada do mundo, que reorganizam as diferenças e as desigualdades sem suprimi-las. Creio que este estado de coisas começa a ser reconhecido em alguns discursos artísticos e científicos.

Santaella (1994) afirma que Kant inseriu a estética num contexto quase totalmente diferencial revestindo-a de sentidos originais que vieram se constituir nas idéias-chave a partir das quais as concepções estéticas da era moderna se desenvolveram. Para Baumgarten, a estética repousava sobre princípios intuitivos últimos, sua estética inspirou-se sobretudo, na idéia de que a Beleza e seu reflexo nas artes representam uma espécie de conhecimento proporcional à nossa sensibilidade, confuso e inferior ao conhecimento racional, dotado de clareza e que tende para a verdade. Kant não aprovava os pressupostos da estética racionalista, também discordava dos princípios empiricistas. Nem racionalista, nem empiricistas, mas filiada a essas duas vertentes do iluminismo, a estética Kantiana criou uma via intermediária, a idealista, trazendo uma nova interpretação para a secular relação da estética com o belo e o prazer.

Nunes (1989, pág. 13) diz que:

a questão do Belo converter-se-ia, depois de Kant, na questão da Experiência Estética, diferentemente interpretada pelas diversas tendências ou correntes do século XIX. A Experiência Estética, em parte sensível e em parte espiritual, tem caráter valorativo, unindo o subjetivo e o objetivo, o seu sentido está na consciência dos valores específicos a que nos dá acesso e que não podemos isolar das formas perceptivas concretas.

A arte enquanto ato, fenômeno social e cultural, relacionada com a totalidade da existência humana deve estar comprometida com a penetração na vida e com as metamorfoses do real. Coube à Fenomenologia, corrente filosófica de suma importância na atualidade, que se originou das investigações de Husserl (1938), o papel de introduzir na Estética o critério de

que devemos recorrer antes de qualquer pressuposição acerca da natureza do Belo ou de Arte, à intuição dos fenômenos que se apresentam a nós, de modo imediato, na Experiência Estética. Tomando a palavra fenômeno no seu significado grego originário de “phainomenon” (o que aparece ou se manifesta à consciência). A estética fenomenológica procura descrever os objetos e os valores de que temos imediata consciência, em função da vivência nos possibilitar intuir a essência do poético, do pictórico, do trágico, do cômico, do sublime, etc... O sentir segundo Merleau-Ponty (1971) é comunhão e coexistência, nesse enfoque se toma o sensível como condição que precedem as determinações perceptivas, as sínteses conceituais nas quais e pelas quais se constitui o teórico. A estética fenomenológica nos remete à questão dos fenômenos que aparecem ou se manifestam à consciência na Experiência Estética. Nessa dimensão de estética, a capacidade de perceber relações se dá em função da vivência, onde emoção e razão estão imbricadas no processo de conhecimento e não existe separação entre ser e mundo, mas interação entre ambos.

A Estética Vibracional está calcada na estética fenomenológica e vai se constituir a partir dos seguintes conceitos; Consciência, Contínuo e Descontínuo, Experiência Estética e Imaginação Simbólica. A Consciência é dada pela neurociência e pela junção da neurociência com a física, o Contínuo e o Descontínuo pela filosofia da física e semiótica, a Experiência Estética e a Imaginação Simbólica pela semiótica. Esses conceitos a que me referi são sintetizados como significações constituídas como Campos Vibracionais e Campos Híbridos. A Estética Vibracional toma sentido assim, a partir da compreensão dos Campos Vibracionais e dos Campos Híbridos como Significação.

Um aspecto importante da concepção racionalista é o de que para alcançar os melhores resultados, as emoções têm de ficar de fora, a razão deve “falar mais alto”. Descartes(1650) é o símbolo que representa um conjunto de idéias acerca do corpo, do cérebro e da mente que, de uma maneira ou outra, continuam a influenciar as ciências e as humanidades no mundo ocidental. A preocupação é dirigida tanto a noção dualista com a qual Descartes separa a mente do cérebro e do corpo, como o sentido que se dá a essa noção: por exemplo, a idéia de que mente e cérebro estão relacionados mas apenas no sentido de o primeiro não conseguir sobreviver sem a manutenção que o segundo lhe oferece.

Segundo Descartes (1650) a mente e o cérebro estão relacionados mas apenas no sentido de a mente ser o programa que corre numa parte do cérebro, a mente é um fenômeno cerebral. A afirmação de Descartes “Penso, logo existo”, sugere que pensar e ter consciência de pensar são os verdadeiros substratos de existir. E como sabemos Descartes via o ato de pensar como uma atividade separada do corpo, essa afirmação reafirma a separação da mente,

a “coisa pensante”, do corpo não pensante, o erro de Descartes é a separação que coloca entre o corpo e a mente, o pensar e o sentir, entre a substância corporal, divisível, com dimensões, e com um funcionamento mecânico, de um lado, e a substância mental, indivisível, sem dimensões e intangível, de outro; também a afirmação de que o raciocínio, o juízo moral e o sofrimento proveniente de dor física ou agitação emocional poderiam existir independente do corpo. Mais especificamente, sua afirmação cria um abismo entre corpo e mente, a separação das operações refinadas da mente, de um lado, e da estrutura e funcionamento do organismo biológico, de outro.

A explicação cartesiana é de que a mente pode ser explicada em termos de fenômenos cerebrais, deixando de lado o resto do organismo e o meio ambiente físico e social – e, por conseguinte, excluindo o fato de parte do próprio meio ambiente ser também um produto das ações anteriores do organismo. A mente segundo Damásio (1996) está diretamente relacionada com a atividade cerebral, mas certamente esta formulação é restritiva, incompleta e insatisfatória em termos humanos.

Damásio (1996, pág. 282) afirma que:

a compreensão da mente humana requer a adoção de uma perspectiva do organismo; que não só a mente tem de passar de um ‘cogitum’ não físico para o domínio do tecido biológico, como deve também ser relacionada com todo o organismo que possui cérebro e corpo integrados e que se encontra plenamente interativo com um meio ambiente físico e social.

A mente incorporada que Damásio concebe não renuncia aos seus níveis mais refinados de funcionamento, aqueles que constituem sua alma e seu espírito. Para Damásio (1996) o que se passa é que a alma e o espírito, em toda a sua dimensão humana, são os estados complexos e únicos de um organismo, opostamente a afirmação dualista de Descartes, busca as relações entre razão, sentimentos, emoções e comportamento social. Na visão de Damásio sentimentos e emoções são uma percepção direta de nossos estados corporais e constituem um elo essencial entre o corpo e a consciência. Afirma que os sentimentos exercem uma forte influência sobre a razão, que os sistemas cerebrais necessários aos primeiros, se encontram enredados nos sistemas necessários à razão e que esses sistemas específicos estão interligados com os que regulam o corpo. Para ele, os sentimentos parecem depender de um delicado sistema com múltiplos comportamentos, que é indissociável de regulação biológica e a razão parece na verdade, depender de sistemas cerebrais específicos, alguns dos quais processam

sentimentos. Assim, pode existir um elo de ligação entre razão e sentimentos e entre esses e o corpo.

Damásio nos leva a crer que uma pessoa incapaz de sentir pode até ter o conhecimento racional de alguma coisa, mas será incapaz de formar decisões com base nessa racionalidade, dessa forma, pensar e sentir estão imbricados no processo de conhecimento que se opõe à visão cartesiana, tirando o espírito do seu pedestal, para colocá-lo dentro de um organismo que possui cérebro e corpo totalmente integrados, chamando a atenção para a complexidade, finitude e singularidade que caracterizam o sentimento. Existir e sentir, logo pensar, esse é o propósito de sua racionalidade, de forma que o processo de viver uma emoção não é uma qualidade mental ilusória associada a um objeto, mas sim a percepção direta de uma paisagem específica: a paisagem do corpo. E no momento em que juntamos pensamento e sentimento, já temos um tipo de multidimensionalidade, em função de que esta abarca instâncias de realidade de níveis mais sutis, como a mente, o espírito, a consciência, até o corpo mais denso, como o corpo físico.

Damásio (1999) afirma que a consciência vai de seus níveis elementares aos mais complexos, é o padrão mental unificado que reúne o objeto e o self²⁴, porém elucidada o problema do self de uma perspectiva biológica. A consciência é colocada em termos mentais, sua constituição é no cérebro humano. A consciência é um fenômeno privado que ocorre na mente ainda que, a consciência e a mente estejam vinculadas a comportamentos externos que possam ser observados por outras pessoas.

Segundo Damásio (1999, pág. 44):

a consciência introduz a possibilidade de construir na mente algum equivalente das especificações reguladoras ocultas no 'núcleo do cérebro', um novo modo de o ímpeto de viver impor suas demandas e de o organismo agir com base nelas.

²⁴ Self – o “eu”, o sujeito da consciência.

A idéia de consciência abordada por Damásio, quanto à visão biológica e cérebro-cêntrica é agora ampliada por Wilber (1998) que coloca a consciência para além do corpo biológico, uma consciência sem fronteiras, que se expande muito além dos limites restritos da mente e do corpo. A consciência sem fronteiras dada em Wilber ultrapassa a idéia de que de um lado existe o eu (sujeito), o que pensa, sente e vê, e do outro está tudo que não sou eu, o mundo dos objetos lá fora, o meio ambiente, estranho e separado de mim. A noção do eu expande-se e inclui sem omissões tudo o que foi considerado fora do ser. A noção que a pessoa tem de identidade transfere-se para o universo inteiro, para todas as dimensões e mundos, manifestos e não manifestados, sagrados e profanos.

Wilber (1998) afirma que no universo não existem limites, que estes são ilusões, produtos não da realidade, mas do modo como o mapeamos e o organizamos. Não se trata apenas da inexistência de limites entre opostos, mas num sentido mais amplo, não existem limites divisórios entre quaisquer coisas, de situações em lugar algum do cosmos. Cada limite que construímos em nossa experiência resulta numa limitação de nossa consciência, ou seja, nossas criações mentais são confundidas com a própria realidade, dessa forma o mundo real aparece como algo fragmentado, desconjuntado.

O autor ressalta ainda, que:

a consciência da unidade é a simples consciência do verdadeiro território sem limites. Se a realidade é uma condição sem limites, então a consciência da unidade é o estado natural da consciência que reconhece essa realidade. Em resumo, a consciência da unidade é a consciência sem limites.

O mundo real sem limites é a consciência da unidade, que é o verdadeiro território sem limites. Certamente, todos e quaisquer limites são obstáculos à consciência da unidade. O que sinto ser o mundo objetivo lá fora é a mesma coisa que sinto ser o eu subjetivo aqui dentro. A separação entre a pessoa que vivencia e o mundo das vivências não existe, e portanto não pode ser encontrada.

Wilber (1998, pág. 84) diz que:

Viver na consciência da unidade é viver dentro do momento atemporal e como momento atemporal, pois nada como a mácula do tempo oculta de forma tão completa a 'luz divina.' Nas palavras de Meister Eckhart, o tempo é o que impede a luz de chegar até nós. O maior obstáculo no caminho que leva a Deus (consciência da unidade) é o tempo e não apenas o tempo, mas as temporalidades; não apenas as coisas temporais, mas os afetos temporais e, além destes, a própria cor e o odor do tempo.

O momento presente é um momento atemporal, é um momento eterno – um momento sem passado nem futuro, antes nem depois, ontem nem amanhã, o que não quer dizer ignorar o passado e o futuro, mas entender que não existe passado e futuro. Passado e futuro são produtos ilusórios de um limite simbólico sobreposto ao agora, limite simbólico que divide a eternidade em ontem e amanhã, antes e depois, o que passou e o que está por vir. Logo, o tempo é uma ilusão que, antes de tudo o mais, não existe.

Wilber diz também, que a consciência da unidade é o estado natural do ser, seu único eu verdadeiro. Uma consciência que transcende o indivíduo e revela a pessoa, algo que vai muito além dela mesma. A consciência profunda que a pessoa tem de si mesma, pode elevá-la para fora de si até o mundo do sutil e do transpessoal. Wilber diz que a pessoa possui nos recessos mais profundos de seu ser, um eu transpessoal, ou um eu que transcende sua individualidade e o une a um mundo situado além do espaço e do tempo convencionais. Jung (1979) também explorou aspectos significativos do domínio transpessoal da consciência humana, reconheceu inteiramente esses níveis mais elevados.

Segundo Jung no fundo do ser de cada pessoa encontra-se a mitologia da transcendência – imagens primordiais ou arquétipos, que não pertencem a um único indivíduo mas são coletivas, transcendentais. Jung afirma que o cérebro de cada pessoa pode conter formas simbólicas universais essencialmente idênticas àquelas de todos os outros cérebros humanos normais. O cérebro desenvolveu certos métodos básicos (e nesse sentido “mitológicos”) de perceber e compreender a realidade. Esses métodos básicos (imaginativos e mitológicos) de compreender a realidade são os arquétipos. Toda a pessoa pode abrigar dentro de si os mesmos arquétipos mitológicos básicos. Jung chamou esse nível profundo da psique de inconsciente coletivo.

Wilber (1998, pág. 158) ressalta que:

Viver a vida mitologicamente significa começar a compreender o transcendente, vê-lo vivo na própria pessoa, na própria vida, no trabalho, nos amigos e no meio ambiente. A mitologia nos abre exatamente para esse mundo de transcendência.

Assim, para Wilber o mundo real sem limites a linguagem e a imagética da mitologia estão muito mais próximos dessa realidade do que o pensamento linear, lógico e abstrato. A mitologia começa a transcender os limites – limites de espaço e tempo e os opostos em geral – e, apenas por essa razão, a consciência mitológica está a um passo mais próxima do mundo real. Dessa maneira, viver mitologicamente significa começar a abrir-se para um mundo

expansivo de ausência de limites, o que não significa abandonar o mundo convencional dos limites e nos atirar em fantasias míticas, mas nos abrir para a transcendência mitológica e trazer essa consciência para o mundo convencional, revitalizando a existência ao uni-la novamente a uma origem mais profunda do que ela mesma.

Goswammi, assim como Wilber, se remete à consciência como algo que se expande muito além dos limites da mente e do corpo biológico pressupondo uma consciência não local, seja, uma "consciência cósmica."

Para Goswammi (1998, pág. 16)

a consciência é algo transcendental fora do espaço tempo, não local, e que está em tudo. Embora seja a única realidade, só podemos vislumbrá-la através de ação que cria os aspectos material e mental de nossos processos de observação.

Afirma Goswammi (1998) que a potência causal do sistema quântico do cérebro-mente tem origem na consciência não local, que produz o colapso da função de onda da mente e que experencia o resultado de tal colapso. O experimentador - o sujeito - é não local e unitivo, só há um único sujeito da experiência. Objetos surgem, procedentes de um domínio de possibilidades transcendentais e descem para o domínio da manifestação, quando a consciência não-local unitiva produz o colapso de suas ondas, mas argumenta também que o colapso tem que ocorrer na presença da percepção de um cérebro-mente, a fim de que a medição seja completada.

Na medida em que ultrapassamos os limites podemos nos sentir "todos em um e um em todos", (o que não significa negar as diferenças e as individualidades), mas entender a realidade como uma rede não dual de padrões, e termos consciência da unidade e da inter-relação de todas as coisas e eventos, a experiência de todos os fenômenos do mundo como manifestações de uma unidade básica.

Segundo Capra (1983, pág. 103), todas as coisas são encaradas como partes independentes e inseparáveis do todo cósmico, como manifestações diversas da mesma realidade última. Capra afirma que a unidade básica do universo é uma das mais importantes revelações da física moderna. Essa unidade torna-se evidente no nível do átomo e se manifesta com crescente intensidade à medida que penetramos mais fundo na matéria rumo ao reino das partículas subatômicas.

Capra e outros físicos afirmam que a natureza se apresenta da seguinte forma:

Uma partícula elementar não é uma entidade não-analisável e portadora de existência independente. É, em essência, um conjunto de relações que se voltam para fora em direção a outras coisas.

A teoria quântica revela assim um estado de interconexão essencial do universo. Ela mostra que não podemos decompor o mundo em suas menores unidades capazes de existir independentemente. No nível quântico das partículas subatômicas, toda matéria é constituída literalmente por campos de energias particularizadas e congeladas, (luz congelada). Complexos agregados de matéria (isto é, moléculas) são na verdade campos de energias especializadas. As unidades subatômicas da matéria são entidades extremamente abstratas e dotadas de um aspecto dual. Dependendo da forma pela qual as abordam aparecem às vezes como partículas, às vezes como ondas. No nível subatômico os objetos materiais sólidos dissolvem-se em padrões de probabilidade semelhante a ondas, esses padrões em última instância não representam probabilidades de coisas mas sim, probabilidade de interconexões.

Capra (1983, pág. 112) assinala que:

a teoria quântica aboliu a noção de objetos fundamentalmente separados e começa a incluir a consciência humana em sua descrição de mundo. Ela foi levada a ver o universo como uma teia interligada de relações físicas e mentais cujas partes só podem ser definidas através de suas vinculações com o todo.

As fundamentações teóricas de Wilber, Goswammi e Capra nos levam a crer que a consciência não é um fenômeno, ao invés disso, tudo o mais é fenômeno na consciência. A consciência deve ser experienciada para ser compreendida. O conceito de consciência é o primeiro argumento deste trabalho que estou chamando de Estética Vibracional. Assumo o conceito de consciência fundamentado nas teorias de Wilber e Goswammi.

A consciência a que me refiro na dissertação de Mestrado - Estética Vibracional é a "Consciência Vibracional", que trabalha a idéia da existência de campos sutis - como forma de extensão da anatomia humana, onde o arranjo molecular do corpo físico é na verdade uma complexa rede de campos de energia entrelaçados e em interconexão com os campos de energia cósmica. O universo é cheio de campos criadores de forças, que interagem uns com os outros, onde matéria e energia são intercambiáveis, e energia transforma-se em matéria e

matéria em energia. Portanto ao me referir à consciência vibracional, me remeto a idéia de campo e energia.

O reconhecimento de que toda matéria é energia constitui portanto, a base para compreendermos por que os seres humanos podem ser considerados sistemas energéticos dinâmicos. Por meio da equação $E=mc^2$ Albert Einstein provou que energia e matéria são duas manifestações diferentes da mesma substância universal. Essa substância universal é a energia ou vibração básica, da qual todos nós somos constituídos.

$$E=mc^2$$

A teoria da relatividade afirma-nos que a massa nada mais é que uma forma de energia. A energia não só pode assumir as diversas formas conhecidas na física clássica como pode, igualmente, ser aprisionada na massa de um objeto. A quantidade de energia contida, por exemplo, uma partícula é igual à massa da partícula, m, multiplicada por c^2 , o quadrado de velocidade de luz. Uma vez encerrada como uma forma de energia, deixa-se de exigir da massa que seja indestrutível; ela pode, agora, ser transformada em outras modalidades de energia.

Gerber (1988) diz que a rede energética, que representa a estrutura física-celular, é organizada e sustentada pelos sistemas energéticos sutis²⁵, os quais coordenam o relacionamento entre a força vital²⁶ e o corpo. Afirma também, que há uma hierarquia de sistemas energéticos sutis que coordenam tanto as funções eletrofisiológica e hormonal como a estrutura celular do corpo físico. Esses singulares sistemas de energia são intensamente afetados tanto pelas nossas emoções quanto pelo equilíbrio espiritual, como por fatores nutricionais e ambientais.

A matéria tal como a luz, vibra numa determinada frequência ou frequências. Quanto maior for a frequência de vibração da onda, menos densa ou mais sutil ela será. O corpo etérico²⁷ é constituído de matéria que vibra numa frequência mais elevada que a do corpo físico e que é chamada matéria sutil. O movimento da força vital para dentro dos sistemas fisiológico-celular é controlado não apenas por padrões de interferência sutis, existente no interior do corpo etérico, como também pela entrada de energia de frequências mais elevadas - do Campo de Energia Cósmica, no sistema energético humano.

²⁵ Sistemas Energéticos Sutis – referente aos sistemas que existem em oitavas de frequências superiores, ou seja, que frequentemente existem fora da estrutura espaço-tempo comum positivo, no (espaço-tempo negativo: universo físico constituído por energia e matéria que vibram em velocidades maiores que a da luz).

²⁶ Força Vital – princípio animador do corpo e de toda a natureza.

²⁷ Corpo Etérico – Corpo Sutil que existe em oitavas de frequências superiores situadas além do corpo físico.

Gerber (1988), afirma ainda que a conexão invisível entre o corpo físico e as forças sutis do espírito detém a chave para compreensão dos relacionamentos internos entre matéria e energia. Os modelos através dos quais a energia se cristaliza em matéria dependem das formas sutis de expressão que já existem em níveis etérico e superior do universo multidimensional. A consciência expandida é uma importante ferramenta para a exploração do universo holográfico e do ser humano multidimensional.

A Estética Vibracional ao conceber o ser humano como um organismo multidimensional, constituído de sistemas físicos-celulares em interação dinâmica com complexos campos energéticos sutis, busca também, significações quanto à questão do sensível para o corpo vibracional. Trabalhar a idéia de corpo nesse sentido é afirmar que o sensível para o multidimensional é o próprio efeito, a estesia, a imagem simbólica do contínuo.

Segundo Greimas (1997, pág. 14-15):

Apenas a existência homogênea, tomada tal pela mediação do 'corpo que sente' permite que o mundo enquanto 'estado de coisas' seja rebaixado ao 'estado do sujeito'. A homogeneização institui uma equivalência formal entre 'os estados de coisas' e os 'estados de alma' do sujeito.

O mundo enquanto “estado de coisas” segundo Greimas (1997) vê-se transferido ao “estado do sujeito” isto é, o mundo é reintegrado no espaço interior uniforme do sujeito, ocorre uma existência homogênea entre o estado de coisas, transformado ou transformável, e o estado de alma do sujeito através de uma mediação somática e “sensibilizante” como uma ondulação contínua, capturável entre outras, sob a forma de variações de intensidade e de emaranhados de processos, sendo as ondulações, simples “efeitos de sentido.” O sujeito está no mundo como um ser que percebe e como um ser que sente apropriando-se e metaforizando não apenas o mundo, mas também a existência.

O objeto estético se constitui produzindo a descontinuidade sobre o contínuo do espaço visual. Ocorre uma verdadeira fratura na cotidianidade, descontinuidade na realidade do mundo. A descontinuidade é um desvio, delimita, faz surgir o perceptível, é também uma energia intensa como um raio que consagra a superação da fronteira. O tempo de revelação da estesia chega e o oculto, o suspeito, se instauram como condição de um novo surgimento, na medida em que se passa de uma temporalidade a outra. A estesia é dada na fratura dos acontecimentos cotidianos através da Experiência Estética.

Greimas (1997) em seu livro *De La Imperfeccion*, vai afirmar que:

A experiência estética é um evento extraordinário enquadrado pela cotidianidade (p. 19), é uma surrealidade englobada pela realidade (p. 32). Nela o tempo pára, o espaço fixa-se (p. 15-16) e ocorre um sincretismo entre o sujeito e objeto (p. 31), que estão disjuntos na temporalidade de todos os dias. Rasga-se o parecer imperfeito, 'condição do homem' (p.9) e aparece a 'nostalgia da perfeição', oculta pela tela da 'imperfeição', que constitui a realidade cotidiana (p.17).

Todo o objeto é digno de consideração, é um mundo em si. No plano físico em nível de pura sensação - as partículas de matéria resplandecem em cores e se introduzem nos olhos - aí se realiza a conjunção do objeto e do sujeito, onde o sujeito é absorvido pelo espaço em expansão que, onipresente, lhe absorve por completo. Aqui estamos em presença de uma estesia que chega nos limites máximos da consciência do sujeito que se dissolve no universo, por sentir-se pleno e inteiro com este.

Greimas (1997) diz que o efeito de sentido produzido é a instalação de um significante “purificado” apropriado para convocar um novo sentido; porém também é a detenção do tempo, característica da captura estética. A estesia gera uma fusão momentânea do homem e do mundo que reúne ao mesmo tempo, a paixão da alma e do corpo. A captura estética pode ser interpretada portanto, como uma conjunção do sujeito com o mundo, neste momento todas as sinestesias são possíveis. Greimas (1997) deixa isso claro quando afirma:

A trama da cotidianidade, a espera, a ruptura de isotopia que é uma fratura, o transtorno do sujeito, o estatuto particular do objeto, a relação sensorial entre ambos, a unicidade da experiência, a espera de uma total conjunção por vir: eis aqui alguns elementos constitutivos da captura estética.

A fusão do sujeito com o objeto dado na fratura da cotidianidade, leva a uma outra dimensão onde se alteram a espacialidade e a temporalidade do cotidiano. O sujeito deixa a realidade da existência, para viver durante o tempo da Experiência Estética, uma surrealidade, e na vivência de outras realidades, vive a *Catarse*²⁸, o sujeito descarrega o peso da realidade cotidiana. Aristóteles transportou para o universo estético os sentidos medicinal e religioso do termo. A *Catarse* é a libertação daquilo que gera o desequilíbrio, com vistas a reequilibração.

²⁸ *Catarse* – o termo vem do grego ‘Kátharsis’, que significa: 1. sentido médico: purgação; 2. Sentido moral: alívio da alma pela satisfação de uma necessidade moral; 3. Sentido religioso: cerimônias de purificação a que eram submetidos os candidatos à iniciação. O sentido aqui é de libertação daquilo que gera desequilíbrio com vistas a reequilibração.

A realidade oculta vem sobre o sujeito e o imaginário aparece como uma potencialidade construtora do objeto, e as novas significações são dadas na conjunção íntima, absorvente, com o sagrado, carnal e espiritual ao mesmo tempo. As imagens adquirem significados ao manifestarem-se através da estesia, na interação dos campos de energia humanos e universais. A consciência vibracional vai funcionar assim, através da imaginação criadora gerando imagens simbólicas que se manifestam no nível da matéria por um tipo de texto característico de substância vibracional que se expressa através de cores e formas contínuas como a Mandala, com formas geométricas: pontos, linhas, círculos, triângulos, quadrados, losangos.

A imaginação dinâmica, segundo Bachelard (1988), ultrapassa a imaginação formal, permitindo conceber os símbolos enquanto “símbolos motores” que recuperam os “arquetipos” de Jung mas, de uma maneira dinâmica, nos permitindo falar numa polissignificação do símbolo, onde os elementos aparecem como um “sistema de virtualidades múltiplas”. O “irreal” e o “real” não surgem como fuga, mas se constituem como um “dinamismo do espírito” que não tem como finalidade privar o homem da sua função do real, mas estabelecer um equilíbrio fecundo a fim de que se chegue a uma “ontologia da imaginação”. A imaginação não é secundária em relação à percepção, neste sentido a imagem é um campo privilegiado para manifestação de um “sentido em estado nascente”, é manifestação ativa. A imaginação começa por que instaura e inaugura, e a razão assim recomeça incessantemente. As imagens nascem da aproximação de duas realidades separadas, e quanto mais essas realidades aproximadas forem distantes do sentido habitual, mais a imagem se torna intensa, com mais potência emotiva, torna-se realidade poética.



FIG. 2 – IMAGEM DO DIAGRAMA DE FEYNMAN

A imaginação vai aparecer como uma força e como um movimento da consciência que vai ao mundo, provocando-o para nomeá-lo e recriá-lo. Bachelard (1988) afirma ainda que existe uma imaginação das formas e das matérias e uma imaginação das forças e do movimento. A imaginação das formas e matérias corresponde a uma imaginação dos movimentos e das forças, ou seja, a imaginação é dinâmica por natureza, em um sentido; por outro lado, ela o é por seu objeto. A imaginação é dinâmica, uma potência de transformação, por ser um movimento da consciência que se “lança ao real”. Na realidade a imaginação é um devir, de maneira que as imagens no encontro com o sensível surgem numa instância diferente das idéias. O dinamismo do objeto imaginado depende do dinamismo da imaginação que anima o elemento.

As imagens “energéticas” não se reduzem a uma imaginação formal, pois são os termos da imaginação pura, de uma imaginação que vai ao real. A imagem ressalta o dinamismo da imaginação e pode ser interpretada como símbolo que não se reduz a sua significação conceitual e aparece como multiplicadora do real. A imagem é símbolo provido de uma unidade indissociável - enquanto a imagem é um dado imediato da consciência, o corpo inteiro também colabora na constituição da imagem. A imaginação só passa a merecer esse nome na medida em que atende a uma realidade superior, ou “surrealidade”, domínio do desconhecido, mas realidade de direito, pois, imaginando-a não se faz senão reconhecer sua existência.

A ordenação das imagens se dá segundo regras de analogia, inversão, contradição e elevação ao nível cósmico. A imaginação participa da vida do universo e em troca, o universo participa da vida da imaginação, os dois se fundem. À vontade de viver encontra seu cumprimento em uma vontade de imaginar, e esta não é senão uma vontade de viver além da natureza, isto é, da natureza imaginária que se realiza a unidade da natureza. O símbolo vai constituir-se como um modo de conhecimento, como mensagem imanente do invisível, jamais explícito.

Bachelard (1988, p.103) enfatiza o potencial de criatividade da imaginação ao afirmar que:

a imaginação produz espontaneamente suas imagens sem a segurança da memória e da percepção ou do resíduo de experiência anterior.

Após discorrer neste capítulo sobre a questão da Consciência, do Contínuo e Descontínuo e da Experiência Estética, a Imaginação Simbólica é o último conceito a que me refiro na tentativa de construir os pressupostos teóricos da Estética Vibracional. A Estética Vibracional se constitui ainda a partir da compreensão dos Campos Vibracionais e dos Campos Híbridos como significação que serão tratados logo a seguir.

CAMPOS VIBRACIONAIS

O acesso a novos fenômenos físicos que não podiam ser mais descritos pela física de Newton, e a investigação de fenômenos eletromagnéticos levaram ao conceito de campo. Tal conceito introduzido por Faraday e Maxwell era definido como condição de espaço capaz de produzir uma força sobre qualquer outra carga nesse espaço. A antiga mecânica newtoniana interpretava a interação das partículas²⁹ carregadas positiva e negativamente, como prótons e elétrons, dizendo que os dois tipos de partículas se atraem como duas massas. Entretanto os físicos entenderam que seria mais apropriado usar o conceito de campo e dizer que cada carga cria uma “perturbação” ou “condição” no espaço à sua volta, de modo que a outra carga, quando presente sente uma força. Segundo Zukav (1989) nasceu assim, o conceito de um universo cheio de campos criadores de forças que interagem umas com as outras.

Capra (1983) afirma que a unidade e a inter-relação entre um objeto material e seu meio, manifestada em escala macroscópica na teoria geral da relatividade, aparece ainda mais notável em nível subatômico. Neste nível, as idéias da teoria clássica do campo são combinadas com as da teoria quântica, de modo a descrever as interações entre as partículas subatômicas. Diz Capra que a outra teoria clássica do campo, a Eletrodinâmica, foi fundida à teoria quântica, na chamada teoria “Eletrodinâmica Quântica” que descreve todas interações eletromagnéticas entre as partículas subatômicas. Essa teoria incorpora tanto a teoria quântica quanto à da relatividade.

²⁹ Partículas – A física clássica considerava as partículas como entidades indivisíveis que serviam de edificação para toda matéria. Segundo a definição clássica, partícula é alguma coisa que está confinada em algum lugar no espaço. Tanto pode estar aqui como ali, mas não pode estar em ambos os lugares ao mesmo tempo. A física moderna afirma que uma partícula elementar não é um ente com existência independente, não analisável. É, em essência, um conjunto de relações que se voltam para o exterior em direção a outras coisas. As partículas subatômicas são portanto correlações. Na física moderna as partículas são padrões, processos dinâmicos, que envolvem uma determinada quantidade de energia que se manifesta a nós como sua massa. São condensações locais do campo, concentrações de energia que vão e vem.

Segundo Capra, a nova característica da eletrodinâmica quântica deriva da combinação de dois conceitos, ou seja, o do campo eletromagnético e dos fótons³⁰ como manifestações, sob a forma de partículas, das ondas eletromagnéticas³¹. Uma vez que os fótons também são ondas eletromagnéticas, e uma vez que essas ondas são campos vibratórios, os fótons devem ser manifestações de campos eletromagnéticos. Resulta daí o conceito de um “campo quantizado”, isto é, de um campo que pode assumir a forma de quanta³² ou de partículas. Trata-se, de fato, de um conceito que foi ampliado de modo a descrever todas as partículas subatômicas e suas interações sendo que cada tipo de partícula corresponde a um campo diferente.

Zukav (1989) diz que nessas “teorias quânticas dos campos”, o contraste clássico entre as partículas sólidas e o espaço circunvizinho é superado. O campo quantizado é concebido como entidade física fundamental, um meio contínuo que está presente em todos os pontos do espaço. Assim, as partículas não passam de condensações locais do campo, concentrações de energia que vêm e vão, perdendo desse modo seu caráter individual e se dissolvendo em campos subjacentes.

A Teoria Quântica dos campos segundo Zukav (1989, pág. 204):

se baseia na premissa de que a realidade física é essencialmente insubstancial. De acordo com a Teoria dos campos, unicamente os Campos são reais. Eles são a substância do universo e não a 'matéria'. A matéria (partículas) é simplesmente uma manifestação momentânea da interação dos campos, os quais, intangíveis e insubstanciais como são, constituem as únicas coisas reais do universo. Suas interações se assemelham às partículas porque os campos interagem entre si de maneira muito abrupta e em regiões do espaço extremamente pequenas.

³⁰ Fótons – O fóton é uma partícula muito elementar; gotas de energia. Uma relação entre dois observáveis.

³¹ Ondas Eletromagnéticas – É uma tendência para acontecer, uma tendência que em forma indefinida existe em si mesma, porém sem nunca chegar a converter-se num acontecimento. De acordo com Heisenberg é uma tendência para algo, uma versão quantitativa do antigo conceito de potencia na filosofia aristotélica. Introduzia algo que se erguia no centro, entre a idéia de um acontecimento e o acontecimento real, uma espécie estranha de realidade física, exatamente no centro, entre possibilidade e realidade.

³² Quanta – Pacotes de energia.

O conceito de campo quântico se revela então como um paradoxo, na medida em que nos remete a algo que não é mais isto ou aquilo, mas ambas as coisas. Einstein (1915) afirmava que se pode considerar a matéria como constituída por regiões do espaço nas quais o campo é extremamente intenso, de modo que não há lugar para campo e matéria, pois o campo é a única realidade. Capra (1988) diz que posteriormente ao aparecimento do conceito de Campo, os físicos tentaram unificar os diversos campos num único campo fundamental que incorporaria todos os fenômenos físicos. Einstein, em particular, passou os últimos anos de sua vida na busca desse campo unificado. Campo que pode ser encarado como campo unificado fundamental do qual emergem não apenas os fenômenos estudados na física, como também todos os outros fenômenos.

A realidade subjacente a todos os fenômenos está além de todas as formas e desafia qualquer descrição e especificação. Por isso freqüentemente se diz que ela é sem forma, vazio ou vácuo³³. Mas essa vacuidade não deve ser encarada como simples nada, ao contrário, ela é essência de todas as formas e a fonte de toda vida. O vácuo possui um potencial criativo infinito que gera todas as formas do mundo dos fenômenos. Capra (1988) afirma que o campo quântico da Física Subatômica, origina uma variedade de formas, que mantém e, eventualmente, reabsorve.

Capra diz que as manifestações fenomênicas do vácuo, à semelhança das partículas subatômicas, não são estáticas e permanentes, mas dinâmicas e transitórias, surgindo e desaparecendo numa dança incessante de movimento e energia. O conceito de campo quantizado na física moderna é concebido, portanto, como uma forma tênue e não perceptível de matéria presente em todo espaço e que pode condensar-se em objetos materiais sólidos. O campo se condensa e se dispersa ritmicamente gerando todas as formas que, eventualmente se dissolvem no vácuo. Na teoria quântica dos campos, o campo não é apenas a essência subjacente a todos os objetos materiais, como igualmente, transporta suas interações mútuas sob a forma de ondas.

³³ Vácuo – Campo de Energia Cósmica, Campo Fundamental, essência de todas as formas e fonte de toda vida.

Capra diz que as manifestações fenomênicas do vácuo, à semelhança das partículas subatômicas, não são estáticas e permanentes, mas dinâmicas e transitórias, surgindo e desaparecendo numa dança incessante de movimento e energia. O conceito de campo quantizado na física moderna é concebido, portanto, como uma forma tênue e não perceptível de matéria presente em todo espaço e que pode condensar-se em objetos materiais sólidos. O campo se condensa e se dispersa ritmicamente gerando todas as formas que, eventualmente se dissolvem no vácuo. Na teoria quântica dos campos, o campo não é apenas a essência subjacente a todos os objetos materiais, como igualmente, transporta suas interações mútuas sob a forma de ondas.

A física moderna desviou nosso olhar do que é visível – as partículas – para o campo. A presença da matéria é simplesmente uma perturbação do estado perfeito do campo nesse lugar; algo accidental. Assim para a física quântica, não existem leis simples que descrevam as forças entre as partículas elementares. Capra (1988, pág. 163) diz que com o conceito de campo quantizado, a física moderna encontrou uma resposta para a questão da matéria consistir em átomos indivisíveis ou num “continuum” subjacente:

o campo é um continuum que está presente em todos os pontos do espaço e, contudo, em seu aspecto de partícula, apresenta uma estrutura ‘granular’, descontínua.

Os conceitos aparentemente contraditórios são unificados e vistos como aspectos diferentes da mesma realidade. Capra (1988) afirma que numa teoria relativística, a unificação dos dois conceitos opostos ocorre de forma dinâmica; os dois aspectos da matéria se transformam incessantemente um no outro. As teorias de campo da física moderna levaram-nos não só a uma nova visão das partículas subatômicas mas também modificaram, e de forma decisiva, nossas noções acerca das forças entre essas partículas. O conceito de campo estava vinculado ao conceito de força; mesmo na teoria quântica dos campos, está ainda associado às forças entre partículas.

Diz Capra (1988), que o conceito de força deixa de ser útil na física subatômica pois no mundo subatômico não existem tais forças, mas apenas interações entre partículas, mediadas através de campos, isto é, através de outras partículas. Assim se fala em interações em vez de forças e segundo a teoria quântica dos campos, todas as interações ocorrem através da troca de partículas e as forças entre essas aparecem como propriedades intrínsecas das mesmas. Admite-se agora que força e matéria, os dois conceitos separados no atomismo grego e

newtoniano, possuem uma origem comum nos padrões dinâmicos a que chamamos partículas. As forças dessa forma representam a harmonia do movimento dentro das coisas, sendo adequadas à teoria quântica dos campos onde se considera que as forças entre as partículas refletem padrões inerentes a essas partículas.

As teorias de campo da física moderna, forçam-nos a abandonar a distinção clássica entre partículas materiais e o vácuo. A teoria de campo da gravidade, de Einstein, e a teoria quântica dos campos mostram que as partículas não podem ser separadas do espaço que as circunda. Por outro lado, determinam a estrutura daquele espaço, ao passo que não podem ser encaradas como entidades isoladas mas, em vez disso, como condensações de um campo contínuo que se acha presente por todo espaço. Na teoria quântica dos campos, o campo é visto como a base de todas as partículas e de suas interações mútuas.

o campo existe sempre e por toda parte; jamais pode ser removido. É o portador de todos os fenômenos materiais. A existência e o desaparecimento das partículas não passam de formas de movimento do campo.

A distinção entre matéria e espaço vazio teve finalmente de ser abandonada quando se tornou evidente que as partículas virtuais podem passar a existir espontaneamente a partir do vácuo e desaparecem novamente neste último, sem que esteja presente qualquer partícula que interaja fortemente. O “vácuo físico” como é denominado na teoria de campo – não é um estado de um simples nada, mas contém a potencialidade para todas as formas do mundo das partículas.

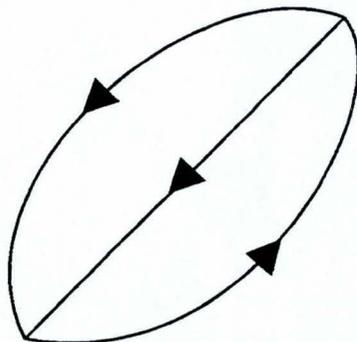


FIG. 3 - DIAGRAMA DE FEYNMAN DE UMA INTERAÇÃO DE TRÊS PARTÍCULAS

Neste diagrama nenhuma linha de universo conduz à interação e nenhuma linha de universo afasta-se dela. Apenas acontece, sem proceder de nenhuma parte, por nenhuma razão aparente e sem causa aparente. Onde não havia “nada”, subitamente, há três partículas que se

desvanecem sem deixar rasto. Este tipo de diagrama de Feynman, segundo Zukav, é chamado de “diagrama de vácuo.” Isto se deve a que a interação acontece em um vácuo. Um vácuo, como normalmente o representamos, é um espaço inteiramente vazio. Os diagramas de vácuo demonstram graficamente que não existe tal coisa. Do “espaço vazio” chega algo, e depois esse algo desaparece novamente no “espaço vazio”.

No mundo subatômico, um vácuo não é obviamente vazio. No mundo real não existe algo que seja um “espaço vazio.” Isso é uma construção mental, uma idealização que tomamos como verdadeira. “Vazio” e “cheio” são “falsas distinções” criadas por nós como a distinção entre “alguma coisa” e “nada”. São abstrações da experiência que temos confundido com a própria experiência. É impossível, de acordo com as nossas concepções, que “algo” possa surgir do “espaço vazio”, porém a nível subatômico, isto acontece e é o que ilustram os diagramas de vácuo. Em outras palavras, não existe o “espaço vazio” (ou o “nada”) a não ser como um conceito em nossas mentes.

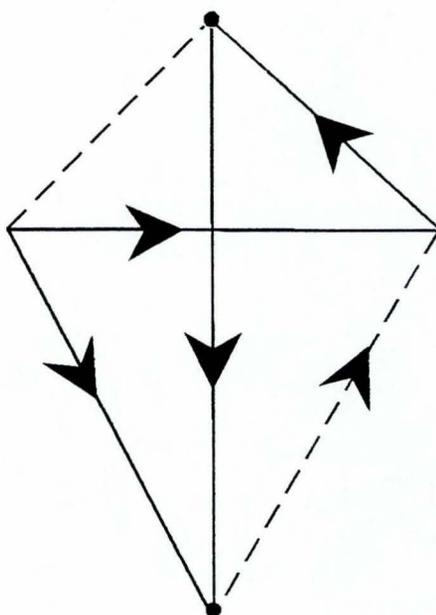


FIG. 4 – DIAGRAMA QUE REPRESENTA UMA DANÇA DO VÁZIO TORNANDO-SE FORMA E A FORMA TORNANDO-SE VAZIO

Os diagramas de vácuo são representações de transformações de “alguma coisa” em “nada” e de “nada” em “alguma coisa”. Essas transformações ocorrem continuamente no mundo subatômico.

Einstein postulava que matéria e energia são aspectos equivalentes e intercambiáveis de uma realidade subjacente única de um campo fundamental, “vácuo físico”, ou campo de energia cósmica, pressupondo-se assim, que tudo é energia em vários estados de vibração e movimento.

Brennan (1987, pág. 66) também se remete ao campo de energia do universo ou “vácuo físico”, que existe em mais de três dimensões e que constrói formas:

O Campo de Energia Universal existe em mais de três dimensões, o que significa que ele é sinergia e constrói formas. Isso contraria a segunda lei da termodinâmica, segundo a qual a entropia está sempre aumentando, o que quer dizer que no universo a desordem está sempre aumentando, e que não podemos tirar de alguma coisa mais energia do que a que nela colocamos. Sempre obtemos de alguma coisa um pouco menos de energia do que a que colocamos nela. Não é esse o caso do Campo de Energia Universal. Dir-se-ia que ele continua sempre a criar mais energia.

Além do campo de energia universal Brennan (1987, pág. 67) fala do campo de energia humana:

O Campo de Energia Humana é a manifestação da Energia Universal intimamente envolvida na vida humana. Pode ser descrito como um corpo luminoso que cerca o corpo físico e o penetra, emite sua radiação característica própria e é habitualmente denominado ‘aura’. A aura ou o Campo de Energia Humana é a parte do Campo de Energia Universal associada ao corpo humano. Esses campos de energia humanos são divididos em diversas camadas. Essas camadas às vezes, chamadas corpos ou campos sutis, se interpenetram e cercam uma às outras em camadas sucessivas. Cada corpo se compõe de substâncias mais finas e vibrações’ mais altas à medida que se afasta do corpo físico. Pela interpenetração do campo de energia eletromagnética física, os campos sutis possibilitam a interação da consciência com o corpo.

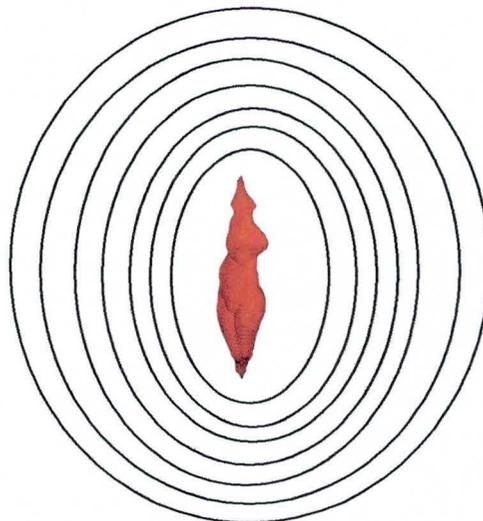


FIG. 5 CONFIGURAÇÃO DO CAMPO DE ENERGIA HUMANA

Milhomens (1994), assim como Brennan, reconhece a existência do halo energético luminoso conhecido como Aura, Corpo Sutil ou Corpo Energético; que varia de cor, tamanho, formato e aspecto, conforme variações emocionais e os estados de saúde das pessoas. Segundo ele, as doenças e as predisposições emocionais manifestam-se primeiro na Aura para depois se apresentarem no corpo físico ou material. Milhomens (1994) afirma que a esse tipo de halo luminoso que pode ser detectado através das máquinas Kirlian damos o nome genérico de Efeito Kirlian.³⁴

Para explicar o efeito kirlian, Milhomens parte da seguinte premissa: todos os átomos possuem um núcleo composto de prótons e neutrons circundando esse núcleo, está a eletrosfera composta por elétrons que circundam o núcleo com velocidades próximas da velocidade da luz (300.000km/s.). Os prótons possuem cargas elétricas positivas e os elétrons cargas elétricas negativas. Os elétrons, além de possuírem carga elétrica negativa, ao girarem em torno de seus próprios eixos, geram energia magnética. Esse fato segundo Milhomens revela que todos os átomos possuem Campos Eletromagnéticos a circundá-los. Como nosso corpo é composto de átomos está portanto, circundado por um campo eletromagnético gerado pelos átomos que o compõem.

³⁴ Efeito Kirlian – Segundo Kuhn (1987), quando mudam os paradigmas, mudam com eles o próprio mundo. Guiados por um novo paradigma, a ciência adota também novos métodos e instrumentos orientando seu olhar em novas direções. Para melhor entendimento dos processos vivenciais, onde ocorre a interação do Campo de Energia Humana com o Campo de Energia Cósmico, e maior aprofundamento da pesquisa, utilizo-me do equipamento construído pelo engenheiro Kirlian (1939) que detecta o Campo Eletromagnético Humano (efeito Kirlian). Em 1939, na cidade russa de Krashodar, o engenheiro Semyon Davidovitch Kirlian construiu uma máquina que produzia um campo eletromagnético oscilatório de alta tensão e de alta frequência. Quando um objeto qualquer era colocado em contato com esse campo, em torno desse objeto surgia uma espécie de halo luminoso de coloração variada, com predominância das cores branca, azul, vermelha, violeta, amarela e algumas vezes verde. Após vários anos de pesquisas, Kirlian chegou à conclusão de que esse halo luminoso possuía características próprias, as quais não obedeciam rigorosamente às leis do eletromagnetismo. Kirlian verificou que, com objetos inanimados (minerais e substâncias orgânicas inertes, não vivas) o halo formado em torno do objeto não variava, embora pudesse apresentar colorações variadas.

CAMPOS HÍBRIDOS COMO SIGNIFICAÇÃO

A significação vai se dar como produto que resulta da efetiva presença do mundo para o sujeito, assim como da recíproca presença do sujeito para o mundo, não da simples colocação do sujeito no mundo, mas da interação, da fusão de ambos. Um mundo indissociavelmente inteligível e sensível, no qual o cognitivo não se opõe ao sensitivo, mas nasce nele.

A Experiência Estética que repousa sobre o prazer constitutivo do corpo, prazer de corpo e alma, nos remete à estética Greimasiana incorporada na *aisthesis*³⁵, na sensação, de maneira que a sensibilidade estética da alma apresenta-se inteiramente solidária com sua inserção no corpo. Landowski (1996) afirma que as qualidades dos corpos se tornam sensíveis e nos implicam “corpo e alma” enquanto configurações dinâmicas. Segundo ele a matéria tem sentido porque tem orientação, ou seja, ela indica transformações potenciais. Somente pela mediação da matéria, do significante e, finalmente, de seu corpo, que o sujeito constrói suas relações com o mundo circundante enquanto universo de valores e presença de sentido. A produção de sentido, a interpretação de significados não se dá apenas a nível intelectual, cognitivo, ou cerebral, mas é o corpo, esse laço de nossas sensibilidades que significa, que interpreta, esse corpo em vida, laço de forças vitais. A Experiência Estética é o evento que fratura, que rompe a continuidade da realidade, evento estético que metamorfoseia a experiência em significação.

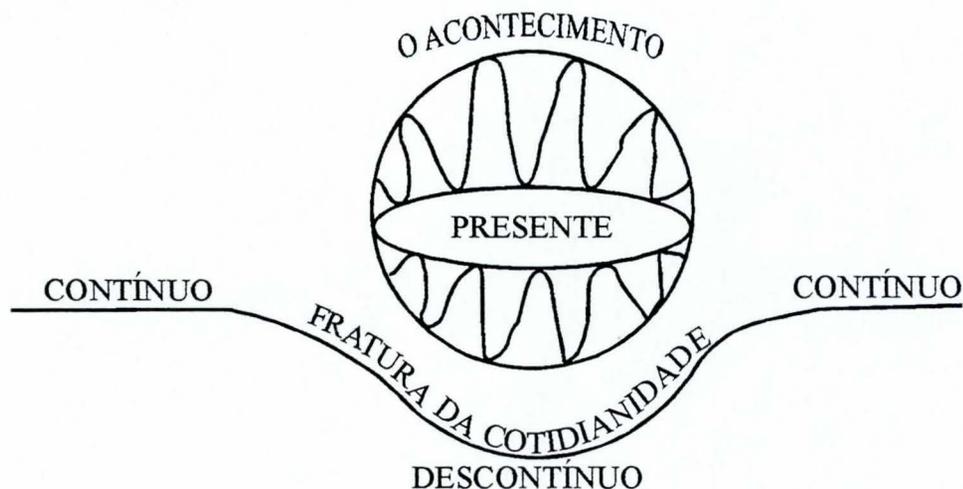


FIG. 6 – CONFIGURAÇÃO DA FRATURA

³⁵ Aisthesis – Em grego, a palavra *aisthesis*, de onde derivou *estética*, significa o que é sensível ou o que se relaciona com a sensibilidade.

O corpo que se apresenta na Experiência Estética é um corpo de energia, corpo vivido, cheio de vida, que cria vida, que vive um momento extraordinário, único, que estabelece um novo estado de coisas no momento de fratura da cotidianidade, descontinuidade na continuidade da realidade.

Silva (1996, pág. 16 – 17) afirma que:

a fratura consiste numa espécie de cintilação, de reverberação, onde cindida a tela do parecer os humores do sujeito reencontram a imanência do sensível. A fratura como que nos lança de volta às fontes imemoriais do ser, a uma origem vagamente sentida, a um ponto em que se apagaria o tempo; já orientada para o lado da espera e da esperança, a fratura lança-nos em direção a um além-sentido ou sentido além, em que ocorreria uma espécie de fusão total, na qual o que mais pesaria seria o apagamento do espaço.

Greimas (1997) acentua que ocorre aí, na fratura dada pela Experiência Estética, evento extraordinário, único, o estabelecimento de um novo estado de coisas, ou seja a transformação fundamental da relação sujeito-objeto. Segundo Silva (1996) a fratura na direção da memória caminha no sentido do desadensamento, a fratura que avança na direção da espera tem como possibilidade mais comum o adensamento que representa a convocação das mais diferentes ordens sensoriais para um estado de fusão, em que se apagaria a distância sujeito-objeto.

A presença do corpo na Experiência Estética é dada pela sensorialidade, sensibilidade, mas também pela espiritualidade, aqui entendida como a ampliação da consciência para uma visão biocósmica. A Experiência Estética experimentada promove o momento essencial do prazer vivido pelos corpos ali presentes, momento de sublimação, de condensação, de uma conjunção total com o cosmos. O prazer é vivido como presença do presente, onde passado e futuro estão representados num único momento, o presente, em atos de implosão e explosão como fenômeno constitutivo e acontecimento, como permanência e plenitude através do corpo em sua multidimensionalidade.

O corpo que se expressa na Experiência Estética é o Corpo Vibracional, que não é só desejo, sensação, emoção; mas amor, criação, intuição e percepção espiritual, corpo, em permanente movimento com o fluxo da vida, que celebra a sintonia com o universo do qual faz parte. Corpo multidimensional que está em interação e interinfluência com os Campos de Energia Cósmica.

O Corpo Vibracional é constituído por muitos campos de energia sutil e interativa, sendo a massa do corpo físico, simplesmente a energia que recebeu uma forma específica. Nesse sistema energético a que chamamos corpo humano, diz Gerber (1988) que existem vários subsistemas, entre esses se incluem os sistemas; linfático, circulatório, nervoso, óseo-

muscular, imunológico, digestivo e endócrino, todos trabalhando interativamente. Cada um reage a energias sutis que tem origem tanto dentro como fora do corpo. Afirma ainda que os corpos sutis são campos de energia associados à dimensão física, mas não são gerados pelos nossos corpos físicos.

Nas palavras de Gerber (1988, pág. 131):

são os campos energéticos que dão origem à matéria física e não o contrário.

Segundo Gerber, existem campos que são independentes, mas interconectados no corpo físico, com funções vitais e específicas e que através desses campos de energia, do corpo sutil luminoso, chamado também de Aura³⁶ é que mantemos contato com a vida, pois a parte psíquica se manifesta nela. Os vórtices de energia mais conhecidos como chácras³⁷ estão localizados no corpo astral³⁸ e possuem correspondência de manifestação no corpo físico.

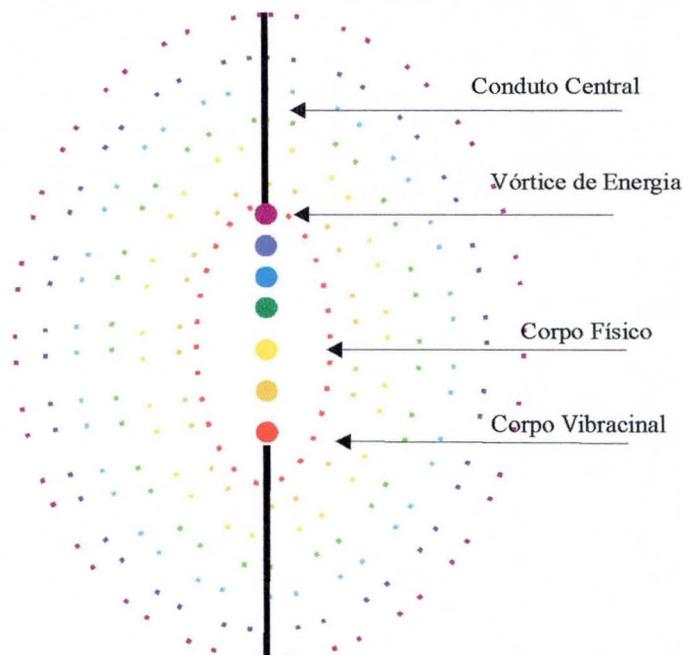


FIG. 7 – CONFIGURAÇÃO DO CORPO VIBRACIONAL

³⁶ Aura – O invólucro de energia que envolve e permeia o corpo físico, campo vibracional. A aura é constituída por todos os diferentes envoltórios da energia que compõem os aspectos; físico, etérico, astral, mental, causal e espirituais superiores da forma multidimensional humana.

³⁷ Chácras – Centros energéticos do corpo que atuam como transformadores e redutores para as energias sutis de frequências superiores. Os chácras ou vórtices, processam as energias sutis e as convertem em alterações orgânicas químicas, hormonais e celulares.

³⁸ Corpo Astral – Termo referente à oitava de energia/matéria ou faixa de frequência situada depois do nível etérico.

Gerber afirma que esses vórtices de energia situam-se junto dos centros do corpo e próximo dos principais plexos, são locais específicos por onde penetra a energia cósmica no corpo físico. As diferentes energias captadas pelos vórtices no corpo astral passam para os centros são metabolizadas e ativam o sistema nervoso e glandular, depois seguem pela corrente sangüínea e penetram todas as células do organismo. Cada um dos sete centros está associado a uma cor e um som característico de uma determinada freqüência.

Brennan (1987) coloca que os vórtices de energia, que denomina de chácras, recebem energia do universo através de dimensões superiores e condensam através dos plexos para os centros, distribuindo-as pelo corpo inteiro e transformando-as em energia emocional, motora, instintiva e sexual. As áreas específicas do corpo são vitalizadas e vivificadas pelos chácras a eles associados.

Os vórtices se expandem e contraem continuamente, refletindo nossas experiências, sentimentos e emoções diárias. Os vórtices rodopiantes assimilam, transmitem e distribuem energia sutil e podem ser comparados a uma antena dirigida que pode ser sintonizada à informação contida no espaço multidimensional. A ativação das energias sutis faz com que o corpo fique vitalizado e impregnado de amor e consciência. A energia vibracional palpita em cada célula, molécula, em todo universo. Essa grande fonte de energia cósmica chega até nós carregada de vibrações através dos vórtices de energia. Os campos de energia se entremesclam cada um afetando os demais, movendo-se juntos como uma enorme onda de energia, uma teia universal, uma corrente em interação.

As vivências estéticas, corporais e simbólicas possibilitam ativar ainda mais esses centros promovendo uma renovação de energia e uma expansão de percepção consciente, isto é, a ampliação da consciência. Wilber (1998) nos remete à questão da consciência ampliada quando traz a idéia de uma consciência sem fronteiras, sem limites, onde ser e mundo estão interados. Assim não existem limites divisórios entre quaisquer coisas, ou situações em lugar algum do cosmos. Termos consciência de uma realidade sem limites é também estarmos conscientes da consciência da unidade³⁹, sendo que a separação entre a pessoa que vivencia e o mundo das vivências não existe.

³⁹ Consciência da unidade – Consciência Cósmica, Consciência sem limites, Consciência do “vácuo” físico, do campo fundamental, o que chamo de Campo de Energia Cósmica.

Viver na consciência da unidade é, portanto, viver dentro do momento atemporal e como momento atemporal, isto é, viver o momento presente, momento eterno, onde passado e futuro não existem mas são produtos ilusórios de um limite simbólico sobreposto ao agora. Wilber diz ainda que a pessoa possui nas profundezas de seu ser um eu transpessoal, um eu que transcende sua individualidade e o une a um mundo além do espaço e tempo convencionais. A consciência ampliada na vivência remete o ser até o mundo do sutil e do transpessoal, em função da elevação do nível de frequência vibratória a patamares mais sutis. Isto é possível na medida em que o indivíduo, através da transcendência pelo sensível, acessa o eu transpessoal nos recessos mais profundos do seu ser.

O momento atemporal de fusão da parte no todo e do todo na parte, dado pela Experiência Estética, na fratura da cotidianidade, colapso de onda onde o descontínuo surge no contínuo da realidade, proporciona a interação dos Campos de Energia Cósmica com os Campos de Energia Humana. Além disso, a formação de campos de energia de frequência muito superiores, que revitalizam, reestruturam átomos, moléculas e células, assim como geram tanto metamorfoses no ser, quanto à criação de realidades.

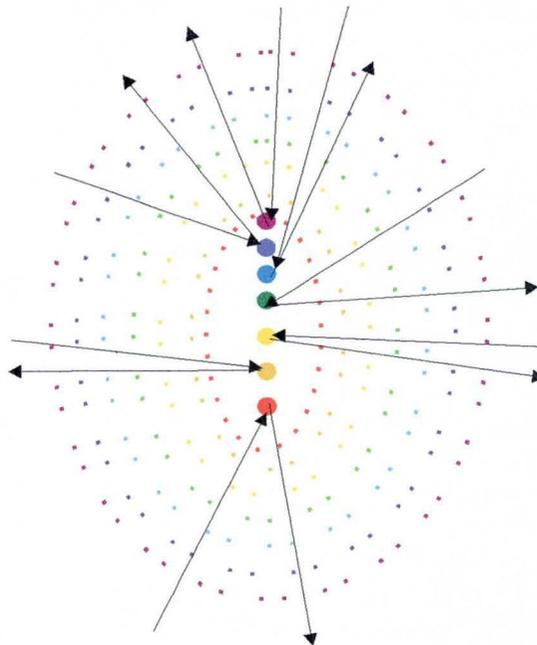


FIG. 8 – CONFIGURAÇÃO DA INTERAÇÃO DO CAMPO DE ENERGIA HUMANA COM O CAMPO DE ENERGIA CÓSMICA

Zukav (1989) coloca que cada célula do corpo humano pode transmitir ondas de radiação eletromagnética, as quais são mensuráveis como a luz perto da faixa ultravioleta e a luz na faixa infravermelha. Essas ondas de radiação transmitem informações tanto dentro

como fora da célula para comunicar dados a outras células, dados esses relativos aos processos vitais da célula emissora. Percebe-se assim, o corpo como um conjunto de campos entrecruzados de energia que transmitem ondas de radiação, sendo nossos pensamentos e emoções padrões de energia que criam realidades tanto positivas como negativamente, que afetam tanto nosso ser como outros seres do universo. Planck (1900) descobriu que a energia de um quantum⁴⁰ de luz aumenta com a frequência. Quanto mais alta é a frequência, mais alta, maior a energia; quanto mais baixa a frequência, mais baixa a energia. Assim, uma consciência ampliada pressupõe padrões de energia de alta frequência possibilitando a criação de realidades positivas ao ser e ao universo.

Capra (1988) afirma que a observação de um evento muda esse evento; na física quântica isto é conhecido como efeito do observador, que nada mais é do que um atributo da consciência, ocorrendo tanto no nível consciente como inconsciente, sendo que os processos inconscientes podem ser alterados pela intenção consciente. Laskow (1997), diz que além do espectro eletromagnético existe uma energia emitida por nós seres humanos que pode ativar a liberação de elétrons. Sendo assim, essa energia sutil pode transmitir informação, se for dirigida pela mente e focalizada pela intenção, atenção, imagens mentais, formas, pensamento.

Segundo Zukav (1989), no nível subatômico em termos de permuta de fótons, quando um átomo libera um fóton de luz de um elétron, esse átomo perde energia, quando um átomo absorve um fóton, ele ganha energia. A liberação ou absorção de energia de um fóton por um átomo pode ser influenciada pela energia fundamental, unificadora – conhecida como energia do vazio ou do vácuo físico, que chamo de Campo de Energia Cósmica, que é essência de todas as formas e fonte de toda vida. As manifestações fenomênicas do vácuo físico surgem e desaparecem numa dança incessante de movimento e energia.

⁴⁰ Quantum - (Planck) “teve que fazer uma suposição radical e aparentemente absurda, porquanto, de acordo com as leis clássicas bem como de senso comum, presumia-se que um oscilador eletrônico, uma vez posto em movimento por um empuxo, radiava sua energia suave e gradualmente, enquanto seu movimento oscilatório diminuía até parar. Planck teve que supor que o oscilador emitia sua radiação em jatos súbitos, baixando a menores amplitudes de oscilação após cada jato. Ele teve que postular que a energia do movimento de cada oscilador não pode aumentar nem diminuir suave e gradualmente, mas unicamente por saltos repentinos. Em uma situação na qual a energia estava sendo transferida (de um lado para outro) entre os osciladores e ondas de luz, os osciladores não somente deviam emitir como também absorver energia radiante em discretos “pacotes”... Ele cunhou o nome “quanta” para os pacotes de energia e falou dos osciladores como estando ‘quantificados’. Foi dessa forma que o incisivo conceito do quantum entrou na ciência física.”

Zukav (1989) diz ainda, que o campo quantizado é uma forma tênue e não perceptível de matéria presente em todo espaço e que pode condensar-se em objetos materiais sólidos. Quando o campo se condensa, sua visibilidade torna-se evidente de modo que existem, então, as formas (das coisas individuais). Quando se dispersa, sua visibilidade não é mais evidente e não há mais formas. Assim, podemos entender que o campo se condensa e se dispersa ritmicamente, gerando todas as formas que eventualmente se dissolvem no vácuo. O campo é a essência subjacente a todos os objetos materiais e igualmente transporta suas interações mútuas sob a forma de onda.

A física quântica nos coloca que a energia pode ser percebida existindo em forma de onda ou sob a forma de partículas, dependendo de como é medida. No nível atômico as distinções entre energia, forma e campo não existem mais, se empregam esses termos apenas para compreender e a visualizar os modos pelos quais a energia assume forma. A consciência prevê a matriz pela qual matéria e energia se desdobram e se manifestam na nossa realidade tridimensional como uma função da nossa percepção.

Laskow (1997) afirma que: a intenção da consciência determina a percepção que forma e também inicia a transformação da energia. A intenção consciente ou inconsciente, que converte “matéria” (em forma de partículas) na forma de onda, e que transforma a forma de onda em “matéria.” Convertendo matéria (em forma de partículas) na sua forma de onda, a intenção consciente ou inconsciente nos permite entrar em ressonância (ou misturar) com o que queremos influenciar. Nesse sentido, a consciência é como um campo fundamental – isto é, um oceano primordial que dá origem a ondas vibratórias, a partir das quais se formam movimentos circulares localizados de energia chamados “matéria”. Assim, o Campo de Energia cria formas, isto é, o sujeito atua no campo e ao atuar no campo ele produz formas, que então se estruturam de maneira ressonante como matéria. Uma vez estruturado, o campo tem condições de auto-organizar-se, movimentando-se do infinito ao finito, do invisível ao visível, do contínuo ao descontínuo, em todos esses casos numa relação de reversibilidade.

A consciência informa as energias sutis que influenciam o espectro eletromagnético de forma que, segundo Laskow (1997), todos os elétrons são cercados por um campo eletrostático, isto é, um campo que afeta outras partículas carregadas. Quando os elétrons aumentam ou diminuem o seu coeficiente de movimento, produzem campos eletromagnéticos, que por sua vez influenciam as partículas carregadas. Tem-se assim a forma de carga uma partícula, afetando o campo e também o campo afetando a forma.

Os campos que circundam o nosso corpo (não restritos ao espectro eletromagnético) refletem e representam nossos estados emocionais e mentais e as condições do nosso corpo

físico. Portanto, mudanças no campo de energia podem afetar a forma física. Com o propósito de manter a sua estrutura altamente organizada, a forma física do corpo e sua forma energética (campo) levam a ter compatibilidade de ressonância, ou seja, há necessidade de um equilíbrio ressonante entre corpo e mente. Tanto a forma como o campo (corpo e mente) contribuem para a criação de ondas estacionárias holográficas. Essas ondas são a evidência de um equilíbrio ressonante entre forma e campo. Existe um equilíbrio entre campo e forma e um equilíbrio entre os nossos estados físico, emocional e mental, refletindo a relação do sujeito consigo mesmo.

Existe também um equilíbrio entre esses estados e o nosso meio ambiente, refletindo o relacionamento do eu com tudo que não seja ele. Outro nível de equilíbrio é o que existe entre os estados físico, emocional e mental e o estado espiritual, refletindo o equilíbrio entre o ser e seus aspectos espirituais superiores. É no nível espiritual que temos um sentido de propósito e significado, mesmo antes que recebam forma ou expressão.

Laskow (1997) diz ainda que somos organizados por uma consciência de função. Cada célula, cada órgão, na verdade o corpo, inteiro tem uma consciência da sua função, embora não estejam todos conscientes do propósito maior do organismo assim mesmo as diferentes funções se integram de acordo com um propósito superior. Considerando a natureza física como organizada em termos de espaço tridimensional, a consciência da função pode ser concebida como uma quarta dimensão.

Ainda em Laskow, a consciência de propósito pode ser considerada uma quinta dimensão, visto que o propósito organiza a função e lhe dá sentido. O propósito, então, precede a ordem e a função e dá a ambos o seu valor. O alinhamento desarmônico com o propósito cria a desordem e a disfunção (ou doença). É fundamental harmonizar a refunção com o propósito superior, porque é a intenção da consciência que inicia a transformação da energia em matéria. Assim, é importante observar o propósito da vida. O propósito é algo que não apenas deve ser descoberto, mas deve ser criado; assim podemos dar sentido à vida. O amor, a sabedoria, a alegria, a paz ajudam-nos a criar nossos propósitos e servem para orientar nossas ações. O desejo básico é o sentimento que está em contato com o nosso espírito. Purificar os desejos através de pensamentos, purificar e expandir os pensamentos configurando-os numa visão, numa imagem como cores e formas.

Bachelard (1998) fala da imaginação como uma força, como movimento da consciência que vai ao mundo. A idéia é utilizarmos, trabalharmos na vivência a imaginação criadora, a imaginação simbólica, que é força e movimento da consciência, que cria realidades onde as imagens surgem no encontro com o sensível. Então mantemos o foco nessa imagem, nesta

visão, pensamentos e desejos, de acordo com o nosso propósito, enquanto alinhados com o nosso eu transpessoal. É isto que nos permite criar o que queremos manifestar no espaço visível, o que até então era invisível.



FIG. 9 – CONFIGURAÇÃO DE IMAGENS SIMBÓLICAS

A energia cósmica, segundo Brennan (1987) associada à quarta dimensão se apresenta através dos principais elementos; do éter, do ar, do fogo, da terra e da água. No éter está o embasamento vital de todos os seres vivos. As diferentes condensações destes elementos tornam nosso planeta habitável sendo que o éter, pelas diversas modificações que sofre, dá lugar ao equilíbrio de todos os fenômenos do universo, desde campos invisíveis a campos visíveis. Brennan diz também que o Campo de Energia Cósmica impregna todo o espaço, os objetos animados e inanimados, liga uns aos outros, flui de um objeto para o outro, e sua densidade varia na razão inversa da distância de sua origem.

As observações visuais nos revelam que o campo está organizado numa série de pontos geométricos, pontos de luz pulsantes isolados, teias de linhas, faíscas, cores e nuvens. Pulsa e pode ser sentido pelo toque, pelo gosto, pelo cheiro e pelo som e luminosidade perceptíveis aos sentidos mais elevados. O Campo de Energia Cósmica é basicamente sinérgico, o que supõe a ação simultânea de agências separadas que, juntas, tem um efeito total maior do que a soma dos efeitos individuais.

Esse campo, segundo Brennan (1987) é o oposto de entropia – o Centro de Energia Cósmica além de existir em mais de três dimensões e construir formas, tem um efeito organizador. Quaisquer mudanças que ocorram no mundo material são precedidas de mudanças nesse campo. O Campo Energético Cósmico está sempre associado a alguma forma

de consciência, que vai desde a mais desenvolvida, até a mais primitiva. A consciência altamente desenvolvida se associa às “vibrações mais altas” e aos níveis de energia mais sutis.

A ampliação da consciência para uma nova visão e abordagem da realidade, parte da compreensão da complexidade do universo biocósmico e do amor universal, cósmico. A Experiência Estética através da vivência consciencial possibilita a elevação da frequência da vibração da matéria a patamares mais sutis, para a ampliação da consciência onde se rompe com a forma fragmentária e dual de pensar, a troca amorosa se dá no relacionamento, onde o amor é incondicional, seja, universal, cósmico. Na interação podemos conscientizar-nos das relações com o outro e podemos experimentar e sentir amor como um impulso na direção da unidade, podendo expressá-lo através de nossas ações.

As vivências estéticas, corporais e simbólicas possibilitam interação dos Campos Vibracionais Humanos com os Campos de Energia Cósmica. No momento em que os campos vibracionais se tornam híbridos, se utiliza à energia do todo, ou a energia cósmica para materializar no plano tridimensional. O processo a que chamo “Cosmoenergia”⁴¹ tem por princípios orientadores o saber, que localiza e ilumina o que queremos, o amor que nos une ao que queremos, o querer pelo qual agimos sobre o que queremos. O sentir e o saber que encaminham a consciência para o foco desejado possibilitam assim, a condensação de energia de dimensões superiores de campos energéticos cósmicos tomarem forma no espaço tridimensional.

A idéia é utilizar em vivências estéticas, em sua natureza corporal e simbólica, a energia, a intenção, as imagens mentais simbólicas e a percepção intuitiva para dirigir-nos às dimensões: física, emocional, mental e espiritual da vida humana. As energias de vitalidade, de harmonização e de transmutação são utilizadas de acordo com o propósito de cada um, sendo que para “trans-formar” ou “transmutar”, se começa identificando e localizando o que no momento está “em forma”, se libera essa forma “despojando-a de forma”, sendo que a etapa seguinte é “re-formar” a energia para harmonização e vitalização no sentido de alcançar uma consciência ampliada.

⁴¹ Cosmoenergia – Energia cósmica, energia do todo.

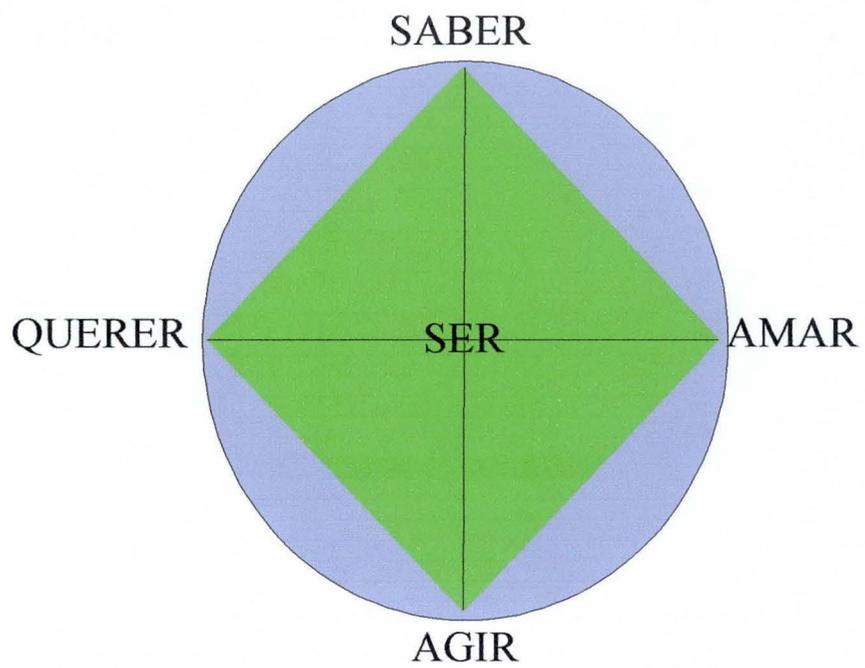


FIG. 10 – CONFIGURAÇÃO MANDÁLICA DA COSMOENERGIA

O SENTIDO MULTIDIMENSIONAL DAS VIVÊNCIAS ESTÉTICAS

Na busca de entendimento do processo de significação das vivências utilizo a teoria semiótica para dar conta do sensível, do que aparece como estésico no trabalho. A idéia é verificar através da leitura de textos verbais e imagens os “estados de coisas” e os “estados de alma” que se manifestam na Experiência Estética.

Meu propósito neste capítulo é, num primeiro momento, interpretar as falas dos sujeitos, logo após, ler as imagens; isso, para entender de que maneira as vivências estéticas, corporais e simbólicas possibilitam a “sensibilização”. Verificar ainda, o que resulta como sentido para os sujeitos das vivências e como as vivências podem significar aprendizagens ético-estético-sociais.

Afirma Greimas (1993) que no discurso ou na vida captada como discurso, se considera o sujeito do fazer. O estado do sujeito se manifesta através da competência considerada como potencialidade do fazer e esse estado é uma forma do seu “ser”, forma atualizada anterior à realização.

Greimas fala a respeito do reconhecimento de uma dimensão autônoma e homogênea, de um modo de existência semiótico, onde se situam as formas semióticas, que se podem hierarquizar distinguindo diferentes esteses: o “potencial”, o “virtual”, o “atual” e o “realizado” que constituiriam as condições necessárias da semiose.

O reconhecimento da homogeneidade do modo de existência das formas semióticas nos remete a uma questão paradoxal, pois permite que o objeto semiótico seja “fenomenal”, ao mesmo tempo, imaginário e “real”. Diz o autor que a existência semiótica das formas é da ordem do “manifestado” e o manifestante, é o “ser”; sendo as formas semióticas imanentes e suscetíveis de manifestação por ocasião da semiose.

Conceber a teoria semiótica como estudo das formas manifestadas consiste em apreender o escoamento coagulante do sentido, como espessamento contínuo partindo da imprecisão “potencial”, para chegar através de sua virtualização e de uma “atualização”, à fase de “realização”.

Neste trabalho a enunciação é muito importante. Segundo Greimas (1993), a enunciação é uma verdadeira práxis, lugar de circulação entre figuras convocáveis e integráveis onde se operam as intensidades, lugar também que vai da modelização a convocação dos universais semióticos utilizados em discurso. As realizações dos sujeitos passam a ser o lugar de

mediação entre a instância epistemológica e discursiva. Através da enunciação passamos das pré-condições epistemológicas às manifestações discursivas.

Greimas (1997,p.14) é pontual quando diz que:

apenas a afirmação de uma existência semiótica homogênea tomada tal pela mediação do 'corpo que sente' permite que o mundo enquanto 'estado de coisas' seja rebaixado ao 'estado do sujeito', isto é, reintegrado no espaço interior uniforme do sujeito.

Em função dessa existência semiótica homogênea ocorre uma equivalência formal entre “os estados de coisas” e os “estados de alma” do sujeito, tudo se dá por essa mediação somática e sensibilizante.

Através do corpo que percebe, o mundo transforma-se em sentido, mas é através da sensibilização do corpo que sente, que as figuras do mundo fazem sentido. Diz Greimas que a homogeneização da existência semiótica, pela mediação do corpo que sente, acrescenta categorias que “patemizam” o universo de formas cognitivas. Assim, o sujeito epistemológico da construção teórica não pode ser puramente “racional”, visto que encontra em seu percurso, que conduz à significação e à sua manifestação discursiva, uma fase de “sensibilização”.

A teoria semiótica no intuito de examinar mais atentamente o discurso, introduz o conceito de “estado modal”, dando origem a imagem de uma “ondulação” contínua, capturável entre outras, sob a forma de emaranhados de processo que se pode considerar como sua aspectualização. Esse emaranhado e essa ondulação podem ser explicados como simples “efeitos de sentido”.

De acordo com a teoria Greimasiana o conceito de tensividade é inseparável do desenvolvimento do discurso, pode transcender a instância da enunciação discursiva e surgir por conta do imaginário epistemológico, em que ele encontra outras formulações filosóficas ou científicas já conhecidas. Pode surgir assim, como “simulacro tensivo”.

A sensibilização para Greimas é fator de heterogeneidade, surge como uma “quebra” do discurso, uma espécie de transe do sujeito, que o transforma em outro sujeito. Assim surge a paixão, negação do racional e do cognitivo em que o “sentir” transborda o “perceber”.

Na percepção o corpo enquanto o mediador do ser no mundo, instaura um espaço semiótico tensivo, mas homogêneo. Já aqui o que acontece é um verdadeiro desatino, como se uma “força”, uma “energia” muito intensa tomasse o sujeito por inteiro. Dessa maneira o que se pode dizer é que o sentir transborda o ser.

Então, o mundo natural já não vem em direção ao sujeito como acontecia na tensividade, mas o sujeito é que organiza figurativamente o mundo a seu modo. O sujeito é tomado por um entusiasmo extasiante que lhe captura para além das fronteiras do mundo cotidiano. Esse entusiasmo é o que Greimas (1993) chama de “foria”.

Greimas afirma que apenas as situações extremas e paradoxais evidenciam a especificidade e a irredutibilidade do fenômeno e concebem uma diminuição das distâncias entre o que há de tensivo e fórico na ondulação do discurso.

O ser é concebido assim, nessa tensividade fórica, aí se manifestam seus tranSES, nesse desdobramento do sujeito, em sujeito que percebe em sujeito que sente. Onde o “simulacro fórico” se inscreve no horizonte ôntico. As paixões evidenciam essas situações extremas e enquanto propriedade do discurso inteiro se projetam sobre os sujeitos, os objetos, e sua junção reduzindo a distância entre o “conhecer” e o “sentir”.

A significação surge pela modalização do estado do sujeito que só é concebível passando pela do objeto, que se transforma em “valor”, se impõe ao sujeito. Além disso o “parecer do ser” é dado sob forma de simulacros, onde o mundo humano é visto como “tensividade fórica” em conjunção com um universo justificado pela necessidade tensiva com a foria introduzida pelo acidente, pela fratura e a intervenção do sujeito.

A tensão para unidade é dada no movimento da “estese” onde o sujeito estético mergulhado na foria instaura-se tanto como objeto, quanto como sujeito. Na captura estética, na trama e na fratura da cotidianidade e na espera, onde ocorre o transtorno do sujeito, a fusão com o objeto, a relação sensorial entre ambos. Nas representações figurativas, pode ocorrer do objeto estético transformar-se em sujeito de um fazer estético, e o sujeito da emoção passar a ser o objeto.

Quando Greimas (1993) se refere a essa tensão para unidade, dada na estese, assinala duas possibilidades; a concepção da estese como “ressentir” do estado-limite e espera do retorno à fusão, repousando sobre a fídúcia, que permite prever, no nível discursivo, a existência de uma dimensão estética.

A dimensão passional, construída sobre a foria, como sua pré-condição e visando sua manifestação, teria como contrapartida à dimensão estética, a qual repousaria na eventualidade - expectativa ou nostalgia - de retorno a protensividade fórica, ao universo indiferenciado postulado como pré-condição de toda a significação. O sentir oscila assim, nesse jogo da foria, entre fusão, cisão e reunião, onde a inquietude manifesta-se como forma de instabilidade constitutiva.

As relações do sujeito com os valores podem ser modificadas por determinações modais. Do mesmo modo, a relação do sujeito com seu fazer sofre qualificações modais.

Assim na primeira fala:

Já estando na busca, o caminho aparecerá e as formas antes não compreendidas amanhã serão esclarecidas.

“*Já estando na busca*”, manifesta o querer do sujeito que se esforça para alcançar algo. Em “*o caminho aparecerá*”, manifesta-se o poder desse sujeito que, através de um querer, consegue criar situações que ainda não aconteceram, mas podem vir a acontecer. Então podemos afirmar que, basta querer com um determinado foco, que o poder se manifesta como um gerador de realidades. Assim essas modulações aparecem como algo desejável e possível.

“*E as formas antes não compreendidas amanhã serão esclarecidas*”, nos mostra que o saber possibilita que o sujeito atinja patamares de compreensão, que até então não estavam a seu alcance. O saber possibilita assim, a ampliação da consciência para compreensão de novas realidades, isto é, realidades que o sujeito ainda não capturou, ou não tomou consciência que passam a ser captadas e conseqüentemente esclarecidas.

Barros (1988) diz que na modalização do fazer distinguem-se dois aspectos: o fazer-fazer, isto é, o fazer do destinador que comunica valores modais ao destinatário-sujeito, para que ele faça e o saber-fazer ou seja, a organização modal da competência do sujeito.

Na organização modal da competência do sujeito operador, combinam-se dois tipos de modalidades, as virtualizantes, que instauram o sujeito, e as atualizantes, que o qualificam para a ação. O dever-fazer e o querer-fazer são modalidades virtualizantes, enquanto o saber-fazer e o poder - fazer são modalidades atualizantes.

Ainda na primeira fala, “*já estando na busca o caminho aparecerá*” o querer-fazer qualifica-a para a ação, em função do saber-fazer dado em, “*e as formas antes não compreendidas amanhã serão esclarecidas*”. Aqui os dois tipos de modalidades necessárias à realização do fazer transformador estão presentes.

Ocorre o mesmo nessa segunda fala:

Eu só me entreguei porque vi que estava amparada pelo grupo.

“Eu só me entreguei”, o querer-fazer, *“porque vi que estava amparada pelo grupo”*, o saber-fazer. O sujeito aqui só se sentiu à vontade para fazer quando tanto afetou, quanto deixou-se afetar pelo grupo. O acolhimento e o amparo do grupo para consigo, lhe deixara confiante o bastante para ação. Amparado e seguro seu querer passa a uma entrega total ao fazer.

Barros (1988) afirma que se estabelece ainda, um jogo de compatibilidades e de incompatibilidades de modalidades, na organização da competência.

Nesta terceira fala:

Achei muito bom mas não consegui parar de rir, parecia uma brincadeira, mas o que eu achei legal foi à entrega total.

“Achei muito bom mas não consegui parar de rir”, nos mostra incompatibilidade entre o querer e o saber, ou o poder, ou seja, o sujeito quer fazer mas não pode, ou não sabe como. Aí faltam esses elementos de competência e sendo assim, o sujeito não se realiza pela ação. Não atinge os valores desejados pela falta do saber. Ao mesmo tempo, se conserva como sujeito virtual, que quer, mas se vê tomado por uma condição de impotência que está para além de seu querer.

“Parecia uma brincadeira” revela o sujeito que, se a princípio se sentia condicionado e não conseguia agir porque isso fugia a sua vontade, agora se encontra em estado de relaxamento, euforia, numa entrega total ao momento. Nesse caso, o querer gera uma ação de liberação dos condicionamentos, onde o saber se dá na entrega total.

Na modalização do ser, Barros (1988) afirma que existem dois ângulos que devem ser examinados; O da modalização veridictória, que determina a relação do sujeito com o objeto, dizendo verdadeira ou falsa, mentirosa ou secreta. O da modalização do querer, dever, poder e saber, que incide especificamente sobre os valores investidos nos objetos.

Com a modalização veridictória substitui-se a questão da verdade pela veridicção ou do dizer verdadeiro: Parte-se do parecer ou do não parecer da manifestação e infere-se o ser ou não ser da imanência.

A modalização veridictória relaciona-se ao fazer interpretativo, diz respeito também à modalização do ser, a determinação pelas modalidades do querer, saber, dever e poder da relação do sujeito com os valores. Esse tipo de modalização altera a existência modal do sujeito. A modalização do ser produz efeitos de sentido “afetivos” ou “passionais”.

A quarta fala:

Sem a máscara quem está fazendo consegue passar mais emoção, mas ao mesmo tempo quando tu vai fazer a vivência, tu fica um pouco encabulada de estar com a cara limpa.

Ao afirmar que - *“sem a máscara quem está fazendo consegue passar mais emoção”* - o sujeito mostra um querer, um poder, um saber que gera um fazer. Essas modalizações do ser produzem também efeitos de sentido. *“Consegue passar mais emoção”*, evidencia o quanto aflora no sujeito um estado de sensibilidade, na medida em que se permite vivenciar sem a máscara.

“Mas ao mesmo tempo quando tu vai fazer a vivência, tu fica um pouco encabulada de estar com a cara limpa” - manifesta-se o parecer do ser e surgem os efeitos de sentido; medo, insegurança e inibição no momento de vivência sem a máscara.

Numa narrativa, o sujeito segue um percurso, ou seja, ocupa diferentes posições passionais, saltando de estados de tensão e de disforia para estados de relaxamento e de euforia e vice-versa.

As paixões, do ponto de vista da semiótica, entendem-se como efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito de estado. A quinta fala:

A máscara nos dá a possibilidade de soltar, de pirar, e deixar o corpo ir e a voz falar o que tiver vontade. Quando a gente está com a cara limpa como disse a colega, é mais difícil, acho que o racional trabalha mais, isto porque está todo mundo te vendo, vendo que é tu mesmo.

O sujeito se abre ao mundo sem um porquê. Os gestos abrem cada vez mais o canal dos sentidos, deixando fluir a energia física e vibracional, na interação com o Campo Fundamental. Dizendo que - *“a máscara nos dá a possibilidade de soltar, de pirar e deixar o corpo ir, e a voz falar o que tiver vontade”* - revela a sensação de liberdade e euforia, nesse rompimento com a vida estática. Assim, se entrega de corpo e alma ao processo. Sem nenhuma pretensão de certeza, ou verdade, a linguagem verbal é apenas um dos recursos de comunicação que brota de suas entranhas, no movimento de reversibilidade do sensível ao inteligível.

Enquanto o estado de euforia do sujeito se mostra como algo positivo, a retenção é disfórica, se mostra como negativa. *“Quando a gente está com a cara limpa, como disse a colega é mais difícil, acho que o racional trabalha mais”*. Aqui percebemos que o sujeito se

vê inibido, condicionado, retido, não se sente à vontade para um fazer. Estando com a cara limpa, isto é, sem máscara acha difícil, não sabe como agir.

Também relacionada às vivências de máscara, a sexta fala:

Não faz muita diferença, com máscara, ou sem máscara porque a gente se conhece e está fazendo um trabalho junto. Mas imagina num público maior. É mais fácil estar com a máscara, bem mais fácil.

“*Não faz muita diferença com máscara ou sem máscara*” - demonstra a neutralidade e a indiferença do sujeito perante o uso ou não, da máscara. O fato de usar ou não a máscara, não interfere em sua ação, porque de uma maneira ou de outra, sabe como agir. Mas ainda assim - “*porque a gente se conhece e está fazendo um trabalho junto*” - mostra que o mais importante não é o objeto em questão, mas a confiança no grupo. O fato de conhecer o outro legitimando-o no grupo, assim como, ser legitimado pelo mesmo torna-o mais confiante. Além disso, percebemos nessa fala a importância da troca que se dá nas interações, que permite gerar aprendizagens, tornando o sujeito do saber confiante o suficiente para um determinado agir.

“*Mas imagina num público maior, é mais fácil estar com a máscara, bem mais fácil*”. Aqui percebemos o medo, a insegurança e a retenção de uma ação ainda que haja um saber. Apenas em se imaginar não usando a máscara, num lugar desconhecido e num público maior, o sujeito se retrai e condiciona sua ação à utilização da máscara, isso como uma possibilidade de relaxamento e liberação de suas ações.

A sétima fala:

O que eu senti com a máscara é que na medida em que ela te dá uma expressão que não muda, tu tens a possibilidade de ficar mais livre para observar os outros, já que a tua reação aos outros fica escondida atrás da máscara.

Tal fala nos possibilita afirmar que estamos diante de uma modalização veridictória, que se relaciona ao fazer interpretativo. “*O que eu senti com a máscara é que na medida em que ela te dá uma expressão que não muda, tu tens a possibilidade de ficar mais livre para observar os outros*” - mostra que sujeito através de um querer e de um saber chega à ação. Sendo assim, percebe que com a máscara a expressão é sempre a mesma. Por outro lado, a sensação é de liberdade, euforia e relaxamento, quando usa a máscara e passa a observar os

outros, sem que os outros percebam suas reações. Ocorre aqui um distanciamento entre o sujeito que observa, que se esconde atrás da máscara, e o grupo. Não há interação entre ambos, nem mesmo reações perceptíveis, que possam estabelecer interações. As reações estão escondidas atrás da máscara.

Greimas (1997) afirma que a vivência é concebida como uma relação particular estabelecida no quadro actancial entre o sujeito e o objeto de valor. A condição dessa relação é a suspensão do tempo e a paralisação do espaço.

A oitava fala, dada pelo relato desse acontecimento abaixo, permite reconhecer as principais articulações da seqüência discursiva destinadas a narrar uma captura estética.

Senti na meditação, depois de segurar a respiração, uma luz branca, com riscos azulados muito forte e entontecedora (muito agradável), sensação de muita luz e força que se esparramava.

Conforme Greimas (1997), o detimento do tempo é marcado figurativamente pelo silêncio que bruscamente sucede o tempo cotidiano, representado como um ruído ritmado. A este silêncio corresponde um detimento súbito de todo movimento no espaço. Na fala do sujeito – “*senti na meditação, depois de segurar a respiração*” - percebemos a suspensão do tempo e a paralisação do espaço em seu ato de segurar a respiração. A respiração é, portanto, essa manifestação do ritmo vital, que manifesta o primeiro contato do sujeito com o objeto, com o mundo que está fora de seu corpo.

Essa fratura, ruptura na vida cotidiana, dada por essa detenção do tempo na Experiência Estética, remete o sujeito a um novo estado de coisas. “*Sensação de muita luz e força*”, aqui o sujeito se vê como que embriagado, em êxtase. Segundo Greimas (1997) este estado de coisas que se manifesta como uma força que vem do exterior é o deslumbramento, é o efeito, estado em que a vista é golpeada pela luz.

A imaginação é ativada e se pode observar que flui em – “*uma luz branca, com riscos azulados, muito forte e entontecedora (muito agradável)*”. Em princípio, a cor não intervem aqui, mas a luz que atinge a vista do sujeito transforma sua visão.

Diz Greimas (1997), que a luz é o estágio mais profundo da visualidade. Assim, para além das cores que a vista capta está a luz. A espera precede figurativamente o acontecimento, o que fica evidente em – “*depois de segurar a respiração*”. Então, a vista do sujeito lhe absorve dando-lhe uma sensação de deslumbramento, um estado eufórico e uma força tomam

conta de seu ser, de maneira que se dilui no todo. O sujeito funde-se ao objeto para depois se separar dele...

A breve passagem estética se encontra duplamente enquadrada como momentânea imobilização do sujeito entre os deslocamentos ordinários, porém também como um englobamento da visão pelo referente contextual. Apenas explicitado, tal referente devolve a cotidianidade dos homens e das coisas, em Greimas (1997).

As falas abaixo referem-se à criação da mandala pessoal. Além da modalização do ser é notável nessas falas, a modalização veridictória, pois os sujeitos interpretam seu fazer.

Nesta nona fala:

Um buraco enorme, um turbilhão de sentimentos, sentimentos em turbilhão.

O tempo da revelação, da estesia, chega como um “*turbilhão*”, e o oculto, o suspeito se instauram como condição de verdade. Realidade oculta que se revela como um “*buraco enorme*”. O raptó estético se mostra aqui, como esse momento radiante de energia, culminante e insuportável, que permite que “*um turbilhão de sentimentos*” permeiem o sujeito no momento de conjunção com o objeto mandala. Tal conjunção toca o sujeito de modo acidental. O objeto nesse momento revela a intimidade do ser, que mostra estar com os sentimentos em turbilhão.

O espaço em expansão absorve o sujeito por completo e a estesia chega ao limite máximo da consciência. Os “*sentimentos em turbilhão*” demonstram o estado de disforia que toma conta do sujeito.

Esse se dissolver num mundo excessivo se manifesta muitas vezes como repúdio, segundo Greimas (1997), repúdio de algo pleno e ao mesmo tempo próximo seja, algo transcendente e imanente. O que ele coloca como repúdio inconsciente, reflexo de auto defesa, ante o insuportável - Seria horror ao sagrado? Ou quem sabe medo?

Nesta décima fala:

Medo (preto) - queimado pelos sóis que se movimentam muito rápido e transmutam o medo. Sementes de proteção dos índios (aguaí); Estão no círculo na cor marrom.

A estesia toma conta do sujeito, e o suspeito, o enigmático, de forma insuportável aparecem como condição de verdade através do medo, que gera a disforia. A obscuridade

entendida como aglomeração de corpúsculos, energia condensada, produz a matéria negra, o preto, associado ao medo, a sombra, a escuridão, este estado angustiante do ser.

No momento da estesia, onde o sujeito transcende a realidade cotidiana, os Campos Vibracionais Humanos num movimento de interação com os Campos Vibracionais Cósmicos transmutam o medo. *“O medo é queimado pelos sóis que se movimentam muito rápido”*.

A consciência ampliada cria realidades através da imaginação simbólica. As imagens exercem influências sobre o ser e o objeto que está aí, no mundo radiante de energia. Tocam o sujeito de forma acidental, - *“as sementes de proteção dos índios, (aguai)”*. Imagens que se manifestam através da visão do sujeito, em forma de círculo e com a cor marrom.

As três falas seguintes se referem às vivências de criatividade. Assim, na décima primeira fala:

Apesar de que esse desenho tenha sido feito por todos nós achei que tem muita integração, cada fundo, cada traço, cada cor, tudo tem uma ligação, ele não está solto, nem quebrado possui personalidade única.

Está presente tanto a modalização do ser quanto a veridictória, pois o sujeito interpreta seu fazer. *“Apesar de que esse desenho tenha sido feito por todos nós”* - aí ele demonstra que o fazer não é apenas individual e que neste fazer existe um acordo, uma conciliação, uma conjugação dos múltiplos fazeres. O saber de cada um é somado ao do outro, e o saber de cada um na troca, na interação, na cooperação gera o saber e o fazer de todos.

Os sujeitos da vivência são absorvidos pela conjunção de seus fazeres através da composição integrada; expressa no desenho por - *“cada fundo, cada traço, cada cor”*. O desenho - *“não está solto, nem quebrado”* - apesar de não ter sido feito por um único sujeito, *“possui personalidade única”* e muita integração.

Na expressão plástica cada objeto é um mundo em si mas considerado em suas multi-relações, pois - *“tudo tem uma ligação”*. Da mesma forma, ocorre no universo, onde cada corpúsculo é independente e ao mesmo tempo, cada partícula da matéria contém em potência todas as formas e energias que se constituem na superfície. Assim o todo contém as partes, e as partes, o todo - o todo é uno e o uno é todo.

Nesta décima segunda fala:

Acho interessante isso de pensar porque existiu sintonia, ou porque a sintonia foi se construindo na medida em que alguém fez o primeiro traço e foi dando a linha do desenho. Mas assim olhando os desenhos é interessante que no da esquerda, que é para expressar

o que a gente sentiu ao ser protagonista de alguma coisa, a gente não coloca o protagonismo e coloca quase uma paisagem. No outro a gente tá observando, está expressando o que a gente sente, quando observa a gente coloca protagonistas e isso é uma coisa interessante.

Aparece a modalização do ser e do fazer interpretativo. O objeto estético transforma-se em sujeito do fazer estético, e o sujeito da emoção passa a ser o objeto, ou seja, passa a ser o que está no desenho.

Assim como nesta décima terceira fala:

No primeiro desenho a gente estava no centro, se sentiu uma pessoa, uma força como o sol, o eu e o outro, onde a gente estava como observador a gente via pessoas, a gente viu olhares. Então o desenho se manifestou isso, a gente via as personagens e quando era a gente não enxergava o personagem, mas enxergava outra coisa, outra coisa maior.

Nessa captura estética de total conjunção do sujeito com o objeto, surge o excesso que invade e absorve o sujeito, e um passa a ser o outro. O que percebemos é que quando afirma que - *“se sentiu uma pessoa, uma força como o sol”* - já não existe mais distinção entre um e outro, o sujeito é o sol, que é pura força radiante de luz e energia e o sol é o sujeito. Assim, se pode deduzir que a Experiência Estética dá conta do objeto introduzindo-o no universo das formas comparáveis fazendo uso da linguagem metafórica.

O desenho mostra que o fato do sujeito estar no centro lhe faz sentir mais forte, com muita *“força”* e *“energia”* como o sol; de fato uma pessoa, uma individualidade interagindo com a totalidade.

A décima quarta fala:

Hoje passei por várias emoções desde que acordei até chegar aqui. Essas emoções foram se transformando na medida em que a gente ia se expressando. Eu procurei trabalhar com as cores como se elas fossem se dissipando assim como a energia que eu estava, ela foi para o ar. A sensação que eu estava era como se eu tivesse dentro do olho de um furacão e daí eu consegui me dissipar assim, com as brincadeiras, com as vivências. Foi muito bom!

Retrata o sensível que invade o espaço da percepção. Momento de fratura na vida cotidiana em que todas as sinestésias são possíveis e que, segundo o sujeito - *“as emoções foram se transformando na medida em que ia se expressando”*. A sensação de euforia toma conta de seu ser e quanto mais se expressa por um querer, mais chega a um fazer de corpo e alma. Na transcendência pelo sensível, o corpo em interação com o cosmos instiga a

imaginação simbólica. As múltiplas linguagens expressivas possibilitam que através do símbolo ocorra tanto a transformação cognitiva, quanto à transmutação passional.

“Eu procurei trabalhar com as cores como se elas fossem se dissipando assim como a energia que eu estava, ela foi para o ar” - revela que ocorre um instantâneo estabelecimento de um novo estado de coisas. A obscuridade é transformada em cores e através da expressão, através da cor, o sujeito penetra na zona do arco-íris, das cores, da luz. A energia pesada, que o deixa em estado disfórico, se dissipa em cores que se diluem no ar.

O sujeito diz que - *“a sensação que estava era como se tivesse dentro do olho de um furacão.”* Se revela aí o medo, o pavor que essa realidade oculta, enigmática, de turbilhão, lhe causa. Mas a obscuridade dentro do olho do furacão em seguida alcança a luz, revelada em cores, que permite que o sujeito entre em estado de euforia. Quando consegue se dissipar com as brincadeiras, alcança um outro estado de alma.

A décima quinta fala:

foi legal porque quando eu cheguei aqui depois de ter feito dois mapas astrais percebi o efeito, eu estava quente. Na hora do desenho fiquei pensando, mas depois o engraçado é que quando acabei de fazer, percebi uma coisa saindo de mim, aquela águia. É a coisa da entrega.

Demonstra que o sujeito chega em estado disfórico, isso após ter feito dois mapas astrais, mas em seguida se vê tomado por grande euforia a ponto de se sentir quente. Ocorre mediante o acontecimento estético, uma mudança de estado, que se insere no discurso da cotidianidade do sujeito, como um relâmpago passageiro que permeia todo seu ser. Energia intensa que lhe deixa *“quente”* e que de imediato, progressivamente desaparece assim como uma coisa extraordinária. Conforme Greimas, o efeito desse acontecimento é a própria nostalgia da perfeição, oculta pela tela da imperfeição.

Na hora do desenho o sujeito ficou pensando, momento de espera e hesitação, também de parada no tempo em que o querer não atingiu o fazer. Mas logo em seguida a euforia se revela pela entrega total ao momento, assim começa a desenhar e quanto mais se entrega àquela forma de expressão, percebe que alguma coisa sai de si. Alguma coisa como uma energia, algo que estava retido, e que de repente, para além de seu ser alça vôo como uma águia, livre pelo universo afora.

O imaginário enquanto potencialidade constrói o objeto. O sujeito através do querer, do saber e do poder chega a realização do desenho, o que lhe faz entrar em estado de euforia, relaxamento e um grande alívio ao perceber uma coisa saindo de si, “*aquela águia*”.

Na representação figurativa, o objeto estético transforma-se no sujeito do fazer estético e o sujeito da emoção passa a ser o objeto. Assim, a águia expressa no desenho é o próprio sujeito do fazer e o sujeito que sente passa a ser livre como uma águia, isso acontece em função de sua entrega ao momento da Experiência Estética.

Nesta décima sexta fala, fica evidente a captura estética, o súbito do acontecimento...

A luz dourada sempre em pequena dimensão e muitos pontos coloridos (como elétrons e neutrons - assim eu imagino- dançando/movimentando-se em minúsculos tamanhos). Foi aparecendo os Vórtices partindo do centro, como se alimentando do centro e emanando para as bordas. Fiquei feliz em ver a mandala elaborada e também de produzi-la pois sempre tive vontade e nunca tive determinação, coragem de realizar esta ação (parece que não ia conseguir construir...).

De acordo com Greimas (1997), sobre a dimensão sensorial se reconhece uma hierarquia de sensações. O estrato eidético é considerado como o mais superficial, seguido do cromático, de onde a luz recolhe o nível mais profundo deste gênero de percepção estética. A isotopia visual é prolongada pela tatilidade, que se situa entre as ordens sensoriais mais profundas que manifesta sobre o plano cognitivo à vontade de uma conjunção total.

“*A luz dourada*” de que fala o sujeito, expressa o que tem de mais profundo na percepção estética do mesmo. Depois os “*pontos coloridos*” que revelam o nível cromático e a captação do movimento incessante desses pontos em minúsculos tamanhos, indicando o estrato eidético. A isotopia visual é prolongada aqui pela tatilidade quando o sujeito expressa que: “*foi aparecendo os vórtices partindo do centro, como se alimentando do centro e emanando para as bordas.*” O objeto vai penetrando, invadindo o sujeito tão intensamente que surge o desejo de uma conjunção total.

“*Fiquei feliz em ver a mandala elaborada e também de produzi-la*” - mostra a euforia do sujeito que através do querer, do saber e do poder realiza uma ação que o satisfaz. Quando diz que - “*sempre teve vontade e nunca teve determinação*” - percebemos a modalização virtualizante instaurando o sujeito, já que ele demonstra a vontade de realizar ou seja ele quer mas não se determina a fazer por não se sentir capaz, o que se observa em - “*parece que não ia conseguir construir...*”

O mesmo ocorre na décima sétima fala:

Bem no centro no círculo bem forte e pequeno ao redor um círculo azul esfumado feito no sentido horário. Mais para fora o mesmo círculo no sentido anti-horário e cor. Hélices em vários sentidos que partem do centro, Movimento (horário e anti-horário), Seis pétalas (centro azul/laranja).

Ocorre que a sensação primeira se dá pelo nível eidético; mas também “*algo bem forte*” pode aparecer como emoção viva, manifesta na fala - “*bem no centro no círculo bem forte e pequeno, ao redor um círculo azul esfumado*” - aqui passamos ao nível cromático e - “*mais para fora o mesmo círculo, no sentido anti-horário e cor.*” Isso mostra o sujeito que em seguida é capturado e remetido à outra espacialidade e temporalidade num movimento horário e anti-horário. E então nessa captura estética, mais uma vez surge a forma visualizada - “*seis pétalas em cor azul e laranja*” - onde a visão não é outra coisa senão “*realidade*”, isotopia que engloba a sobre-realidade, seja isotopia estética.

A décima oitava fala se refere à minha Experiência Estética :

Inspiro... diluo-me no universo, o silêncio entra pelos ouvidos. A paz e o amor transbordam meu ser. Do centro algo irradia luz prateada. Emanam o violeta para as bordas Movimenta-se e pulsa muito rápido. Essa luz me invade, vai e volta. É muito brilho! É como um raio. Sinto medo, meu corpo se estremece. As imagens surgem e vão embora, pontos, linhas, cores, muitas cores que pulsam e se misturam. Sinto-me contemplada por algo que não sei bem o que é. Estou em êxtase. Bolas de cores; violeta, verde, e vermelho se movimentam. Pontinhos de luz correm como numa dança incessante de um lado para outro. Círculos com bolinhas pretas no centro correm de cima para baixo. Um cheiro maravilhoso de flores, um perfume intenso me invade e invade o espaço ao meu redor. Olho e não vejo nada...

A troca de isotopia conforme Greimas (1997), se afirma como uma fratura, um desvio na continuidade do mundo, ao mesmo tempo, um relâmpago que consagra a superação da fronteira.

Esse momento de fratura me remete a um outro tempo e a um outro espaço quando afirmo - “*inspiro... me diluo no universo*” - sou capturada para outro lugar até que retorno à vida cotidiana, quando - “*sinto um perfume intenso, um cheiro de flores e então olho e não vejo nada*”.

A emoção viva em – “*a paz e o amor transbordam meu ser*” e a sensação inesperada - “*sinto medo, meu corpo se estremece*” - correspondem às minhas próprias reações patêmicas e sensoriais. O estremecimento a estesia, se distribuem em meu ser e nos objetos do mundo.

Tal acontecimento marca o sincretismo de estado dos actantes, numa fusão momentânea do homem e do cosmo que reúne ao mesmo tempo, a paixão da alma e do corpo.

As sensações passam pelo corpo, sou tocada por inteiro; tato, olfato, audição, por fim pela visão em que aparecem os níveis eidético, cromático e a luz. A estesia possibilita a ativação da imaginação simbólica. Assim, através da transcendência pelo sensível e na interação dos campos vibracionais surgem as imagens, os símbolos enquanto potenciais de energia.

O símbolo se traduz como forma de conhecimento; é algo energético, vivo e através da consciência se manifesta na realidade. As imagens enquanto potenciais energéticos surgem como luz, pontos, linhas, cores, em múltiplas formas. Através da estesia é que – “*um cheiro maravilhoso*” se manifesta na realidade tridimensional, inundando todo espaço, o que se dá como quebra da anestesia cotidiana.

O olfato é um sentido profundo, segundo Greimas (1997) - é a comunicação com o sagrado. “*Um cheiro de flores, um perfume intenso*” - manifestam essa comunicação com o sagrado. O sagrado vem para subjugar o cotidiano narrativizado ou narrativizável para quebrar o ritmo “natural” de duas maneiras; transcendendo-o e subentendendo-o e se dá nessa conjunção íntima, absorvente, carnal e espiritual.

Quando – “*olho e não vejo nada*” - é evidente o momento da cisão, instante em que a felicidade termina, e o olhar se imobiliza, é o retorno a superfície visual, a cotidianidade. A separação do sujeito e do objeto, a ruptura da isotopia estética e o retorno à realidade se consumam.

A partir daí pode-se afirmar que a suspensão do tempo na Experiência Estética me leva a reencontrar a mais profunda continuidade passional com outro eu mesma; Isto é, com minha própria pessoa.

Após traduzir as falas dos sujeitos para interpretar o sentido multidimensional das vivências estéticas, corporais e simbólicas, passo a leitura semiótica das imagens. A semiótica considera antes de tudo a imagem como um enunciado. Segundo Pillar (1992) ler uma imagem é compreendê-la, interpretá-la, descrevê-la decompô-la e recompo-la para apreendê-la como objeto a conhecer. A imagem propicia uma infinidade de leituras devido às relações que seus elementos sugerem.

Oliveira (1995) diz que cada imagem se vivifica em cada ato de olhá-la o que a faz ser e agir como um sujeito que a capta. Por esse mundo que ela faz existir nos limites de seu suporte, cada imagem é presentificação de algo para alguém.

O propósito agora é fazer uma leitura das imagens registradas nas Experiências Estéticas, enquanto fenômenos que nascem de vários processos interativos, materiais e imateriais. Entendendo a imagem como processo de relação, como um sistema de elementos em interação, uma experiência energética de interinfluência.

Segundo Silva (2001) as imagens são portadoras de um campo vibratório e de interinfluência. O que as imagens articulam afeta a relação do sujeito consigo mesmo e com domínios de espiritualidade e de sensibilidade que permitem correspondências afetivas, vinculares e de participação criativa entre as pessoas, já que mobilizam lógicas polifônicas, polimorfas e plurienergéticas.

Na primeira imagem (fig. 11) os elementos plásticos; linhas, formas, cores e o jogo de claro e escuro retratam interações entre formas simples e abstratas, símbolos imagéticos que expressam sensações primordiais e a relação do todo com as partes.



FIG. 11 – FOTO MANDALA 1

O mundo interior, o imaginário, se externa através da imagem que se revela através das cores em movimento, que se misturam criando formas. O azul na parte superior revela a sutileza da energia celeste em relação à energia terrestre. Azul do céu, azul do mar, assim céu e terra se fundem num espaço ilimitado.

Como uma onda no mar, surge uma linha sinuosa preta, separando o fundo colorido do branco total, dividindo a parte superior da inferior e deixando apenas uma abertura a direita, que permite a junção dos dois espaços.

A linha sinuosa se manifesta como um cabelo ao vento, que livre leve e solto, separa as cores do branco total criando formas no espaço. O branco pode significar a luz da consciência, a pureza da alma, que se libera das amarras para se jogar ao mundo e viver intensamente o momento presente.

O preto se opõe ao branco, surge delimitando espaços diferenciados, como a energia plasmada do corpo. À direita, uma abertura que ultrapassa os limites determinados pelo preto. A cor se mistura ao branco como manifestação dos estados passionais confusos, pois é o espaço de hibridez, espaço intermediário entre o corpo e o espírito.

A gota vermelha, à esquerda da imagem, surge como uma lágrima de sangue; dor da solidão com vista para o mar; ao mesmo tempo, gota de energia que resta para sair da maré de sentimentos conturbados, é como um indicador de que sempre resta uma esperança, num mundo em turbilhão.

O vermelho à direita, na parte superior, surge em forma de raios de energia que jorram do universo, como o sangue nas veias do ser lhe dando vida. O espaço de abertura, das cores ao branco total, permite a hibridez dos sentimentos atrativos com a consciência ampliada, a relação da alma com o espírito através de um corpo vitalizado. Além disso, o fortalecimento das relações, que se tornam mais afetuosas para aquele que se deixa levar pela aceitação das diferenças e dos diferentes, no sentido de bem viver e conviver.

O amarelo se manifesta como a energia que traz a clareza da mente, que em interação com a natureza e a cultura não se fecha em copas, mas se abre ao universo em expansão, surge como a consciência que penetra no todo e se deixa penetrar por ele.

A imagem se revela como um olhar profundo, de um olho plasmado sobre uma agitada superfície líquida, onde os movimentos sinuosos das linhas denunciam os sensuais e inconstantes desejos aquosos. Revela-se ainda, como um seio materno que emana do centro do universo para alimentar o corpo e a alma dos seres cósmicos.

A linha do horizonte, que separa e ao mesmo tempo junta a terra com o céu, também é constituída de azul. Azul como as águas dos rios e como os sentimentos, o mar em movimento; cheio de incertezas, mas também de fluídos purificadores, que acalmam quando o ser através do sensível, se conecta com o universo.

A onda azul, acima da sinuosa linha preta, se transforma numa onda central de tonalidade verde, da mesma forma em que se coloca na faixa do espectro solar - o verde como cor principal, denominador comum de toda natureza. Expressa a espiritualidade, o equilíbrio entre a natureza física e o espírito imortal. Onda verde da alma, repleta de emoção, circula através dos sentidos perpassando todo ser em suas multidimensões. Onda que se dilui no universo através de uma abertura menor, de fundo branco, portal de passagem de um espaço a outro.

O pequeno círculo se mostra como uma abertura, onde o branco é o “todo” que se manifesta nas partes e se deixa manifestar por elas num universo em interinfluência; “todo” que promove a abertura de um estágio de consciência a outro mais ampliado.

Atrás da onda azul, o olho que se esconde onde explodem paixões, observa e se atém tanto ao mundo interno, quanto externo é como o espelho da alma que tudo vê. Porém, se identificado com sentimentos conturbados, e enquanto espelho da razão, nem tudo pode perceber.

O espaço de centro, expresso pela onda verde, com uma abertura circular menor, de fundo branco, que parece vazio, mas é o todo; revela que só se pode ver profundamente, através dos olhos da alma, do alinhamento do centro amoroso com o universo.

Na fusão do ser com o cosmos, a partir desse alinhamento, através da transcendência pelo sensível as possibilidades são dadas pelo buraco branco, no centro da imagem; buraco que pressupõe o Campo Fundamental. Segundo Capra (1988), campo de onde tudo provém e para onde tudo retorna.

As cores são vibrações que emanam do campo; isso, como ondas de luz, fluídos coloridos em constante movimento. O tom amarelo-dourado, surge como a energia espiritual que atua no intelecto e através do saber dado pela ampliação da consciência. O vermelho, a energia física, o vigor, a vitalidade do querer para materializar. O verde, a energia do equilíbrio, a vibração harmonizadora entre razão e emoção, fortificante e denominar comum da natureza que simboliza o amor universal, a presença da consciência cósmica em nós.

As linhas e a cor verde e, em maior intensidade o azul, unem componentes diferenciados do espaço pictórico. Expressam uma plenitude necessária à representação de entidades existentes no imaginário.

Nesta outra imagem (fig.12) podemos perceber a condensação arquetípica, a interioridade do sujeito revelada. Tudo começa com um pequeno ponto negro, no centro da imagem, como o vazio de um portal onírico que convida a penetrarmos nas entranhas do primordial. Ponto negro, que revela o mistério, o oculto, que separa o conhecido do desconhecido, o consciente do inconsciente.



FIG. 12 – FOTO MANDALA 2

O sujeito afirma que - *“bem no centro tem um círculo, bem forte e pequeno, ao redor um círculo azul esfumado feito no sentido horário, mais para fora o mesmo círculo, no sentido anti-horário e em vários sentidos que partem do centro.”*

Na física moderna as cores representam uma porção do espectro das radiações eletromagnéticas, sendo o espectro da luz visível, apenas uma pequena parte da fonte de energia. A luz solar reúne de forma equilibrada todos os matizes existentes na natureza e a decomposição do raio solar é composto de uma mistura de radiações coloridas de comprimento de ondas diferentes.

A imagem expressa as cores do arco-íris, que circulam e pulsam girando ao redor do preto. O vermelho e o azul são as mais próximas; o azul aparece como a energia de intuição, energia receptiva e introspectiva, que gira no sentido horário, como um relógio que cronometra o tempo, mas num tempo sem tempo. O vermelho, a energia de ação, de determinação e materialização da forma, do campo fundamental ao espaço tridimensional.

No plano textual, da manifestação, o ponto preto expressa o corpo físico, a energia congelada, circulada pelo Corpo Vibracional em cores; vermelho, azul, violeta, laranja, e

amarelo - campos energéticos - que quanto mais se afastam desse ponto preto, mais se sutilizam.

Mais para fora, o mesmo círculo no sentido anti-horário e em vários sentidos, parte do centro em cores, vermelho, azul, marrom, laranja, e amarelo. Esses fluídos coloridos segundo Brennan (1987), correm através da forma criada por ondas permanentes de luz. As cores, surgem como os campos vibracionais do sujeito que, em estesia, entra em interação com os Campos Vibracionais Cósmicos na Experiência Estética dada através das vivências conscienciais.

Na Experiência Estética, evento que metamorfoseia experiência em significação e gera fratura na cotidianidade, os Campos Vibracionais Humanos e Cósmicos se tornam híbridos. Através da interação dos campos que o sujeito no espaço de centro busca harmonização interna, para expressão no ambiente externo, no mundo no qual se insere e se interrelaciona.

O violeta se manifesta como luz transmutadora e a transmutação se dá a partir de ondas de radiação de energia, no momento em que os campos se tornam híbridos; o momento atemporal se revela e o resultado é a renovação da energia, a expansão da percepção consciente, o reencantamento do viver, a vitalidade, a purificação mental e emocional. No momento atemporal, momento presente conforme Wilber (1998), é possível revitalizar, reestruturar átomos, moléculas e células. A partir desse momento é que ocorrem as metamorfoses no ser assim como a criação de realidades.

Nessa interação, a partir do preto, que emana e plasma energia, as cores giram no sentido anti-horário; como campos vibracionais, ou parte da energia cósmica associada à energia humana, que surgem em sucessivas camadas e se interpenetram cercado uma às outras. De acordo com Brennan (1987) cada camada é composta de vibrações mais altas na medida em que se afasta do corpo físico. As cores manifestam também as vibrações dos vórtices rodopiantes; antenas captadoras e emissoras de energia que sintonizam informações contidas no espaço multidimensional.

O preto que surge, se dá ainda, como uma aglomeração de corpúsculo; uma energia condensada, como um limite que não permite a passagem de um espaço a outro, algo que paralisa e muitas vezes gera medo pelo mistério que lhe advém.

Por outro lado, como forma de conteúdo esse ponto pode significar um portal de passagem de uma dimensão a outra, ponto de referência, espaço oculto de centro de onde todas as coisas emanam e para onde retornam. O azul e o verde nas bordas da imagem, surgem como assimiladores da energia do campo fundamental, expresso pelo preto no centro do desenho mas também, como emanadores de energia.

Nesta outra imagem (fig. 13) podemos perceber linhas retas, circulares e ondulares que surgem do centro em tons azulados. Às vezes os tons são mais intensos - como o próprio fluxo das águas, do rio ou do mar, por vezes tranquilas, por outras turbulentas.



FIG. 13 – FOTO MANDALA 3

O espaço de centro se dá pelo movimento turbulento das águas, aparece como um redemoinho, um repuxo dos próprios sentimentos conturbados; manifesta-se como buraco de passagem sem começo nem fim, como o campo quantizado.

De acordo com Capra (1988), o campo é um “continuum” que está presente em todos os pontos do espaço. Portador de todos os fenômenos materiais, seu movimento possibilita a materialização da forma.

A movimentação do campo, do espaço de centro, expressa a transmutação das emoções. É na fusão dos Campos Vibracionais Humanos e Cósmicos, através do sensível, que o campo passa a ser o centro processador da cura e transmutador da dor; isso ocorre em função da emanção de pensamentos e sentimentos, que são padrões de energia que criam realidades. Nesse caso a elevação do nível vibratório de pensamentos e sentimentos geram a materialização de realidades positivas ao sujeito e ao meio onde está inserido.

A movimentação do espaço de centro gera catarse. Segundo o termo grego, “kátharsis” significa a libertação que gera desequilíbrio com vistas a reequilibração; manifesta-se como o alívio da alma, a purificação. As linhas azuis, assim que se mesclam ao branco, revelam os sentimentos já purificados. Após passarem pela turbulência no centro processador da cura, os sentimentos agora tranquilos, seguem o fluxo natural da vida, como as linhas das águas em movimento.

Linhas azuis em ondas ou retas, são como a busca de caminhos de se chegar ao centro. Caminhos que o livre arbítrio conduz, curvos ou retos, caminhando é que se faz o caminho.

Mas nesses caminhos de linhas ondulares ou retas se quer chegar ao espaço de centro, que possibilita a ordem em meio ao caos. As linhas curvas azuis são os caminhos que remetem ao círculo, a unidade, determinados pela voz do coração e da intuição. Não conduzem ao engano, são como as ondas de energia sutis na amorosidade das relações.

O verde emana de cima e por cima do azul, como gotas de chuva, ou quem sabe de lágrimas que jorram do cosmos, ou da natureza que pede socorro. Lágrimas verdes derramadas sobre as águas azuis do rio, ou do mar, que se transformam em folhas verdes, que flutuam ao vento, sem direção, mas com a esperança de sobreviver.

As folhas se concentram na esquerda, se espalham e transportam por cima e para direita das águas em movimento. Desaparecem totalmente no círculo, como se fossem puxadas pelo centro azul, de onde tiram energia para seguir em frente, mediante tantas incertezas nesse espaço em movimento.

Sabemos que a energia se manifesta em forma de ondas. Neste caso, ondas azuis oriundas da alma, ondas de intenção da consciência que determina a percepção que forma e também produz a transformação da energia. Assim, a intenção consciente ou inconsciente converte matéria, em forma de partículas, na forma de onda e transforma a forma de onda em “matéria”. Na sua forma de onda azul, a intenção consciente ou inconsciente permite que se entre em ressonância com o que se quer influenciar.

As manifestações expressivas nos levam a devaneios, transportando a imaginação a lugares em que o corpo se funde com o universo, entra em estado de conjunção com o objeto. Assim vai surgindo a leitura dessas manifestações expressivas, como ato semiótico dado através dos vôos da minha imaginação e não da interpretação de um sentido do sujeito que fez o desenho. Agora podemos ver dois textos no fundo da sala, na parede, e dois pares de pessoas abraçadas. À imagem da esquerda se refere à construção e um desenho feito em conjunto, em cores verde, vermelho, preto, roxo e azul, linhas retas, curvas e truncadas.

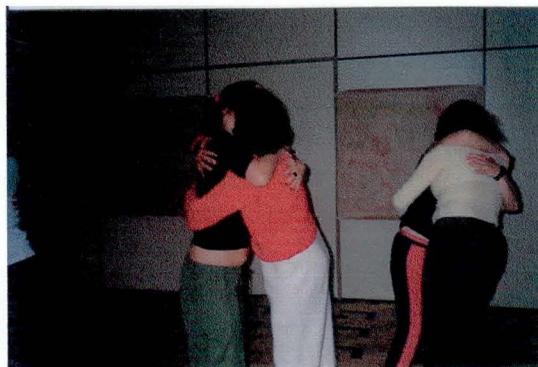


FIG. 14 – FOTO DE DESENHOS E DOIS PARES DE PESSOAS ABRAÇADAS

Segundo a fala de uma das pessoas - *“apesar do desenho ter sido feito por todas elas, têm integração, cada fundo, cada traço, cada cor, tudo tem uma ligação. O desenho não está solto, nem quebrado, possui personalidade única”*. O gesto de cada uma é retratado pela expressão de cada cor, cada traço colocado na imagem, onde as partes integradas constituem o todo.

No mesmo plano à direita, há um círculo vermelho, com linhas também vermelhas, que emanam como os raios do sol no horizonte. Atrás, duas linhas curvas que se encontram na ponta direita e na esquerda se escondem atrás do sol, energia de força e luz que ilumina o mundo.

Mais abaixo, o azul do céu no espaço central, no verde, com riscos verticais, como capins que brotam da natureza que grita por socorro e tenta se proteger no espaço de centro da figura. Manchas pretas, texturas configuradas em linhas retas e curvas surgem como uma canoa que guarda o verde dentro de si, com um pequeno mastro, as duas linhas paralelas aparecem quase no centro da figura, sobre o azul do céu, ou quem sabe do mar.

Por outro lado, as duas linhas localizadas embaixo se remetem para direita em direção ao infinito. À esquerda, de baixo para cima, quatro linhas verticais e uma curva horizontal, de tom preto se transforma em verde; como a esperança que não cessa quando se joga nessa direção.

Um dos participantes da vivência diz que - *“no desenho da esquerda, que é para expressar o que sentiram ao serem protagonistas de alguma coisa, eles não colocam o protagonismo, mas uma paisagem. No outro, da direita estão observando e expressando o que sentem e quando observam colocam protagonistas”*.

Meira (2002) diz que, no fazer da arte, a plasticidade se configura a partir dos elementos que são materiais. Assim, cada gesto dado em cada linha e cor, apresenta uma qualidade sensorial que torna visíveis idéias de sentimentos e pensamentos.

No desenho da esquerda, o sujeito expressa o que sente na Experiência Estética onde o corpo em sua multidimensionalidade, através do sensível, entra em interação com o universo. O Corpo Vibracional interage com os Campos Vibracionais Cósmicos e o sujeito se dilui no mundo “incorporando-o”, isto é, trazendo o mundo a seu corpo; logo, o mundo é o sujeito e o sujeito o mundo. Dessa maneira, o protagonismo não aparece; a individualidade é transcendida e se manifesta o que Wilber (1998) chama de - “Eu Transpessoal” - eu que une o sujeito a um mundo além do espaço e tempo convencionais. Surge assim uma paisagem, paisagem que expressa a fusão homem/mundo, a interação homem/natureza/cosmos.

Nas configurações o objeto estético transforma-se em sujeito do fazer estético, e o sujeito da emoção passa a ser o objeto. No desenho da direita, os sujeitos expressam o que sentem e observam os demais companheiros na Experiência Estética, e quando observam colocam protagonistas. Assim, os protagonistas que aparecem no desenho são os próprios sujeitos do fazer estético; esses sujeitos que sentem, ao observarem, passam a ser o objeto.

As linguagens artísticas são, portanto, modos singulares de refletirmos nosso estar no mundo, através das expressões que extrapolam o que é previsível e o que é conhecido, o que permite ampliarmos nosso repertório de significações.

Nestes dois quadros colocados na parede como linguagens expressivas que são, temos que nos deixar levar por uma ordem oculta, que se lança pela via do imaginário. No desenho da direita aparecem linhas curvas, que se encontram e fecham. É como um espaço em forma de célula; célula viva que gera vida. Dentro deste, muitas outras linhas curvas, soltas em cores preto, vermelho, roxo, azul e verde, que estão como que a volta de dois círculos vazados, um ponto preto e uma meia-lua forma um rosto.

Vemos uma cabeça que por sua posição no espaço, permite significar que perambula pelo mundo, se desloca como nuvem no céu, e como a consciência sem limites, que flutua pelo universo, por todas dimensões. Wilber (1998) coloca que a consciência sem fronteiras se expande muito além dos limites da mente e do corpo biológico. A consciência sem fronteiras dada por Wilber ultrapassa a idéia de que de um lado existe o eu (sujeito), e de outro está tudo que não sou eu, o mundo dos objetos, o meio ambiente, estranho e separado de mim. A noção do eu expande-se e inclui sem omissões tudo que foi considerado fora do ser. Assim, quando a consciência se desloca, a noção de identidade transfere-se para o universo inteiro, para todas as dimensões e mundos, manifestos e não manifestados, sagrados e profanos.

Atrás a figura de um ser que segura ou carrega a cabeça. Do lado da cabeça do ser três linhas retas paralelas em tom preto. Acima da cabeça desse ser, uma linha em tom amarelo-ouro emana como uma vibração, um insight da consciência, em direção a um ponto em que o sujeito é elevado para fora de si, até o mundo do sutil, do transpessoal. Desse ponto surge uma outra linha horizontal amarela, que quebra por linhas verticais menores inclinadas como as trilhas desviadas do centro - não levam a luz da mente sem limites; assim o encontro ocorre com uma forma de lua de cor vermelha, isto é, com a noite negra da alma.

No centro da imagem entre a cabeça do ser e a lua, aparece um olho flutuante que está na via da vida, transitando entre a noite e o dia, captando a energia do sol e da lua, vivendo momentos de claridade e de sombra.

O olhar se direciona para o sol vermelho, como se em busca de mais luz. A luz se manifesta como espelho da alma, que reflete a transcendência e nos remete a imagens primordiais, aos arquétipos.

Segundo Jung (1987) no fundo do ser de cada pessoa encontra-se a mitologia da transcendência - imagens primordiais ou arquétipos, que são coletivas, transcendentais. Os métodos básicos (imaginativos e mitológicos) de compreender a realidade são os arquétipos.

O texto se reveste de características inusitadas, o que se percebe quando o sujeito diz que - *“procurou trabalhar com as cores como se elas fossem se dissipando, assim como, a energia que estava que foi para o ar”*. O objeto estético é o sujeito da emoção que, se manifesta como uma energia, uma luz que contém o arco-íris em seu campo energético; cada tom de cor expressa uma onda etérica da luz, que com determinada vibração transmuta a energia do sujeito, isso ocorre no mundo subatômico.

A vida, como sabemos, é energia, é vibração. As cores constituem uma escala sensível e elevada dessas vibrações; elas modificam e influenciam profundamente nossas energias vitais e nossas emoções. Capra (1988) diz que na física atômica, situações paradoxais estão ligadas à natureza da luz. De acordo com ele a ação da luz situa-se num nível vibratório que qualifica de subatômico; nível no qual a partícula mais pequena parece não ser nada mais do que uma roda do universo, um complemento que depende do “todo”.

A experiência vivida engloba processos “intersemióticos” complexos, isto é de caráter estético, que envolvem a sensibilidade dos parceiros pois se sentem mutuamente. Os corpos presentes nessa vivência se configuram em duplas; se abraçam com carinho e entrega e o tato é trabalhado como uma das mais profundas ordens sensoriais (Greimas,1997). Identificação psicossomática de caráter totalizante - “corpo a corpo”, que se impõe sem mediação. Ainda a apreensão tátil nos faz experimentar sem mediação os poderes dinâmicos e transformadores dos corpos. Ao “corpo” (aos sentidos) pertence o domínio todo - mas o domínio do sensitivo pertence a “alma” à parte do sujeito que funciona supostamente “além dos sentidos” e só a ela cabe mexer com o cognitivo.

Assim as figuras experimentam várias sensações através dos sentidos, depois esses dados sensoriais são reelaborados e interpretados, isto é, das simples sensações, passa-se ao nível da percepção.



FIG. 15 – FOTO DE UM CÍRCULO FORMADO POR CINCO PESSOAS E UMA NO CENTRO

Nesta outra imagem (fig. 15) a pessoa que está no centro do círculo diz que - “*se entregou a vivência porque se sentiu amparada pelo grupo*”. O estado de euforia se revela pelo sorriso estampado em seu rosto. A alegria é imensa a cada olhar e a cada gesto trocado com o grupo. Percebe-se aí que o sujeito afeta e se deixa afetar e que a aprendizagem vai se dando a partir dessa interação, dessa troca, na entrega.

Cinco pessoas se colocam em círculo girando à volta do sujeito do centro - como os planetas à volta do sol no movimento de translação. A figura posicionada no meio é como o sol central, que ilumina o universo, as demais são partes desse sol.

A figura do centro, corpo humano enquanto manifestação no espaço telúrico, oscila e na roda viva da vida é como um pêndulo de um lado para outro. Ao mesmo tempo, gira em torno de seu próprio eixo, como o próprio movimento de rotação da terra.

Os pés estão no chão, em contato com a mandala de sal. O sal segundo Chevalier (1990) é o elemento purificador. Manifesta-se como transmutador de energias, potencializador que unifica corpo, alma e espírito. A cabeça, ao mesmo tempo que está ali, está em outro lugar, e tudo vai acontecendo no embalo, na sinergia da roda, no círculo infinito do universo.

Os corpos se inclinam, num movimento de translação, rotação e interação com o grupo e com o fluxo da vida. A energia que circula no campo se dá ora em forma de partícula, ora em forma de onda, de cima para baixo, de baixo para cima, em espiral e em todos os sentidos. É algo que se faz imanente e transcendente, do espaço sagrado ao profano e do profano ao sagrado, através do movimento de reversibilidade entre sensível e inteligível.

A física quântica nos coloca que a energia pode ser percebida existindo em forma de partículas ou sob a forma de ondas, dependendo de como é medida. Laskow (1997) afirma que é a intenção da consciência que determina a percepção que forma e também inicia a

transformação da energia. A intenção consciente ou inconsciente é que converte matéria (em forma de partículas) na forma de onda, e que transforma a forma de onda em “matéria”. Assim, o Campo de Energia cria formas, isto é, o sujeito atua no campo e ao atuar no campo ele produz formas, que então se estruturam de maneira ressonante como “matéria”.

Alguns rostos são visíveis, outros velados, assim a dualidade se faz presente. É como o pêndulo oscilante da vida, que nos coloca entre a cruz e a espada e nos remete da luz à sombra, do visível ao invisível, do sensível ao inteligível. Mas essa relação dual, se dá tanto pela separação, como pela superação do limite, da fronteira entre as mesmas, já que se complementam.

As seis figuras parecem se dividir em dois blocos de três. As duas da esquerda interagem com a figura do centro formando um corpo só, retratam a interação das partes em comunhão com o todo. As outras três da direita são partes fragmentadas, ainda que de mãos dadas no círculo maior, estão isoladas retratando a individualidade do sujeito mediante a universalidade.

A roda se configura pelos corpos inteirados, se constitui das partes que compõe o todo e são compostas por ele. Surge como o círculo infinito que pressupõe o retorno à unidade. As mãos dadas formam esse círculo, criam uma corrente de energia que transcende as dualidades e as diferenças. Retratam o fato de que a união gera força e que conforme Maturana (1999), através da troca, da interação, da amorosidade nas relações se pode fazer do outro, legítimo outro na convivência.

As figuras de mãos dadas manifestam o pentágono, o estrelado universal, o micro e o macrocosmo. O ser humano microcômico conectado com o universo através de seus sentidos, as cinco partes do corpo que interagem entre si e com o universo maior.

A primeira figura com vestes de cor verde e preto aparece como a ponta da estrela, a cabeça, o animus, que se revela pelo espírito, através da consciência. A figura no espaço de centro manifesta a alma, que está com a roupa preta, vermelha, branca e preta, com os pés descalços sobre o branco do sal. A alma é a figura de centro, a ligação do corpo com o espírito, mediadora dessa dualidade; a anima, elo de ligação entre o criador e sua forma, fator sensível na própria substância, energia atrativa, harmonizadora, de coesão, sensibilidade, vivacidade e conscientização que liga corpo e espírito.

O preto da blusa é antagônico ao branco do sal, porém complementam-se no centro. Quando ambos entram em conjunção, o preto estende-se ao chão pela linha sinuosa das calças, na tentativa de encontrar o branco; o branco eleva-se encontrando o preto da blusa e o vermelho da calça entre a blusa e o chão. O vermelho se manifesta como elo de ligação entre

o branco e o preto; surge como a potência da alma, que cheia de vitalidade e energia amorosa une a consciência ao corpo.

As duas pessoas da esquerda e da direita são como as duas pontas da estrela. De braços abertos abraçam o universo em interinfluência. Braços que se movimentam e gesticulam retratando sempre a ação e a determinação da forma através de um querer.

O braço esquerdo surge como a pessoa da esquerda, de marrom e bege, que após ajustar todos os focos possíveis através da intuição, harmoniza mente e coração. O marrom aparece como a energia de coagulação da forma na natureza. A forma é dada pela mente, que transmite ondas de radiação, através do pensamento e da emoção, padrões de energia que criam realidades.

O braço direito, a pessoa da direita, que de azul, vermelho e laranja age pela razão, iluminada pela emoção. Assim, age através da consciência ampliada, que pressupõe padrões de energia de alta frequência e possibilita a criação de realidades positivas ao ser e ao universo.

As duas figuras de costas, manifestam a parte inferior da estrela, e as pernas do ser - que sustentam sua vida, seu corpo - vinculando-o ao mundo profano e levando-o a muitos caminhos e ações no espaço tridimensional.



FIG.16 - FOTO DE PESSOAS CIRCULANDO PELA SALA DE OLHOS FECHADOS

A imagem acima (fig. 16) retrata o corpo como mediador do ser no mundo que, através da transcendência pelo sensível, no momento de estesia interage com o campo de energia cósmica. O sensível se manifesta através dos sentidos e na efetiva presença do mundo para o sujeito e do sujeito para o mundo, da fusão entre ambos. O momento de fratura na cotidianidade remete os sujeitos a um outro tempo e a outra espacialidade através da Experiência Estética.

Greimas (1993) afirma que as configurações gestuais instauram relatos cuja modalização é responsável pelo aparecimento de significados passionais. A dimensão tímica aflora cada vez que o sentido liberta as energias pulsionais.

As sensações passam pelo corpo, o corpo vibracional é ativado, o sujeito é tocado por inteiro; tato, olfato, audição, gustação, visão. Os olhos permanecem fechados, a visão interna, a imaginação simbólica e os outros sentidos são ativados.

Ao fechar os olhos os sujeitos possibilitam um tipo de visão sensível, que interage com outros sentidos. Através da estesia, na interação dos campos de energia humanos e cósmicos a imaginação simbólica é ativada e outras formas de conhecimento são possíveis. Isso ocorre em função da manifestação da luz, dos níveis cromáticos e eidético. A realidade oculta vem sobre o sujeito e o imaginário aparece como potencialidade construtora do objeto, e as novas significações são dadas na conjunção íntima, absorvente, com o sagrado - carnal e espiritual ao mesmo tempo.

Bachelard (1988) afirma que a imaginação é dinâmica, uma potência de transformação, por ser um movimento da consciência que se “lança ao real”. A consciência vibracional passa a funcionar assim, através da imaginação criadora gerando imagens simbólicas que se manifestam no nível da matéria por um tipo de texto característico de substância vibracional que se expressa através de cores e formas.

Nesta imagem (fig. 17) podemos ver três pessoas de máscaras, duas sentadas e uma de pé, a posição que se estabelece entre elas gera a configuração de um triângulo. As duas da ponta são como os vértices da base de um triângulo equilátero. A que está no centro determina a altura do triângulo, que vai da base ao vértice oposto.

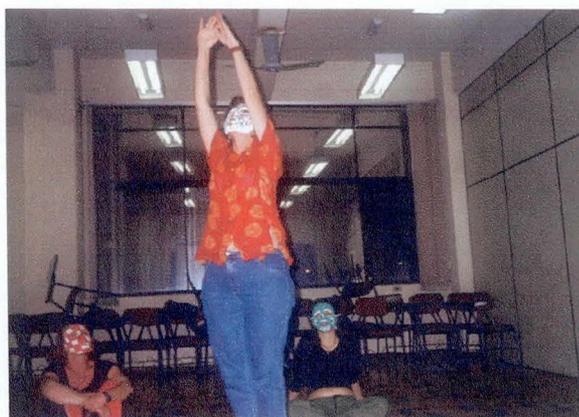


FIG. 17 – FOTO DE TRÊS PESSOAS: DUAS SENTADAS, UMA NO CENTRO COM AS MÃOS PARA CIMA

Segundo Chevalier (1990), o triângulo revela a própria harmonia do universo, a unidade que buscamos. Quando dividido em dois, se transforma em triângulo retângulo. A divisão expressa a dualidade, que também é inerente ao ser humano e conseqüentemente a perda da harmonia e o desejo de retorno a ela – a unidade.

As duas figuras sentadas mostram exatamente o que se confirma na fala de uma delas que - *“a máscara dá uma expressão que não muda, sendo assim, se tem a possibilidade de ficar mais livre para observar os outros, já que a reação aos outros fica escondida atrás da máscara”*.

A máscara usada pela figura da esquerda lembra um tabuleiro de xadrez, porém com os quadrados em vermelho e branco. Segundo Buchbinder (1996) a máscara é a cristalização corporal da estrutura do sujeito, como o mais “externo”, o que se mostra para fora, reflete o mais “interno”. A máscara aparece como o órgão de superfície, como a cristalização no nível da superfície do mapa fantasmático corporal.

Como órgão de superfície, expressa o interior do sujeito. Manifesta dualidades; os quadrados vermelhos sugerem a materialização da energia densa na forma, os quadrados brancos, da energia sutil. Surgem como o profano e o sagrado que se revelam no sujeito, constituindo duas modalidades de ser e estar no mundo, que são opostas e ao mesmo tempo complementares.

De acordo com Eliade (s.d) o limiar é ao mesmo tempo, o limite, a baliza, a fronteira que distingue e opõe os dois mundos - lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado.

Combinado ao preto e ao vermelho da roupa, o branco aparece como a manifestação da energia divina condensada - que se faz presente através do aspecto receptivo da alma na passagem do mundo profano para o sagrado.

A pessoa da esquerda olha para cima, para além das mãos da figura do centro, olha para o “vazio” sem fronteiras, “vácuo físico”, que não é um simples nada, mas contém a potencialidade para todas as formas do mundo das partículas.

A pessoa olha como se esperasse que desse espaço, algo se manifestasse intensamente, o que de fato se faz possível. Capra (1988), afirma que a observação de um evento muda esse evento; o que nada mais é do que um atributo da consciência, que ocorre tanto no nível consciente como inconsciente, sendo que os processos inconscientes podem ser alterados pela intenção consciente.

Laskow (1997) afirma que existe uma energia sutil emitida por nós que pode transmitir informação se dirigida pela mente e focalizada pela intenção. A liberação ou absorção de

energia pode ser influenciada pela energia do “vácuo” ou Campo de Energia Cósmica. Assim, o Campo de Energia Cósmica pode condensar-se em objetos materiais sólidos. Quando o campo se condensa a visibilidade das formas torna-se evidente, quando se dispersa não há mais formas.

O corpo se molda à expressão do gesto, à linguagem das mãos, dos olhos, do rosto. A mão esquerda segura o braço direito e abraça as pernas dobradas que formam uma espécie de círculo, um receptivo espaço côncavo que se deixa penetrar pela energia que emana do universo.

A figura do centro está inclinada para a figura da esquerda, que está com o corpo em linha reta, sendo que seus braços se elevam e as mãos se unem formando uma pirâmide. O rosto é tapado pela máscara colorida. O olhar se remete acima, como que buscando mais luz, mais força - se lança ao Campo de Energia Cósmica. A energia emana do campo movimentando-se do infinito ao finito, do invisível ao visível, do contínuo ao descontínuo, em todos esses casos num movimento de reversibilidade. Através dos vórtices rodopiantes perpassa todo ser, desde o Corpo Vibracional ao corpo físico e retorna a fonte.

A energia que emana de cima, pelas mãos da pessoa que está no centro é canalizada e se direciona a figura sentada a esquerda. Na interação dos campos energéticos, a energia já transmutada retorna a fonte no movimento do campo fundamental, numa dança onde vazio transforma-se em forma e forma em vazio, partículas se transformam em ondas e ondas em partículas.

Do outro lado, outra figura de verde e preto, sentada usa uma máscara de cor verde, com detalhes brancos. Dois pontos de interrogação, um em cada lado da face; pontos que pressupõem tanto dualidades, quanto incertezas.

O corpo está em descanso, se apóia nos braços que estão jogados para trás, mas à atenção da alma e do espírito se remetem à ação da figura central. As pernas se cruzam, surgem linhas retas que se encontram no fundo, também linhas curvas, que compõem a pele e a separa das roupas, gerando uma forma de coração.

A forma faz parte do corpo e ao mesmo tempo, parece estar fora dele. Surge como se o coração estivesse sobre o colo da figura. Demonstra um coração à flor da pele, que retrata a pulsação do mundo, que se manifesta como o coração do ser e o coração do mundo, a pulsação do ser.

A experiência de se atribuir sentido à imagem alia o virtual ao atual percebido. Segundo Meira (1998), sensações e imagens aparecem sempre num horizonte de sentido, ou seja, num horizonte hermenêutico cultural.

O campo perceptivo é feito de coisas e de “vazio” entre essas coisas. Meira (1998) diz que a percepção dá um corpo sensível ao caos da ação imaginativa. Ela constrói-se com estados de consciência, onde atenção e juízo se aliam. O corpo não é um mero veículo de transmissão de estímulos, pois desde o primeiro momento da sensação, realizam-se relações entre funções mentais e o corpo.

Na imagem abaixo (fig. 18) vemos três pessoas de máscaras; duas sentadas observando e uma de pé, bem no centro, gesticulando.



FIG. 18 – FOTO DE TRÊS PESSOAS: DUAS SENTADAS E UMA NA FRENTE DE MÁSCARA VERDE

Um dos sujeitos dessa vivência diz que - *“a máscara dá a possibilidade de soltar, de pirar, e deixar o corpo ir e a voz falar o que tiver vontade”*. Percebemos aí um sujeito se liberando de seus condicionamentos através da expressão corporal, vivendo apenas o momento atemporal; onde o presente, passado e futuro se fundem.

De acordo com Wilber (1998), o momento presente é um momento atemporal, eterno, um momento sem passado nem futuro, antes nem depois, ontem nem amanhã; o tempo é uma ilusão, que, antes de tudo o mais, não existe. Dessa maneira, viver dentro do momento atemporal e como momento atemporal é viver na consciência da unidade; consciência que transcende o indivíduo e revela a pessoa, algo que vai muito além dela mesma.

As relações entre as funções mentais e emocionais são dadas pelo corpo vibracional através dos gestos, que criam formas do espaço tridimensional a outras dimensões. No espaço tridimensional, através das linhas do corpo; mãos, braços, cabeça, tronco, e pernas interagem

criando formas no processo vivencial. Cada forma compõe o todo e é composta por ele, se manifesta dessa maneira, a grande teia universal.

Brennan (1987) afirma que o Campo de Energia Universal existe em mais de três dimensões, o que significa que ele é sinergia, constrói formas e continua sempre a criar mais energia. As formas se constituem assim, através do campo de energia, campo invisível, mas atuante.



FIG. 19 – FOTO DE PESSOAS CAMINHANDO PELA SALA

Nesta outra imagem (fig. 19), podemos ver cinco pessoas circulando aleatoriamente pelo espaço da sala. As duas da esquerda cruzam as pernas e abrem os braços, como pássaros que querem se lançar no fluxo do ar em plena liberdade.

Três caminham e circulam pela sala, como as outras duas, como se preparassem para alçar vôo. Ao mesmo tempo, parece que correm devagar porque elas não têm pressa de chegar, chegar ao fim da estrada, quem sabe porque esse fim não seja nada e a estrada seja o encontro com o todo, com a unidade.

A fala de uma dessas pessoas revela que - *“achou muito boa a experiência, mas não conseguia parar de rir, parecia uma brincadeira, mas o que achou legal mesmo foi a entrega total”*. Na entrega total à vivência os humores dos sujeitos reencontram a imanência do sensível. O sorriso é estampado no rosto de cada uma, em função do prazer vivido pelos corpos ali presentes, que permitem que o lúdico se instaure como espaço de verdade naquele momento único, onde a inocência traz a saúde da alma e a alegria, a saúde do corpo.

O sujeito diz que - *“naquele dia passou por várias emoções, desde que acordou até chegar ali e que essas emoções iam se transformando, na medida em que ia se expressando.*

A sensação que tinha era como se estivesse dentro do olho de um furacão, daí conseguia se dissipar com as brincadeiras, com as vivências”.

Depois de passar por várias emoções, através da expressão, da entrega aos momentos lúdicos, possibilitados pelas vivências, o sujeito consegue sair do turbilhão, do olho do furacão. Através da transcendência pelo sensível dada na vivência, na interação dos campos vibracionais humanos e cósmicos se estabelece a comunicação do céu com a terra, e da terra com o céu. Nesse momento se torna possível à passagem de uma região cósmica a outra, ou de uma dimensão a outra, o que faz com que o sujeito consiga atingir um novo estado de estar no mundo. Dessa maneira, o corpo cósmico expressa o mundo não mais no sentido de turbilhão, mas o sujeito faz de seu corpo o mundo num movimento com o fluxo da vida, celebrando a sintonia com o universo do qual faz parte.



FIG. 20 – FOTO DE UMA MANDALA COM DUAS PESSOAS MEDITANDO

Na meditação (fig. 20) o sujeito diz que - *“depois de segurar a respiração, sentiu uma luz branca, com riscos azulados muito forte e entontecedora (muito agradável) sensação de muita luz e força que se esparramava”.*

Após segurar a respiração o sujeito se funde com o objeto, então se estabelece uma outra espacialidade e uma outra temporalidade, onde o sujeito transcende a anestesia e as preocupações do dia-a-dia. As duas pessoas estão sentadas à volta da mandala em posição de lótus. O corpo relaxado e os olhos fechados, os braços suspensos, com as palmas das mãos para cima, sobre as pernas cruzadas.

Na meditação, os estados interiores permeiam a consciência externa do ser e lhe permitem contatar a vibração do nível da alma e de outros mais além... Nessa ampliação interior, a união com o infinito está dada, a serenidade emerge e a atenção aperfeiçoa-se.

A claridade da luz oriunda do cosmos, se manifesta através do espírito, que como uma lente a focaliza na mente do ser. Devido a grande intensidade e potência, essa luz não chega diretamente a níveis mais concretos por isso, usa a alma como filtro.

A alma, em princípio possui certa opacidade e assim, a imagem formada pela projeção da luz no mundo concreto é difusa. Mas, à medida que a consciência evolui, a alma vai tornando-se translúcida. A imagem manifesta-se clara e luminosa, com – *“riscos azulados, muito forte e entontecedora”*. A personalidade é absorvida pela alma e transfigurada.

O círculo em cor violeta nos remete a energia cósmica, que em interação com a energia humana, através do sensível pode transmutar a consciência, o quadrado vermelho se refere à energia de materialização e o triângulo verde a energia de harmonização. A configuração dessa mandala sugere a integração, da mente e da alma com o cosmos.

A mandala segundo Chevalier (1990), em suas combinações variadas de círculo, quadrado e triângulo, manifesta o universo espiral material, assim como a dinâmica das relações de união do plano tríplice; cósmico, divino e antropológico. A mandala expressa a unidade de princípio, o sistema do mundo, a descrição do cosmos. Imagem do mundo ao mesmo tempo sintética e dinamogênica, que tende a superar as oposições do múltiplo e do uno, do decomposto e do integrado, do diferenciado e do indiferenciado, do exterior e do interior, do difuso e do concentrado, do visível aparente ao invisível real, do espaço temporal ao intemporal e extra-espacial. As relações entre quadrado, círculo e triângulo, mostram as relações entre o céu e a terra, entre o transcendente e o imanente, exprimem uma totalidade entre o homem e o universo.

Segundo Jung (1973), as imagens da mandala são utilizadas para consolidar o ser interior ou para favorecer a meditação. A contemplação de uma Mandala inspira a serenidade, o sentimento de que a vida reencontrou seu sentido e sua ordem. A Mandala, além de ser a expressão e a atualização de potências divinas, é uma imagem psicológica própria para conduzir à iluminação quem a contempla.

Meira (1998), diz que a imagem consegue provocar em nós correspondências com diferentes funções mentais e com situações típicas, interativas, daí seu poder ontológico e social. Tendo acesso a esse simbolismo podemos fazer essa imagem viver a vida que se quis dar a ela, tanto espiritual como materialmente.

O círculo indica movimento, revela que o todo gera as partes e as impregna. O todo não existe separado das partes, nem é anterior a elas, se manifesta em função delas. O ato mental da imaginação liga-se ao intelecto pela intuição, ambos atuam sobre o saber, o fazer e o sentir. A forma sai do caos indiferenciado e assume um corpo, o da imagem a ser vista, num tempo e num espaço inseparáveis.

O que interessa não é o que aparece como verdade, mas o que parece, o sentido provisório que uma coisa assume ao se manifestar. A verdade contingente assume uma forma, uma imagem que assim como aparece, pode transfigurar-se em outra coisa, outra imagem.



FIG. 21 – FOTO DA INSTAURAÇÃO DE UM CAMPO RITUAL – CONFIGURAÇÃO, MATÉRIA E ENERGIA

A imagem acima (fig. 21) mostra a Instauração de um Campo Ritual – sagrado e profano, onde ocorre a relação matéria e energia, através da configuração mandálica. No momento em que é retirado de seu cotidiano através da Experiência Estética, na vivência o sujeito passa a fazer parte do campo ritual, onde é gerado um “centro” que se deixa iluminar por energias oriundas de todas as direções. Esse espaço de “centro” se identifica com o “cosmos”, com o Campo de Energia Cósmica. O Campo Ritual possibilita a fusão do Campo de Energia Humana com o Campo de Energia Cósmico.

A matéria e a energia são implícitas ao Campo Ritual, onde a natureza é a evocação poética da expressão na tríade: homem-natureza-cosmos. Pressupõe-se assim, a interação de um campo físico/material – enquanto energia mais densa e um campo energético vibracional – enquanto energia mais sutil na configuração do campo, ou seja, a interação do sagrado com o profano.

O Campo Ritual que se apresenta - Campo Ritual: Sagrado e Profano - é para ser experimentado, vivenciado, aberto as múltiplas manifestações, possui um caráter ativo, irradiado, dinâmico.

A Experiência Estética no Campo Ritual gera estesia possibilitando significações àqueles que ali se fazem presentes no momento de fratura da cotidianidade, descontinuidade na continuidade da realidade. A sensibilidade além de ser uma interação entre mente e corpo, é interação entre os indivíduos e as coisas.

O mais importante são as conexões, os processos atuantes a cada instante, que ocorrem através da sensibilidade permitindo a interação entre corpo e mente e entre indivíduos e coisas; o que interessam são as significações, geradas na interação do Campo de Energia Humana com o Campo de Energia Cósmico, que vitaliza, harmoniza e transmuta situações ali vivenciadas pelo sujeito.

A imagem abaixo (fig. 22) se refere ao campo vibracional humano, ao halo energético conhecido como Efeito Kirlian, Aura, Corpo Vibracional, sutil ou corpo energético.

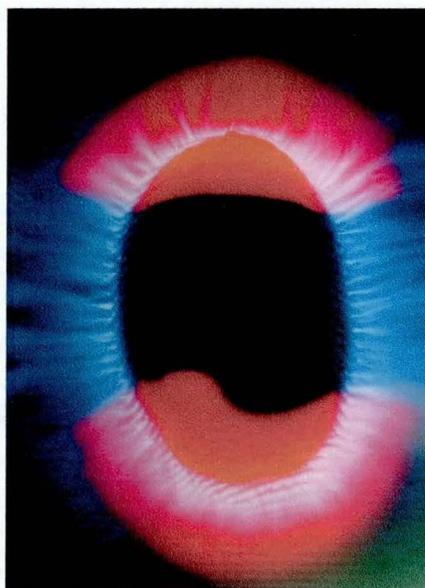


FIG. 22 – FOTO DE UM EFEITO KIRLIAN

A aura varia de cor, tamanho, formato e aspecto, conforme variações emocionais e até de acordo com o estado de saúde das pessoas, pois as doenças assim como as predisposições emocionais manifestam-se primeiro no campo áurico para depois se apresentarem no corpo físico ou material.

O Efeito Kirlian conforme Milhomens (1994) ocorre porque todos os átomos possuem campos eletromagnéticos a circundá-los. Como o corpo humano é composto de átomos está portanto, circundado por um campo eletromagnético gerado pelos átomos que o compõe. Assim a aura retrata o âmbito de irradiação da energia a partir de um ponto.

O fenômeno da aura está claramente e ao mesmo tempo dentro e fora do tempo linear e do espaço tridimensional, faz parte da teia dinâmica de padrões inseparáveis de energia.

Manifesta-se como uma forma oval e se constitui nas cores azul, rosa, vermelho, branco e um certo tom de verde no fundo preto. Cores que se referem ao Corpo Vibracional constituído por muitos campos de energia sutil e interativa. O preto com laranja, aparece como a massa do corpo físico, a energia que recebeu uma forma específica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de busca de compreensão do mundo, do que se constitui como universo visível e invisível foi assumido nesta pesquisa pela fenomenologia – hermenêutica. O que exigiu propor a relação entre pensamento e experiência através do movimento de reversibilidade entre o sensível e o inteligível.

A pesquisa Estética Vibracional - um processo multidimensional de ampliação de consciência, surgiu em função da preocupação com questões do existir através do que denominei Estética do Acontecimento; estética onde a arte penetra a vida e a vida à arte, isso num caráter singular e fenomenal, mas também descontínuo, eventual e indeterminável, uma atualização. A Estética do Acontecimento na Estética Vibracional se dá a partir da dimensão vibracional e simbólica. A tentativa nesta pesquisa foi compreender essa existência entendida como significações no campo do sensível pela imaginação simbólica.

Ao se organizar pela Religação dos Saberes o trabalho travou relações entre arte, educação e espiritualidade, visando contribuir para uma educação da sensibilidade. A pesquisa passa a ser uma contribuição ao campo da estética e da educação na medida em que, através da Educação Transdisciplinar o sujeito estésico a partir da Experiência Estética, experimentada em vivência consciencial tem a possibilidade de ultrapassar dualidades e tornar-se um ser cósmico, o que ocorre através do corpo enquanto mediação do ser no mundo. Através de um corpo que pulsa e surge como presença e expressão num mundo de relações.

A noção de corpo a que me refiro nessa dissertação é a do Corpo Vibracional; corpo que está para além de uma matéria densa, pois é massa que, tal como a luz, vibra numa determinada frequência, ou frequências porque também é energia que se manifesta como um campo em interação com outros campos. É esse corpo de energia sutil e interativa, que não é só desejo, sensação, emoção; mas amor, criação, intuição e percepção espiritual, que se manifesta como presença e expressão na Experiência Estética.

A Experiência Estética assume um significado cultural porque ultrapassa a idéia de arte enquanto disciplina, ou de uma arte vazia de sentido, desconectada da realidade. A arte aqui assume um caráter existencial. A Experiência Estética, evento extraordinário, conforme Greimas (1997) surrealidade englobada pela realidade, que fratura e ao mesmo tempo é enquadrada pela cotidianidade, nos remete a uma outra temporalidade e espacialidade; experiência, que nos permite um estado de unicidade com o cosmos onde podemos ir além da anestesia que o cotidiano nos remete, evento que metamorfoseia experiência em significação.

Através da transcendência pelo sensível o sujeito estético a partir da Experiência Estética experimentada em vivência consciencial torna-se um Ser Cósmico, isto é, ser que em movimento com o fluxo da vida e em interação com a natureza e a cultura celebra a sintonia com o universo.

Conforme Duarte Jr. (2001) o mundo antes de ser tomado como matéria inteligível, surge a nós como objeto sensível, sendo o sensível o que pode ser percebido pelos sentidos. O “sensível” é objeto próprio do conhecimento sensível, assim como o “inteligível” é o objeto próprio do conhecimento inteligível. Segundo o autor, o importante é que o saber sensível e o conhecimento intelectual se complementem.

A educação do sensível aqui se volta ao sentido da estética da “aisthesis” que em grego indica a capacidade primordial do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado, relacionado.

A “aisthesis” de acordo com Duarte Jr. (2001) restitui o conhecimento intuitivo, os seus direitos contra o privilégio tradicionalmente concedido ao conhecimento conceitual. A “aisthesis” nos permite resgatar o conhecimento dado pela imaginação simbólica que até então ficou de lado enquanto forma de conhecimento.

Maffesoli (1996) afirma que a estética deve ser entendida como simbolismo e lógica comunicacional que pressupõe uma conjunção entre as partes até então separadas. Numa perspectiva simbólica as relações inserem-se no enfoque ecológico, de responsabilidade e interlocução, onde campos vibratórios e energéticos tomam parte nas interações físicas, já que o ser humano é feito de matérias densas e sutis.

A estética além de simbolismo, é lógica comunicacional que nos faz “sentir juntos”, vibrar, experimentar coletivamente, trocar com o outro, afetar e deixar-nos afetar. Além disso é permitir-se e dedicar-se ao desenvolvimento e refinamento dos sentidos, que nos colocam diante do mundo, e que nos possibilitam tanto receber quanto emanar vibrações.

Diz Maffesoli (1996), que a estética é um compartilhamento, um “imperativo vital” em que mesmo na ordem epistemológica a razão é invadida pela imaginação, assim pensamento e sentimentos atuam juntos. O inteligível e o sensível se complementam, onde o que importa é o presente eterno; o do mito e o do simbolismo - sinergia que aborda a realidade ou surrealidade como símbolo vivo.

A estética é portanto, a faculdade de sentir em comum, uma vez que conforme Kant (1929) já não nos atemos ao objeto estético como tal, mas ao processo que nos faz admirar, contemplar as coisas. Pela via da estética podemos entender a arte não apenas como uma racionalidade abstrata, mas um fato existencial, uma conjunção total que apreende o objeto

estético de corpo inteiro. Entender a estética como estesia que rompe com a anestesia do dia-a-dia e nos possibilita o reencantamento do mundo, onde a arte penetra a vida e a vida à arte – nesse sentido a vida é uma obra de arte.

A arte com suas múltiplas linguagens expressivas dadas através das vivências estéticas, o que equivale dizer corporais e simbólicas (mitos e ritos) são instrumentos preciosos para a educação da sensibilidade, visto que nos levam não apenas a descobrir formas inusitadas de sentir e perceber o mundo, como desenvolver nossos sentimentos e percepções acerca da realidade vivida. Permitem reflexões a partir da percepção de conexões existentes entre os conhecimentos, os saberes, as expressões culturais e as ações cotidianas.

A abordagem da arte como linguagem, como forma de criação de linguagens; linguagem visual, musical, cênica, dança, entre outras possibilita formas de expressão percebidas como imagens; gestual, sonora ou visual que tornam presentes nossas idéias e emoções. Cada gesto, cada som, cada linha, massa e cor de uma produção apresentam uma qualidade sensorial que torna visíveis idéias de sentimentos e pensamentos que tornam o mundo mais poético.

Meira (1998) diz que no fazer da arte a plasticidade se configura a partir dos elementos que são materiais, conjugando sensibilidade e formas de pensamento que se ajustam ao regime do imaginário.

As linguagens artísticas são portanto, modos singulares de refletirmos nosso estar no mundo, pois nos mostram o mundo de modo sintético através das expressões que extrapolam o que é previsível e o que é conhecido, o que permite ampliarmos nosso repertório de significações.

Como outros autores, Meira (1998) destaca a importância do termo Estética que é esse “sentir com”, que se constitui como fator de politização, além de componente ético de formação do indivíduo; concepção que vincula a corporalidade e às interações com a natureza e a cultura.

No plano da ação artística, as vivências nasceram de exercícios desafiadores onde a plasticidade meramente episódica passa a ser transcendida pela estesia compreendida na transdisciplinaridade. De acordo com Nicolescu (1989) a transdisciplinaridade é complementar a disciplinaridade, pois, assim como, a multi e a interdisciplinaridade, ela cria um espaço onde as disciplinas se encontram e transcendem suas barreiras imaginárias. Ela funciona como uma ligação entre todas disciplinas ocupando-se com o que está ao mesmo tempo entre, através e além das disciplinas.

As fronteiras disciplinares e conceituais puderam ser transcendidas através das múltiplas linguagens que trabalharam diferentes aspectos das múltiplas realidades interrelacionadas. Linguagens que ultrapassaram o previsível em função de atividades provocadoras que puderam ampliar o repertório de significações de cada sujeito ali presente.

A metodologia vivencial abriu espaço para que se procurasse ampliar a compreensão da realidade no sentido de apreendê-la na sua totalidade, na sua complexidade. Conforme Morin (2001) para conhecermos a realidade não basta pensar complexo, mas incorporar, trazer ao corpo esse sentido em nossa existência.

As vivências estéticas, corporais e simbólicas possibilitaram significações que ultrapassaram o conceitual. Através da vivência - que é o instante vivido e esse instante, conhecimento de corpo inteiro, os fenômenos que se manifestaram à consciência de cada sujeito ali presente ampliaram a compreensão da realidade.

Segundo Dilthey (1890), aprofundamos nossa relação com a vida através da vivência, porque ela permeia imaginário e mundo real. Dessa maneira o sujeito “é” seu conhecimento. Sabe porque vive, vive e então conhece, conhece e pode adquirir uma noção mais complexa da realidade.

Maturana (1999) diz que nossas atitudes devem se constituir no entrelaçamento do caráter emocional com o racional. Conforme se constata nessa pesquisa pela tradução dos textos verbais e visuais dos sujeitos das vivências, muitos foram os “estados de alma” manifestos pela emoção de cada um, o que proporcionou reflexões e ações. Afirmo ainda, que o amor é a emoção que tudo pode transformar pois a emoção é que constitui o domínio de ações em que nossas interações com o outro fazem deste, legítimo outro na convivência. As vivências possibilitaram aprendizagens que se deram através das trocas, da amorosidade das relações, da dialógica.

A concepção de educação trabalhada visou transcender barreiras disciplinares e se lançar a esse “sentir com” em estreita comunhão com o desenvolvimento de valores éticos. Isso num enfoque epistemológico em função da indissociabilidade existência - conhecimento e existencial, enquanto uma das dimensões do sensível, através da noção de consciência em expansão, multidimensionalidade e da ecologia profunda.

As vivências estéticas possibilitaram a ampliação da consciência permitindo aos sujeitos expressarem fatos da mente de natureza energética - como intuições, sensações, percepções, sentimentos e pensamentos em interconexão com o universo. A perspectiva social e cultural se deu como sentido da consciência da responsabilidade de cada pessoa pelo ambiente do qual

faz parte, junto com os demais seres do universo, em permanente processo de interinfluência.

As vivências multidimensionais possibilitaram compreender melhor a dimensão energética de ordem vibracional, a perspectiva holográfica entre local e universal, o que implicou compreender o estado de interconexão e interinfluência de todos os seres. Além disso, entender melhor, instâncias de realidade que vão dos níveis mais sutis - como a mente, espírito e consciência; que com os elementos do entorno vibratório onde se coloca, a partir de diferentes estados de ser como é o caso dos chás, até o corpo mais denso como o físico pode criar realidades.

A noção de espiritualidade foi trabalhada na visão da Ecologia Profunda, conforme Capra (1997) desdobrada em ecologia interior, social e planetária. Num enfoque que se desloca de uma concepção antropocêntrica, para uma concepção cósmica; o que chamo de Princípio Biocósmico, que é visão de mundo que reconhece e valoriza toda vida no cosmos. O que pressupõe de acordo com Capra (1997), mudanças do ser interno (auto-transformação) ao mundo externo e se reconhece a interdependência de todos os fenômenos.

A pesquisa Estética Vibracional - um processo multidimensional de ampliação de consciência, na medida do possível, conseguiu alcançar seus objetivos; isso através de uma abordagem inter e transdisciplinar. Proporcionou Experiências Estéticas em vivências conscienciais no espaço educacional, na busca de um ser humano multidimensional, social e cósmico, possibilitou ainda, o desenvolvimento de uma ética biocósmica.

A relação arte-educação-espiritualidade nessa pesquisa, se deve a busca de sentido no gesto, no fazer criador, na relação do visível com o invisível do qual ela é extraída; o que nada mais é do que o campo do sagrado, abstrato mas atuante como repercussão a considerar. No pensar e praticar a espiritualidade de modo integrado, portanto transdisciplinar e ecológico, por vias multidisciplinares.

Ao defender outros modos de significação que não o conceitual, a pesquisa que insere a arte no processo educacional travando relações com a espiritualidade, possibilitou a integração do sensível com o inteligível enquanto processo de conhecimento, que não separa o corpo da mente, mas permite que os sujeitos através da consciência ampliada percebam de modo mais amplo a realidade.

Conforme Goswami (1988) a consciência é algo fora do espaço tempo não local, e que está em tudo e embora seja a única realidade, só se pode vislumbrá-la através de ação que cria os aspectos material e mental de nossos processos de observação.

É através da consciência que se expande muito além dos limites da mente e do corpo biológico que podemos compreender melhor a complexidade que cerca o universo biocósmico, assim como, determinar realidades. Bachelard (1988) afirma que a imaginação é dinâmica, uma potência de transformação por ser um movimento da consciência que se “lança ao real”.

Na Experiência Estética ocorre a fratura da cotidianidade e a fusão do sujeito com o objeto. O sujeito é levado a uma outra dimensão onde deixa a realidade da existência para viver outras realidades. O que provoca a Catarse e o sujeito acaba descarregando o peso da realidade cotidiana. A realidade oculta vem sobre o sujeito e o imaginário aparece como potencialidade criadora do objeto, assim novas significações são dadas na conjunção íntima absorvente, com o sagrado, carnal e espiritual ao mesmo tempo.

Imagens adquirem significados ao manifestarem-se através da estesia, na interação dos campos de energia humanos e universais. A consciência vibracional vai funcionar assim, através da imaginação criadora gerando imagens simbólicas, que são modos de conhecimento, dinâmico, energético, que tem força, vida - surge como algo imanente do invisível e se manifesta no nível da matéria.

Zukav (1989) diz que o campo quantizado é concebido como entidade física fundamental, um meio contínuo que está presente em todos os pontos do espaço. Segundo Capra (1988) pode ser encarado como campo unificado fundamental do qual emergem todos os fenômenos. Assim a realidade subjacente a todos os fenômenos está além de todas as formas por isso se diz que ela é sem formas. É chamada de “vazio” ou “vácuo” – mas nada mais é do que o Campo Fundamental, Campo de Energia Cósmica, essência de todas as formas e fonte de toda vida.

O campo se condensa e se dispersa ritmicamente, gerando todas as formas, que eventualmente se dissolvem no vácuo. A existência e o desaparecimento das partículas não passam de formas de movimento do campo; alguma coisa de repente se transforma em “nada” e “nada” em alguma coisa, essas transformações ocorrem continuamente no mundo subatômico.

Afirmava Einstein (1915) que matéria e energia são aspectos equivalentes e intercambiáveis de um Campo Fundamental, pressupondo-se assim, que tudo é energia em vários estados de vibração e movimento.

Diz Brennan (1987) que o Campo de Energia Universal existe em mais de três dimensões e que constrói formas. O Campo de Energia Humana é a manifestação da Energia Universal intimamente envolvida na vida humana. Pode ser descrito como um corpo luminoso

que cerca o corpo físico e o penetra, emite sua radiação característica própria e é habitualmente denominado de “Aura” - a Aura ou Campo de Energia Humana se divide em diversas camadas e à parte do Campo de Energia Universal associada ao corpo humano.

Gerber (1988) afirma que existem campos independentes, mas interconectados no corpo físico. A Aura e os Vórtices de energia, são conhecidos como Chácras; centros energéticos do corpo que atuam como transformadores que processam as energias sutis e as convertem em alterações orgânicas, químicas, hormonais e celulares. Os Vórtices rodopiantes assimilam, transmitem e distribuem energia sutil e podem ser comparados a uma antena dirigida que sintoniza informações contidas no espaço multidimensional.

No momento atemporal segundo Wilber (1998); momento presente, momento eterno, onde passado e futuro não existem, mas são produtos ilusórios de um limite simbólico sobreposto ao agora, a interação dos Campos de Energia Cósmica com os Campos de Energia Humana revitalizam, reestruturam átomos, moléculas e células, gerando metamorfoses no ser assim como, a criação de realidades.

Percebe-se assim, o corpo como um conjunto de campos entrecruzados de energia que transmitem ondas de radiação, sendo nossos pensamentos e emoções, padrões de energia que criam realidades; tanto positiva como negativamente, que afetam nosso ser como outros seres do universo. A energia sutil pode transmitir informação, se for dirigida pela mente e focalizada pela intenção, atenção, imagens mentais.

Laskow (1997) afirma que a intenção da consciência determina a percepção que forma e também inicia a transformação da energia. Nesse sentido a consciência é um campo fundamental isto é, oceano primordial que dá origem a ondas vibratórias, a partir das quais se formam movimentos circulares localizados de energia chamados “matéria”. Então o campo de energia cria formas, isto é, o sujeito ao atuar no campo produz formas, que então se estruturam de maneira ressonante como matéria; estruturado o campo auto-organiza-se se movimentando do infinito ao finito, do invisível ao visível, do contínuo ao descontínuo, isso numa relação de reversibilidade.

A consciência ampliada pressupõe padrões de energia de alta frequência, possibilitando a criação de realidades positivas ao ser e ao universo. Isso porque a consciência em expansão atinge um raio maior que o da consciência interior, ou seja, a energia é emitida para além do campo energético de nosso corpo biológico.

As vivências estéticas, corporais e simbólicas possibilitaram a ampliação da consciência que ocorreu na interação dos Campos Vibracionais Humanos com os Campos de Energia Cósmica. E é nesse momento em que os campos vibracionais se tornam híbridos pela

transcendência através do sensível, que se utiliza a Cosmoenergia - energia do todo, ou a energia cósmica para materializar no plano tridimensional.

Conforme Capra (1986) e Wilber (1998) a saúde é responsabilidade individual, uma vez que cada pessoa tem acesso ao domínio primário da realidade, que cria doença ou bem estar. O sujeito tendo acesso ao domínio da realidade pode obter mais qualidade de vida, na medida em que está atento aos padrões de pensamento e emoções que determina. A sintonização com padrões de energia sutis, geram experiências transformadoras através da transcendência, que é um processo evolutivo comprometido com o aqui e o agora, com o sensível.

Transcendência que também é imanência e possibilita harmonização entre mente, sentimentos e corpo, entre espaço interior e exterior de afetividade. O sujeito nesse sentido passa a conhecer e compreender melhor seu ser, seu corpo e as relações desse com os outros e o meio. A pesquisa, nesse enfoque, possibilita que a arte na educação também possa auxiliar o sujeito a obter mais qualidade de vida.

Assim, entendo que o propósito da pesquisa foi alcançado, isso porque através da metodologia vivencial se conseguiu reduzir a dicotomia que a modernidade estabelece entre razão e sensível. Opostamente ao paradigma educacional moderno, que privilegia o desenvolvimento da inteligência em detrimento da sensibilidade e do corpo, a pesquisa se voltou a uma educação que se dirigiu à totalidade do ser humano.

A perspectiva dessa concepção educacional é de uma mentalidade comprometida com a qualidade de vida de todo o universo, em função da indissociabilidade sujeito-objeto e a relação complementar partícula-onda que permitem ver o mundo como um sistema dinâmico auto-regulável e interconectado.

A dissertação ressalta, portanto, a importância da idéia de uma Ecologia Profunda, mencionada por Capra (1986), de que toda a ação provoca uma reação, logo na indissociabilidade partícula-onda e tempo-espaço, o que fizermos a qualquer elemento do universo estaremos fazendo a nós mesmos.

Através da estética, da educação transdisciplinar e da espiritualidade se constata pelos dados da pesquisa, que as vivências podem conduzir ao processo de reencantamento do mundo e da experiência.

As Experiências Estéticas levam os sujeitos a reflexão de seu estar no mundo, possibilitam que estes sujeitos se constituam em pessoas, não só como realidade humana, mas existencial. Experiências que significaram aprendizagens estético-expressivas e sociais

provocando reflexão sensível sobre o ensinar e o aprender, o que provavelmente tenha contribuído para a formação de cada um enquanto educador.

A educação na concepção dessa pesquisa se voltou portanto, a valorização de experiências em diferentes níveis de consciência, a valorização das diferenças, da busca de estados de harmonia entre ser humano/natureza/cosmos.

Assim, todo o conhecimento gerado ocorreu como um acontecimento dado na conexão do campo sensível com o inteligível, sendo o corpo em interação com o universo biocósmico, o mediador do processo. Na interação do Campo de Energia Humana com o Campo de Energia Cósmico é que surgiram novas significações, assim como aprendizagens que também se deram nas relações, nas interconexões.

Concepção que compromete o educador, no ato educacional a ter consciência de que seu saber se constitui em seu ser. Portanto, educar vai além do que instigar o conhecimento pois requer sabedoria. Assim a educação passa a ter mais compromisso com os interesses da sociedade na qual se insere, o que já é uma das dimensões do sensível, visto que esse compromisso político e ético da pesquisa que se volta ao bem estar dos seres vivos se expressa pela compreensão mútua, pela solidariedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Maria N. **Dilthey: um conceito de vida e uma pedagogia**. Ed. Universidade de SP: Respectiva 1987, São Paulo (coleção Estudos, 102).
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo. Martins Fontes, 1988.
- _____. **O novo espírito científico**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- _____. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. **O ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **A terra e os devaneios da vontade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do Discurso: fundamentos semióticos**. 1ª edição. São Paulo: Atual, 1988.
- _____. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ed. Ática, 2001.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, V. 1).
- BRENNAN, Bárbara A. **Mãos de Luz – um guia para cura através do campo de energia humana**. SP. Pensamento, 1987.
- BUCHBINDER, Mario J. **A poética do desmascaramento: os caminhos da cura**. São Paulo: Ágora, 1996.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CAÑIZAL, Eduardo Peñuela. O desespero num quadro de Pablo Picasso. In: Greimas, A. J. e Fontanille, J. **Semiótica das Paixões**. São Paulo: Editora Ática, 1993. (P. 198-225).
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida – uma nova compreensão dos sistemas vivos**. São Paulo. Cultrix. 1996.
- _____. **O Tao da física – um paralelo entre Física Moderna e o Misticismo Oriental**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- _____. **O ponto de Mutação – A ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 1987.

- COELHO, Teixeira. **Moderno Pós Moderno**. São Paulo: Ed. Iluminuras. 3ª Edição.[S.D.].
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. R. J.: José Olympio, 1990.
- DAMÁSIO, Antonio. **O mistério da consciência – do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. **O Erro de Descartes – Emoção, Razão e o Cérebro Humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DUARTE JR., João Francisco. **O Sentido dos Sentidos. A Educação (do) Sensível**. Criar Edições LTDA. 2001.
- _____. **Fundamentos Estéticos da Educação**. São Paulo: Cortez, 1982.
- DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **O Imaginário: ensaio a cerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Ed.Perspectiva, 15ª edição, 1999.
- ELÍADE, Mircea. **Imagens e Símbolos – Ensaio sobre o simbolismo Mágico-Religioso**. São Paulo: Martins Fontes. [S.D.].
- _____. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins fontes, [S.D.].
- FELÍCIO, Vera L. **A imaginação Simbólica nos Quatro Elementos Bachelardianos**. São Paulo: Edusp. FAPESP. 1994.
- FIORIN, José L. Objeto Artístico e Experiência Estética. **In: Semiótica, Estesis, Estética**. São Paulo: Educ Editora da PUC. 1999.
- GERBER, Richard. **Medicina Vibracional – uma medicina para o futuro**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- GIL, José. **Metamorfoses do corpo**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.
- GOSWAMI, A. **O universo autoconsciente – como a consciência cria o mundo material**. Rio de Janeiro. Ed. Rosa dos Tempos, 1998.
- GREIMAS, A. J. **De La Imperfección**. México: Fundo de Cultura Econômica. 1997 (tradução).
- GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

- GREIMAS, A. J. e FONTANILLE. **Semiótica das Paixões**. Ed. ÁTICA, São Paulo: 1993.
- HAWKING, S. **O Universo numa Casca de Noz**. São Paulo: Editora Mandarin. 2001.
- JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Ed. Nova Fronteira, Aldus Books Liteded, Londres, 1964.
- _____. **A Dinâmica do Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- _____. **Psicologia do Inconsciente**. Porto Alegre: Ed. Vozes, 1987.
- _____. **Psicologia e Alquimia** – Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- KUHN, T.S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. Ed. Perspectiva, 1997.
- LANDOWSKI, Eric. Jogos Ópticos: situações e posição de comunicação. **In: A Sociedade Refletida** – São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.
- _____. Algumas condições semióticas da interação. **In: A sociedade refletida**. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992
- LANDOWSKI, Eric; FIORIN J. L. (orgs). **O gosto da gente, o gosto das coisas**. São Paulo: EDUC, 1997. Pág. 97 – 160.
- LASKOW, Leonard. **Curando com amor – Um programa médico inovador para cura do corpo e da mente**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro, Vozes. 1996.
- _____. **A Conquista do presente**. Rio de Janeiro, Rocco, 1984.
- _____. **A Transfiguração do político – a tribalização do mundo**. Porto Alegre. Sulina, 1997.
- MATURANA, Humberto R. **A Ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1997.
- _____. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1999.
- MEIRA, Marly R. **A Experiência da Visibilidade**. In: Silva, D. (Org.). Revista Coletâneas. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS. Vol. 6, Núcleo Temático nº 2, dez. 1998.
- _____. **Educação Estética e as artes do fazer**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós Graduação em Educação, Porto Alegre, BR – RS, 2002.
- MERLEAU-PONTY, M. – **O olho e o espírito**. Ed. VEGA: 1997.
- _____. **Fenomenologia da percepção**. Liv. Freitas Bastos S.A., RJ/SP. 1971.
- _____. **O visível e o invisível**. São Paulo: perspectiva, 1971.

- MILHOMENS, N. – **Fotos Kirlian**. Ibrasa – São Paulo, 1994.
- MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 2ª Edição – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. **A Inteligência da Complexidade**. São Paulo. Peirópolis, 2000
- _____. **Os sete saberes Necessários à Educação do Futuro** – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- _____. **A Religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- NICOLESCU, B. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**, São Paulo, Trion. 2001.
- NUNES, B. **Introdução a Filosofia da Arte**. São Paulo: Ática, 1989.
- OLIVEIRA, Ana Cláudia de. A Estesia como condição do estético. In: OLIVEIRA, A. C; LANDOWSKI, E. (eds.) **Do Inteligível ao Sensível: em torno da obra de A.J. Greimas**. São Paulo: EDUC, 1995, p. 227-236.
- PILLAR, Analice D. et alii. **Pesquisa em Artes Plásticas**. Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS. 1993.
- _____. **A educação do olhar**. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- SANTAELLA, Lúcia. **Estética de Platão a Peirce**. São Paulo: Ed. Experimento, 1994
- SHELDRAKE, R. **O Renascimento da Natureza**. Ed. Cultrix, São Paulo: 1997.
- SILVA, Dinorá F. da (org.) **Revista Coletâneas**. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS. Vol. 6, Núcleo Temático nº 2. Dez. 1998.
- SILVA, Inácio A. (org.) **Corpo e Sentido: a escuta do sensível**. São Paulo: UNESP. 1996.
- _____. **Figurativização e Metamorfose: O Mito de Narciso**. São Paulo: Editora UNESP, 1995.
- WEIL, P. **Holística: uma nova visão e abordagem do real**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- WILBER, Ken. **A Consciência sem fronteiras**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- _____. **O Paradigma holográfico e outros paradoxos. Uma investigação nas fronteiras da ciência**. São Paulo: Cultrix, 1995
- ZUKAV, Gary. **A Dança dos Mestres Wu Li – Uma visão Geral da Nova Física**. São Paulo: 1989.

ANEXOS

MOVIMENTO PELA TRANSCENDÊNCIA ATRAVÉS DO SENSÍVEL
(NIETE)

SEMINÁRIO VIVENCIAL I
VIVÊNCIAS ESTÉTICAS, CORPORAIS E SIMBÓLICAS

PERÍODO: 19 de agosto a 18 de novembro
Segundas-feiras das 18:30 às 21:00

LOCAL: FACED – Av. Paulo Gama, 110, prédio 12201 sala 508

CARGA HORÁRIA: 45 horas

ABERTURA: dia 19 de agosto de 2002

ENCERRAMENTO: 18 de novembro de 2002

PÚBLICO ALVO: Professores e comunidade

NÚMERO DE PARTICIPANTES: 10 (mais as 3 pesquisadoras: Valquíria Parode,
Mônica Clemente e Míriam Benigna).

AULA INAUGURAL: 19 de agosto de 2002
Apresentação teórico-vivencial com todas as professoras.

ENCERRAMENTO: 18 de novembro de 2002
Auto-avaliação e vivência na configuração mandálica construída
com frutas e outros elementos.

AULAS DADAS: 07/10, 14/10, 21/10, 28/10, 04/11, 11/11

AULA INAUGURAL: dia 19 de agosto de 2002

ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Apresentação das temáticas dos projetos de pesquisa em desenvolvimento no mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa Estudos Semióticos da Natureza e da Cultura, suas relações com a proposta epistemológica dos “Paradigmas emergentes”, organizados a partir de conceitos nucleares de complexidade, complementariedade, partícula-onda, rede, estrutura-processo, estruturas dissipativas, indissociabilidade espaço-tempo possíveis, devido aos avanços da Física Quântica, da Biologia, das Ciências da Linguagem, da Neurologia e da Química entre outras ciências.

A importância da Universidade enquanto espaço de formação e desenvolvimento de pesquisa com esta nova e ampliada visão.

Objetivos do Seminário vivencial I.

ABORDAGEM TEÓRICO-VIVENCIAL

- A Estética Vibracional enquanto processo multidimensional de ampliação de consciência e as vivências corporais e simbólicas (mitos e ritos).
- O propósito das vivências.
- A produção de conhecimento do inteligível no sensível e a importância de uma estética biocósmica e de uma educação transdisciplinar.
- Material bibliográfico para aprofundamento.

1ª AULA

- Círculo da interação
- Vivências de relaxamento e desbloqueio de energias
- Vivência da respiração (Inspiração/Expiração)
- Caminhada da descontração (caminhada lúdica)
- Harmonização dos Campos Vibracionais

- Socialização
- Fechamento

2ª AULA

- Circulo da Interação
- Vivência da respiração (relaxamento/meditação)
- Harmonização dos Campos Vibracionais
- Vivências de ativação do centro motor
- Vivências da Cinesfera (reconhecimento e exploração do espaço)
- Vivência da criatividade
- Socialização
- Fechamento

3ª AULA

- Círculo da Interação
- Relaxamento/meditação
- Harmonização dos Campos Vibracionais
- Vivência da entrega (olhos vendados)
- Vivência da percepção através dos sentidos (olhos vendados)
- Vivência de expressão corporal (com máscaras e sem máscaras)
- Vivência Introspectiva
- Socialização
- Fechamento

4ª AULA

- Círculo da Interação
- Relaxamento/meditação
- Harmonização dos Campos Vibracionais
- Vivência da Criatividade
- Vivência com máscaras
- Vivências de afetividade

- Vivência Instrospectiva
- Socialização
- Fechamento

5ª AULA

- Círculo da Interação
- Harmonização dos Campos Vibracionais
- Relaxamento/meditação
- Criação da Mandala Pessoal
- Jogo teatral com máscaras
- Vivências de criação de formas pensamento
- Vivência introspectiva
- Socialização
- Fechamento

6ª AULA

- Círculo da Interação
- Relaxamento/meditação
- Relaxamento/mentalização
- Ativação das frequências cerebrais
- Visualização criativa (imagens e símbolos)
- Vivência na mandala
- Vivência com os Arquétipos (cartas do Tarô)
- Fechamento

RELATOS TRANSCRITOS APÓS VIVÊNCIAS

VIVÊNCIAS DA ENTREGA

PRIMEIRA FALA: *“Já estando na busca, o caminho aparecerá e as formas antes não compreendidas amanhã serão esclarecidas.”*

SEGUNDA FALA: *“Eu só me entreguei porque vi que estava amparada pelo grupo. Eu adorei!”*

TERCEIRA FALA: *“Achei muito bom mas não consegui parar de rir parecia uma brincadeira, mas o que eu achei legal foi a entrega total.”*

VIVÊNCIAS COM MÁSCARAS

QUARTA FALA: *“Sem a máscara quem tá fazendo consegue passar mais emoção, mas ao mesmo tempo quando tu vai fazer a vivência, tu fica um pouco encabulada de estar com a cara limpa.”*

QUINTA FALA: *“A máscara nos dá possibilidade de soltar, de pirar e deixar o corpo ir e a voz falar o que tiver vontade. Quando a gente está com a cara limpa como disse a colega é mais difícil, acho que o racional trabalha mais, isto porque está todo mundo te vendo, vendo que é tu mesmo.”*

SEXTA FALA: *“Não faz muita diferença com máscara, ou sem máscara porque a gente se conhece e está fazendo um trabalho junto. Mas imagina num público maior é mais fácil estar com a máscara, bem mais fácil.”*

SÉTIMA FALA: *“O que eu senti com a máscara é que na medida em que ela te dá uma expressão que não muda, tu tens a possibilidade de ficar mais livre para observar os outros, já que a tua reação aos outros fica escondida atrás da máscara.”*

VIVÊNCIAS DA MANDALA

OITAVA FALA: *“Senti na meditação, depois de segurar a respiração, uma luz branca, com riscos azulados muito forte e entontecedora (muito agradável), sensação de muita luz e força que se esparramava.”*

NONA FALA: *“Um buraco enorme, um turbilhão de sentimentos, sentimentos em turbilhão.”*

DÉCIMA FALA: *“Medo (preto) – queimado pelos sóis que se movimentam muito rápido e transmutam o medo. Semente de proteção dos índios (aguai); estão no círculo, na cor marrom.”*

VIVÊNCIAS DE CRIATIVIDADE

DÉCIMA PRIMEIRA FALA: *“Apesar de que esse desenho tenha sido feito por todos nós achei que tem muita integração, cada linha, cada fundo, cada traço, cada cor tudo tem uma ligação, ele não está solto, nem quebrado, possui uma personalidade única.”*

DÉCIMA SEGUNDA FALA: *“Acho interessante isso de pensar porque existiu sintonia, ou porque a sintonia foi se construindo na medida em que alguém fez o primeiro traço e foi dando a linha do desenho. Mas assim olhando os desenhos é interessante que no da esquerda, que é para expressar o que a gente sentiu ao ser protagonista de alguma coisa, a gente não coloca o protagonismo e coloca quase uma paisagem. No outro a gente tá observando, está expressando o que a gente sente, quando observa a gente coloca protagonistas e isso é uma coisa interessante.”*

DÉCIMA TERCEIRA FALA: *“No primeiro desenho a gente estava no centro, se sentiu uma pessoa, uma força como o sol, o eu, e no outro, onde a gente estava como observador a gente via pessoas, a gente viu olhares. Então o desenho se manifestou*

isso, a gente via as personagens e quando era a gente a gente não enxergava o personagem mas enxergava outra coisa, outra coisa maior.”

DÉCIMA QUARTA FALA: “Hoje passei por várias emoções desde que acordei até chegar aqui. Essas emoções foram se transformando na medida em que a gente ia se expressando. Eu procurei trabalhar com as cores como se elas fossem se dissipando assim como a energia que eu estava, ela foi para o ar. A sensação que eu estava hoje é como se eu tivesse dentro do olho de um furacão e daí eu consegui me dissipar assim, com as brincadeiras, com as vivências. Foi muito bom!”

DÉCIMA QUINTA FALA: “Foi legal porque quando eu cheguei aqui depois de ter feito dois mapas percebi o efeito, eu estava quente. Na hora do desenho fiquei pensando mas depois o engraçado é que quando eu acabei de fazer percebi uma coisa saindo de mim aquela águia. É a coisa da entrega.”

VIVÊNCIAS DA MANDALA

DÉCIMA SEXTA FALA: “A luz dourada sempre em pequena dimensão e muitos pontos coloridos (como elétrons e neutrons – assim eu imagino – dançando/movimentando-se em minúsculos tamanhos). Foi aparecendo os vórtices partindo do centro, como se alimentando do centro e emanando para as bordas. Fiquei feliz em ver a mandala elaborada e também de produzi-la pois sempre tive vontade e nunca tive determinação, coragem de realizar esta ação (parece que não ia conseguir construir...)”

DÉCIMA SÉTIMA FALA: “Bem no centro no círculo bem forte e pequeno ao redor um círculo azul esfumado feito no sentido horário. Mais para fora o mesmo círculo no sentido anti-horário e cor. Hélices em vários sentidos que partem do centro, movimento (horário e anti-horário), seis pétalas (centro azul/laranja).”

DÉCIMA OITAVA FALA: Inspiro... me diluo no universo o silêncio entra pelos ouvidos. A paz e o amor transbordam meu ser. Do centro algo irradia luz prateada. Emana o violeta para as bordas. Movimenta-se e pulsa muito rápido. Essa luz me

invade, vai e volta. É muito brilho! É como um raio. Sinto medo, meu corpo se estremece. As imagens surgem e vão embora, pontos, linhas, cores, muitas cores que pulsam e se misturam. Me sinto contemplada por algo que não sei bem o que é... Entro em êxtase... Bolas de cores violeta, verde e vermelho se movimentam. Pontinhos de luz correm como numa dança incessante de um lado para outro círculos com bolinhas pretas no centro correm de cima para baixo. Um cheio maravilhoso de flores um perfume intenso me invade e invade o espaço ao meu redor. Olho e não vejo nada..."